

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV :: N.º 12 :: Cr\$ 1,50 em todo o Brasil :: 18 de Março de 1944

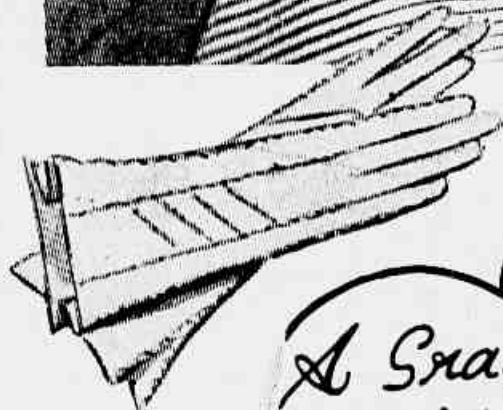


No texto:

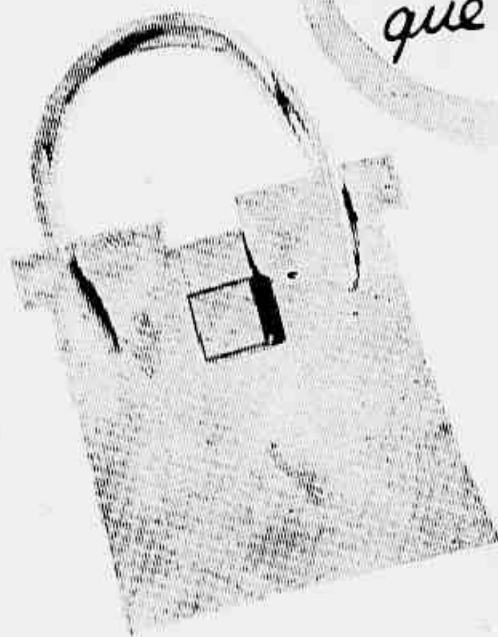
O amigo n.º 1 da Criança

Uma entrevista com
LUIZ EDMUNDO

GENTE NOVA



A Sra. já conhece
a nova Secção de
Modas no Sub-
Solo da Casa Lú?
Visite-a e veja o
lindo sortimento
que oferecemos.



VESTIDOS — CHAPÉOS
COSTUMES — LINGERIE
"SPORT" E PRAIA
BOLSAS — LUVAS
MEIAS — BIJOUTERIE

Casa Lú
Modas

Assembleia esq. Gonçalves Dias



Lucília Chagas Machado Costa. — Rio. — Novembro 1945.



Nelson, filha do casal dr. Hugo Carneiro — Selyllia de Freitas Carneiro, no dia de sua primeira comunhão com a farda de 2.º anista de seu colégio.

OS POMBOS DO Sr. BATISTA

UMA CRONICA DE HENRIQUE PONGETTI,
ESPECIAL PARA REVISTA DA SEMANA.

Foi pela revolução de São Paulo, em 32. O sr. Batista — João Batista Pellegrini — passava obrigatoriamente pelo café Belas Artes, onde existe hoje o Palácio do Café, pois seus afazeres prendiam-no, ali nas imediações, à venda de "poules" para corridas de cavalos. Um dia, deparou, na calçada, com dois pombos esfomeados, sem forças para reerguer voo. De onde teriam surgido? O sr. Batista ainda hoje ignora. Deu-lhes alimento e procurou outro casal de aves para fazer companhia aos primeiros. Elas cresceram... e multiplicaram-se. Hoje, não tem mais conta. Por longo tempo, o caridoso vendedor de "poules" alimentou-as até que um dia o Prefeito, em conversa com o sr. Batista, propôs dar-lhe uma pequena subvenção. Este protestou, alegando ganhar o suficiente para sustentar os pombos, embora eles, então, já consumissem aproximadamente dez quilos de milho por dia. Tempos passados, nova proposta — e nova recusa do nosso homem. Até que agora, recolhido à casa de onde sai apenas de longe em longe, vê, satisfeito, que outros continuam a sua tarefa caritativa. Em vésperas do aniversário do Chefe da Nação, o sr. Batista priva-os da ração costumeira, e na manhã seguinte, soltando-os, em revoada, presta a sua homenagem ao sr. Getúlio Vargas. Na sua vi-

venda humilde das Laranjeiras, ele não tem pombos. Pombos, só na Avenida. Mas tem um cão amigo e inseparável que o acompanha em seus giros pelas ruas da vizinhança...

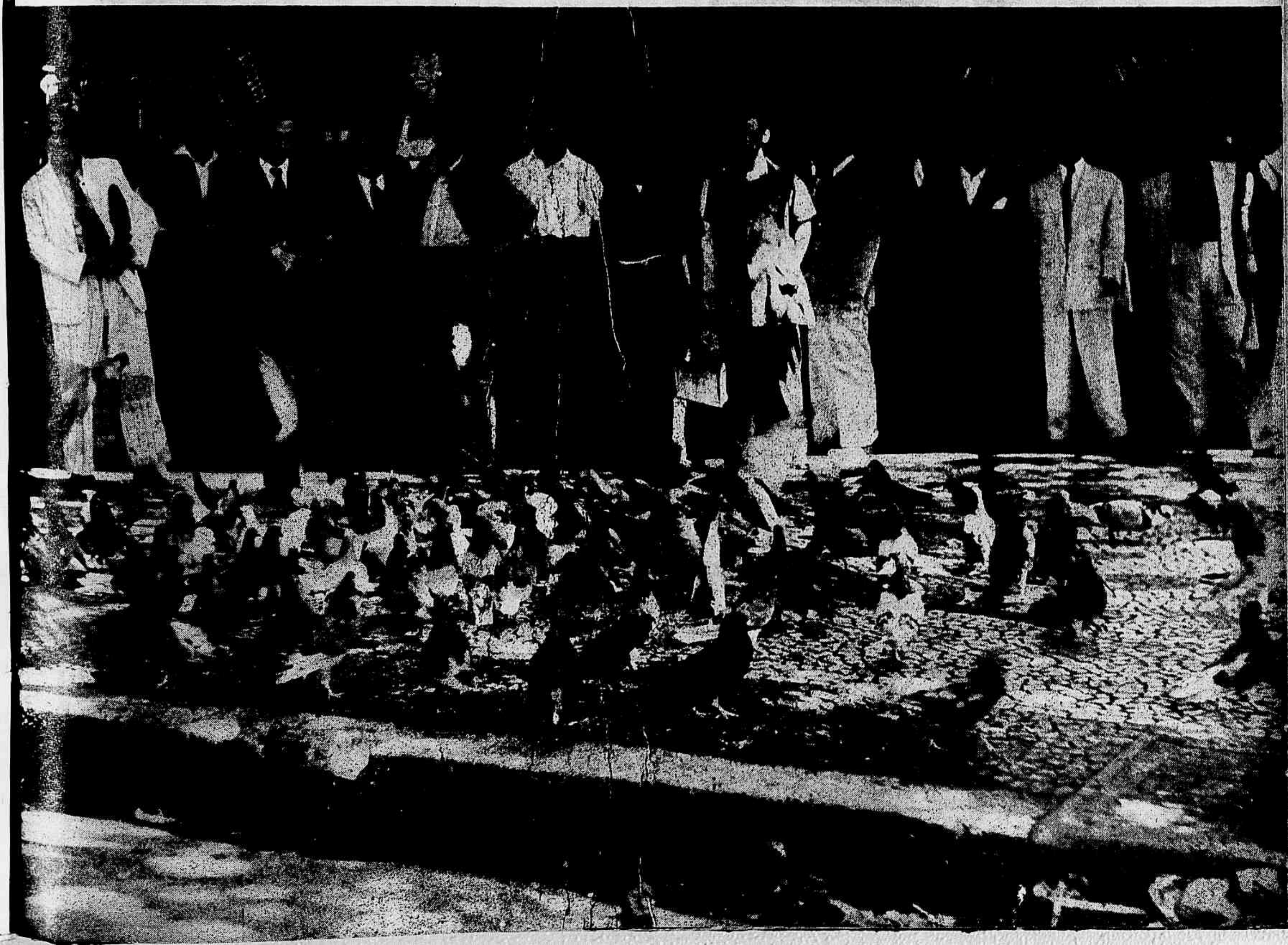
Havia na Itália um lugar-comum turístico provavelmente irresistível: os pombos da Praça de S. Marcos. Irmãos das gondolas. Na fotomania cosmopolita, eles arrastaram a uma pose de S. Francisco de Assis falando aos passaros quanto basbaque casse nos canais caros a Longhi. Eu mesmo havia posado, diante dos deuses do ridículo, que preferia morrer nas profundas do "Adriaco mare" carducciano a dar milho aos cúmplices da Agencia Cook. Ao entrar na praça — uma praça com a atmosfera íntima de um salotto resoante ainda da tagarelice das mulheres de Goldoni — meu coração se apertou. Era a tocaia do cartão postal armando seu bote contra a minha premeditação de turista sem camera. Antes, uma ondasinha íntima de sentimentalismo refrigerava as securas da alma; depois vem uma febre alta de documentação. Pensa-se em Wilde bebendo ambrosia nas taças de ouro do "Danieli"; em Taine tomando notas nos canaisinhos anônimos; em Wagner morrendo; em Foscarina Duse se esbaldando de amor e de dívidas nos braços interesseiros do futuro regente de Fiume — pensa-se nisso tudo por causa dos pombos, porque os pombos dividem com as gondolas a honra de reanimar na memória do mundo a vida morta de Veneza.

— Chame o fotógrafo!

— Dois cartuchos de milho, por obsequio.

— Due lire, care signore

Os pombos da Avenida — esquina da rua Bittencourt da Silva — constituem hoje uma tradição da cidade. A' hora da refeição esse é um espetáculo pitoresco assistido por quem passa. Os pombos são mansos e agora estranham a ausência dos "chauffeurs" desaparecidos com a escassez da gasolina...





O autor deste artigo, Jorge Maia e Licurgo Costa entre os pombos fatais da Praça de São Marcos. Hoje não é preciso ir tão longe para obter fotografias parecidas. Os turistas não perdem esse novo flagrante carioca.



A princípio eram quatro. Multiplicaram-se para o dobro. Depois multiplicaram-se muitas vezes mais para serem hoje centenas e centenas as avesinhas que o sr. Batista começou a criar...

Os pombos de S. Marcos, além de cúmplices da Agência Cook e da Kodak, pareciam participar dos lucros das cooperativas agrárias e dos vendedores de milho em cartucho. Meu Deus como eles eram roliços e papudos! E como assim mesmo caíam de bico sobre quanto milho teimassem em oferecer-lhes! Cheguei a pensar na sua fome insaciável como numa habilidade de pombos de ilusionistas.

Com certeza à noite, quando os turistas dormem, os pombos mágicos devolviam dentro de cem caixas em tamanho decrescente o milho aparentemente digerido durante o dia.

— Miren, senores! No hacemos trampas!

— Dio ti benedica, piccione dell' anima mia!

E voltava-se a encartuchar o milho sem fim.

— Come como um pombo da Praça S. Marcos! — diziam do conde Ciano os inimigos da sua sogrocracia vitoriosa.

Uma tentativa de dar ao Rio de Janeiro pombos para o álbum do turista, está em pleno desenvolvimento por obra da alma franciscana do sr. Batista. O sr. Batista vendia "poules" das carreiras de cavalos, ao lado do substituído Café Belas Artes, mas nunca teve sombra do físico da profissão. Lembra bastante o regente Arturo Toscanini: há no seu rosto, ao mesmo tempo, a doçura e a virilidade de quem ama a música, guiando músicos. Um idealista puro: o que ganhava em cima da esganção de dinheiro dos compradores de "poules", ele transformava em milho. O dia dos pombos — a revelia do slogan — chegava todos os dias. E os pombos do sr. Batista cresciam de número espantosamente como uma família católica do interior do Ceará, onde se emprega, em procrear, o tempo destinado noutros lugares ao cinema e à leitura de processos malthusianos.

No começo foi preciso que o sr. Batista falasse como S. Francisco de Assis, não aos lobos, mas aos chauffeurs do ponto da esquina do Belas Artes. Eles andavam furiosos com certas liberdades dos pombos sobre as capotas limpinhas dos seus carros. Não podendo pôr fraldas ou calcinhas impermeáveis nos seus protegidos, o sr. Batista mandava limpar ou limpava — e fazia o seu sermão:

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

— Irmãos chauffeurs, por que essa raiva contra os irmãos pombos? Vocês já viram um namoro deles?

Os cinesiforos do sr. Coelho Neto foram se dobrando, dobrando, até chegarem ao estado de graça, isto é: de trazer uma espiga ou milho solto onde antes queriam esconder a flaubert ou o estilingue.

— Coma, mas veja lá como agradece, seu sujinho!

Já tinha passado a fase das represalias contra os mal agradecidos. Ninguém resiste à sensação de ver um passaro esquivo, sempre a fugir do espantalho homem, pousando num braço para bicar o milho na mão. Os homens não tem a menor duvida sobre o terror que inspiram aos passaros. Os pombos parecem compreender melhor a história e tratam de avançar na espiga.

O sr. Batista lutou muito para botar a praça de S. Marcos numa esquina do Rio. A Prefeitura chegou a oferecer auxilio para o sustento dos pombos, auxilio que o sr. Batista recusou, para não sofismarem que ele quizesse entrar no milho municipal. Mas o sr. Batista tem, debaixo da apparencia de regente musical, não a alma de um domesticador de pombos, mas a fibra de um amansador de homens. Ajudando os sermões com milho, deitando grãos aos pombos e palavras de fé aos seus semelhantes, ele conseguiu muito, muitissimo. Hoje os nostalgicos da cidade de Longhi e Goldoni encontram para a camera fotografica a oportunidade de uma segunda via turistica. Todavia, o sr. Batista ja não está mais na sua lojinha de sortes da esquina: recolheu-se á vida privada como um Cincinato sem orgulho das glorias conseguidas. Basta á felicidade do seu exilio o simples eco da vida na sua esquina, a esquina dos pombos mansos:

— Você viu bem? Eles estão todos gordos?

— Gordissimos. Milho não falta.

— Graças a Deus, diga sempre graças a Deus. Outra coisa, meu filho: eles aumentaram de numero?

— Bastante. Pelo menos de cem.

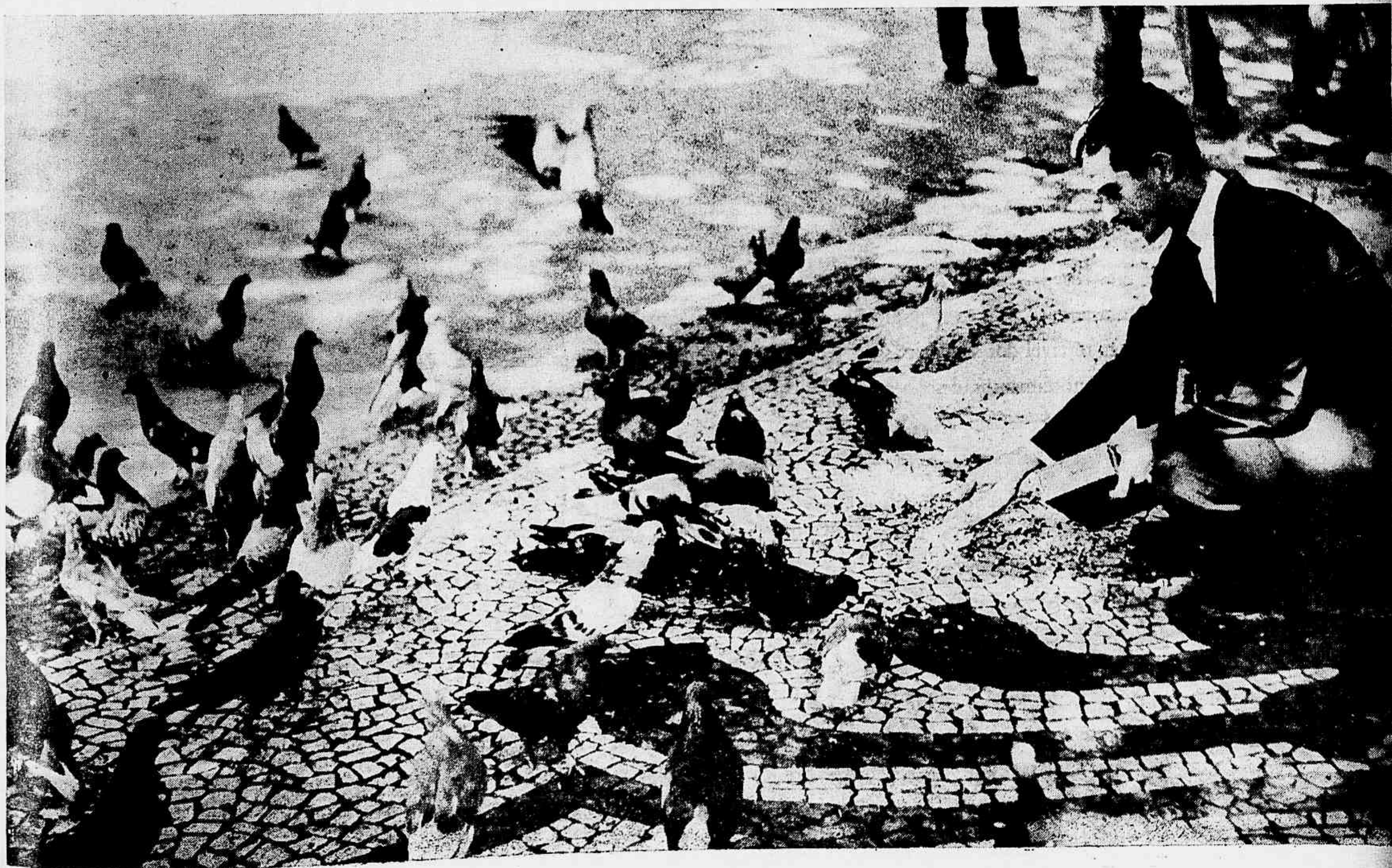
— Graças a Deus, diga sempre graças a Deus.

E o sr. Batista fica de olhos parados lá longe, feliz como o pai da familia cearense ao vagir do decimo rebento; contente como S. Francisco de Assis quando viu todos os lobos esticando a cabeça para ele afagar, humildes como cachorros de gente pobre.

Este é o continuador da obra piedosa do nosso heroi. Duas vezes por dia distribue a ração aos pombos e guarda as sobras numa caixinha de charutos para o dia imediato. Uma vez por semana o "stock" de milho é reabastecido.



A' alma franciscana do sr. Batista devemos hoje esse novo aspecto da cidade. Mas o precursor da idéia vive agora no seu retiro das Laranjeiras e substituiu os pombos pelo cachorro de estimação.





DOMINANDO UM INIMIGO IMPLACÁVEL!

DENTRE as forças terríveis e destruidoras da enfermidade, nenhuma é mais temida, especialmente em tempo de guerra, do que o tifo. Não sendo dominado, êle se propaga com pavorosos efeitos e, através dos séculos, tem destruído mais homens do que os caídos nos campos de batalha de todos os tempos. Hoje, os mestres da medicina em todo o mundo reuniram suas forças para combater esta praga terrível dos séculos passados e todos os conhecimentos, descobertas e o equipamento da ciência moderna são utilizados na grande tarefa de aniquilar êste inimigo implacável. Fizeram-se grandes progressos neste sentido e uma nova e poderosa arma é a vacina obtida de



Quando comprar um produto medicinal para o hospital ou para o lar, veja se traz o Sêlo da Casa Squibb, pois, Squibb é um nome de confiança.

ovos infectados pelo tifo, a qual protege as vidas dos soldados dos Estados Unidos. Muitos outros países participam agora também dos benefícios desta grande descoberta. Uma das principais atividades dos Laboratórios Squibb consiste na preparação desta importante vacina. Há mais de 85 anos que o nome Squibb tem estado positivamente associado aos grandes progressos realizados pela medicina. Desde a data da sua fundação, a Casa Squibb tem se guiado por uma norma inflexível — cada produto dos seus laboratórios é tão puro, tão uniforme e tão eficaz como a experiência humana e o conhecimento científico possam produzi-lo.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 e qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 18-3-1944 --- N. 12

sumário:

LITERATURA

Os Pombos do Sr. Batista (Henrique Pongetti).....	3
Livros Novos.....	10
Tres Convites à Dança e ao Amor (Mario Sette).....	15
Um crime no alojamento de oficiais — Nevela de Karl Deizer.....	16
O Circo e a Literatura.....	20
Um Prazer Diferente — Conto de Pierre Louys.....	33
Cosas Não Ditas (Escagnolle Doria).....	34

REPORTAGENS

Por que se candidatou à Academia? — Entrevista com Luiz Edmundo.....	8
Equitação esporte fidalgo.....	12

FOTOGRAFICAS

O amigo n. 1 da criança (Celestino Silveira).....	25
Aconteceu no Rio.....	23
Joquei Clube.....	32

CINEMA

Deanna Durbin quer trabalhar — e outros assuntos.....	22
---	----

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos — e outros assuntos a começar da página.....	35
---	----

AVULSAS

Gente de Hoje.....	2
De Teatro — De Rádio.....	14
Stieglitz, o pioneiro da fotografia.....	24
Sete Dias de Guerra.....	29
O Teatro na Grã-Bretanha e a Guerra.....	42

CARICATURAS

De Bom Humor.....	18
"Charge" de Raul.....	50

A nossa capa



As crianças desta geração tormentosa nasceram e cresceram vivendo ao fragor de terríveis batalhas que se travam num mundo convulsionado e tangido pela catástrofe mais barbara que ainda se conheceu. Si os brinquedos infantis, em todas as épocas, sentiram sempre o reflexo da guerra, e na redileção juvenil pelos arêtes militares, não surtiram de que o fenômeno se registre agora mais acentuadamente. O clarim soprado pelo sino, o tambor rufado pelos não-inhas do garoto, são um símbolo. O símbolo de uma época de lutas, de noites de exercícios e noites barbares que sabem da terra aos céus e ali devem reencantar. Que destino estará reservado às crianças de hoje, num amanhã não distante? Quando nos lembramos que um ser humano, nascido no dia 2 de setembro de 1939, está em vésperas de cumprir um lustro de existência, vai iniciar seus estudos e começa a ter discernimento das coisas, sem viver um dia de paz, sequer, devemos sentir a apreensão mais justa e mais intensa que uma predestinação dessa ordem pode sugerir. (Nas páginas centrais deste número, o leitor encontrará outras fotografias da mesma série, justificando uma crônica a propósito.)

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**.

HA TRINTA ANOS

Aquele mesmo leitor de quem lhes fli números atrás, e a mania consiste em flihear e lições de jornais e revistas, ficou satisfeito com a divulgação feita nesta coluna, do soneto perpetrado pelo meu velho amigo e companheiro de lutas Olegario Mariano ainda antes de começar a primeira guerra mundial. E mandou-me agora outra preciosidade. Aí dor volta de 1914, a REVISTA DA SEMANA instituiu, em ar de treça, é verdade, mas instituiu, uma polêmica "enquete" subordinada ao título: — "Que me diz do divórcio?" Trinta anos passaram, o tema continua em ordem do dia, e até sem solução. Eis porque o leitor alfabetista reproduziu na sua carta algumas dessas pitorescas respostas e lidas pelo repórter através de correspondência que o público lhe mandava, pelas dúvidas, com pseudônimo. Vejamos:

Do padreiro da esquina: "Só lhe digo que se veja a minha mulher de braço dado com outro, prego dois sopapos em cada um, que nunca mais se divorciam cá neste mundo. Eu admito lá essas poucas vergonhas!"

De uma corista: — "Para quê o divórcio?"

De uma esposa infeliz: — "O divórcio é a única coisa em que estou de acordo com o meu marido."

Do marido da supradita: — "E vice-versa."

De uma dama impaciente: — "O divórcio, quando vier, também será para todos?"

De uma vítima da crise: "O divórcio é cada um em sua casa... com a sua mulher e com os seus filhos? Si é assim, aprovo!"

Que respostas seriam recebidas si a "enquete" fosse repetida em nossos dias?

T. E. O.



— Não é preciso se incomodar tirando daí seus brinquedos, mamãe quer ter certeza na hora em que seu pai chega.

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

FALA LUIZ EDMUNDO: "SÓ AGORA ME SENTI MADURO PARA TAL..." — A LINHA MAGINOT TAMBÉM SE CONSIDERAVA INEXPUGNAVEL, E AFINAL... — OTIMISMO, MOEDA DE POUCO GASTO PARA O AUTOR DE "O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO" — A PROPÓSITO DO AFASTAMENTO DE ROBERTO SIMONSEN — ONDE APARECE UM CAFEZINHO SABOROSO E UM CÃO POLICIAL CHAMADO "NERO" — A OBRA DE LUIZ EDMUNDO DESDE "NIMBOS", PUBLICADO AOS 17 ANOS, ATÉ "A CÔRTE DE D. JOÃO NO RIO DE JANEIRO" — DOIS LIVROS EM PREPARO: "TEMPOS DE PEDRO I" E "RIO DE JANEIRO DA MOCIDADE DE PEDRO II" — COLABORADOR DO "CORREIO DA MANHÃ" HÁ QUARENTA ANOS — OUTRAS NOTAS



De "O Rio de Janeiro do meu tempo": Rua do Passeio, vendo-se a parte por onde atravessa, hoje, a Avenida Mem de Sá.

Não é fácil entrevistar Luiz Edmundo. O repórter, o escritor, o historiador da cidade abstem-se de falar com o confrade que o procura para saber coisas interessantes. A qualquer hora que se telefona, ele está em casa. Trabalhando, sem dúvida. Mas pouco inclinado a conversar a seu próprio respeito... O tempo é de ouro. Isso, porém, longe de provocar desânimo, retempera, entusiasma e predispõe. É assim que afinal, depois de três ou quatro dias de infrutíferas ten-

tativas, conseguimos devassar o "habitat" do escritor. Mas quando nos encontramos deante de Luiz Edmundo e lhe dizemos os motivos reais que até a ele nos levaram, sorri e responde:

— Em que pôde interessar, ao publico, o caso particular da minha pobre candidatura?

— O publico, sobretudo de uns tempos a esta parte, — replicamos — olha com o maior interesse tudo que se passa na Academia. Ela é ainda o cenaculo onde se encontram os senadores da literatura... Si a entrevista não tivesse, realmente, o interesse que lhe atribuímos, não estaríamos aqui, como estamos, para ouvi-lo.

Luiz Edmundo resolve capitular. Faz-nos sentar. Seu gabinete de trabalho é modesto, porém simpático. Livros por toda parte, quadros, bustos e estátuas.

— Espero que o meu amigo seja discreto nas suas perguntas — diz-nos agora — porque o pensamento do entrevistado é que são um tanto perigosas as entrevistas que se fazem sobre tal assunto...

— Discretíssimos seremos, como verá...

E surgiu a primeira pergunta, "pivot" da nossa "enquête":

— Por que motivo somente agora, Luiz Edmundo, você se apresentou candidato a' Academia, quando já poderia ter-se apresentado ha mais tempo?

Luiz Edmundo sorri com o seu olhar malicioso por detrás do "pince-nez" que limpa frequentemente:

— Por não me sentir maduro para tal — responde. Precisava de um ambiente que não impuzesse aos amigos do "Petit Trianon" certos sacrificios de oração... Por diversas vezes fui animado por velhos companheiros acadêmicos a apresentar-me. Sorria sempre. Disfarçava. Sabia muito bem que a Academia não se compõe, apenas, de cinco ou dez amigos nossos, mas

A REVISTA DA SEMANA PROMOVEU UMA OPORTUNA "ENQUÊTE" JUNTO A ALGUNS DOS CANDIDATOS A'S VAGAS EXISTENTES NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — DE PEREIRA DA SILVA, FERNANDO MAGALHÃES E AGORA A DE RODRIGO OCTAVIO — CUJAS ELEIÇÕES PARA OS SUBSTITUTOS TERÃO LUGAR PROXIMAMENTE. EM NUMEROS ANTERIORES, DEMOS A PALAVRA A BASTOS TIGRE E JORGE DE LIMA. HOJE CHEGOU A VEZ DE LUIZ EDMUNDO. E EM NUMEROS VINDOUROS OUTRAS FIGURAS DE RELEVÃO CONTINUARÃO DESFILANDO PELAS NOSSAS PAGINAS, SERVEM. ASSIM, AS VAGAS DA ACADEMIA DE EXCELENTE PRETEXTO PARA FOCALISARMOS UMA PLEIADE DE ESCRITORES REPRESENTANTES DA MAIS ALTA EXPRESSÃO DAS NOSSAS LETRAS.

No proximo numero : SILVIO JULIO.

de quarenta membros. Não desejava forçar votos. Na minha vida sempre tive um enorme respeito pela opinião e pelas determinações alheias. E trabalhava, isso sim, trabalhava, tentando crear obra melhor que a já feita, deixando que nascessem mais cabelos brancos. O momento tardou, mas chegou.

E arriscamos nova pergunta, novo camentário:

— Afirma-se que a sua situação, no pleito, é a melhor possível!

O escritor faz um gesto de negativa formal. Ou, pelo menos, de duvida:

— Não sei porquê. Da Linha Maginot, também se dizia que era forte e inexpugnável e que, graças a ela, a França venceria de qualquer maneira. Uma formidável muralha, toda de aço e de cimento armado, diziam os entendidos! Pois não foi ela contornada, facilmente, pelos alemães?

E sorrindo:

— Não creia em fortalezas, meu amigo. Nem acredite no que lhe disséram!

— E' tão pessimista assim?

— Faço apenas, do meu otimismo, moeda de pouco gasto. Não a desperdico com pequenas razões...

Na vespera, souberamos que um dos candidatos a' vaga para a qual se candidatou Luiz Edmundo, havia desistido:

— A retirada de Roberto Simonsen, naturalmente, ha de melhorar bastante sua situação.

E Luiz Edmundo:

— Melhorou, não ha duvida, melhorando também a dos outros candidatos. Simonsen é que estava realmente forte.

Consideramos que havia sido, na verdade, um gesto altamente simpático e fidalgo o de Simonsen, gesto que muito devera influir, agora, no pleito recém-aberto para preencher a vaga da cadeira que pertenceu a Rodrigo Octavio, a de n.º 35.

Caricaturistas do começo do século reunidos em casa de Luiz Edmundo, onde foram recordar o Rio de 40 anos atrás, tempo feliz vivido em companhia do escritor, companheiro de geração e atividades artisticas. De cima (à esq.) para baixo: J. Carlos, Vasco Lima, Seth, Luiz Edmundo, Helios, Rubem Gil, Casanova, Leônidas, Calisto, Bricio de Abreu, Raul e Yantok.



— Sobre esse particular não ha duas opiniões — frisou o nosso entrevistado — principalmente quando se considera que ele ja' dispunha de elementos do melhor destaque da Academia.

— Disseram-nos que você, em passadas eleições, teve ja' um gesto identico...

— Identico, sim, porque Simonsen não chegou a apresentar a famosa carta de inscrição, na Casa de Machado de Assis. Assim fiz eu por diferentes vezes. Ainda pela eleição de Menotti del Pichia, não me inscrevi, como contava, embora disso não se fizesse a menor publicidade. Menotti, Cassiano, Viriato e uns três ou quatro apenas conhecendo o meu gesto. E agi muito bem, melhorando o ambiente que ja' tinha, consolidando a minha pretensão.

— Que idéia faz dos seus atuais concorrentes?

— A melhor possivel. São intelectuais de sabido valor, que honram, sobremaneira, o pleito.

— E, dêles, qual o mais forte?

— Somos todos da mesma força, embora não seamos da mesma sorte. Porque é preciso contar com ela, também, a sorte... Entro no pleito, assim posto, satisfeitíssimo por ombrear com homens de real valor. Si perder, sera' porque não chegou a minha vez. Não me inquietarei por isso. Possuo um sentimento esportivo muito elevado, em toda a luta em que me empenho. E serenidade. Sei perder, também, como poucos, talvez.

— Entra no pleito como um cavalheiro do século XVIII, de luva de pelica e de punhos de renda...

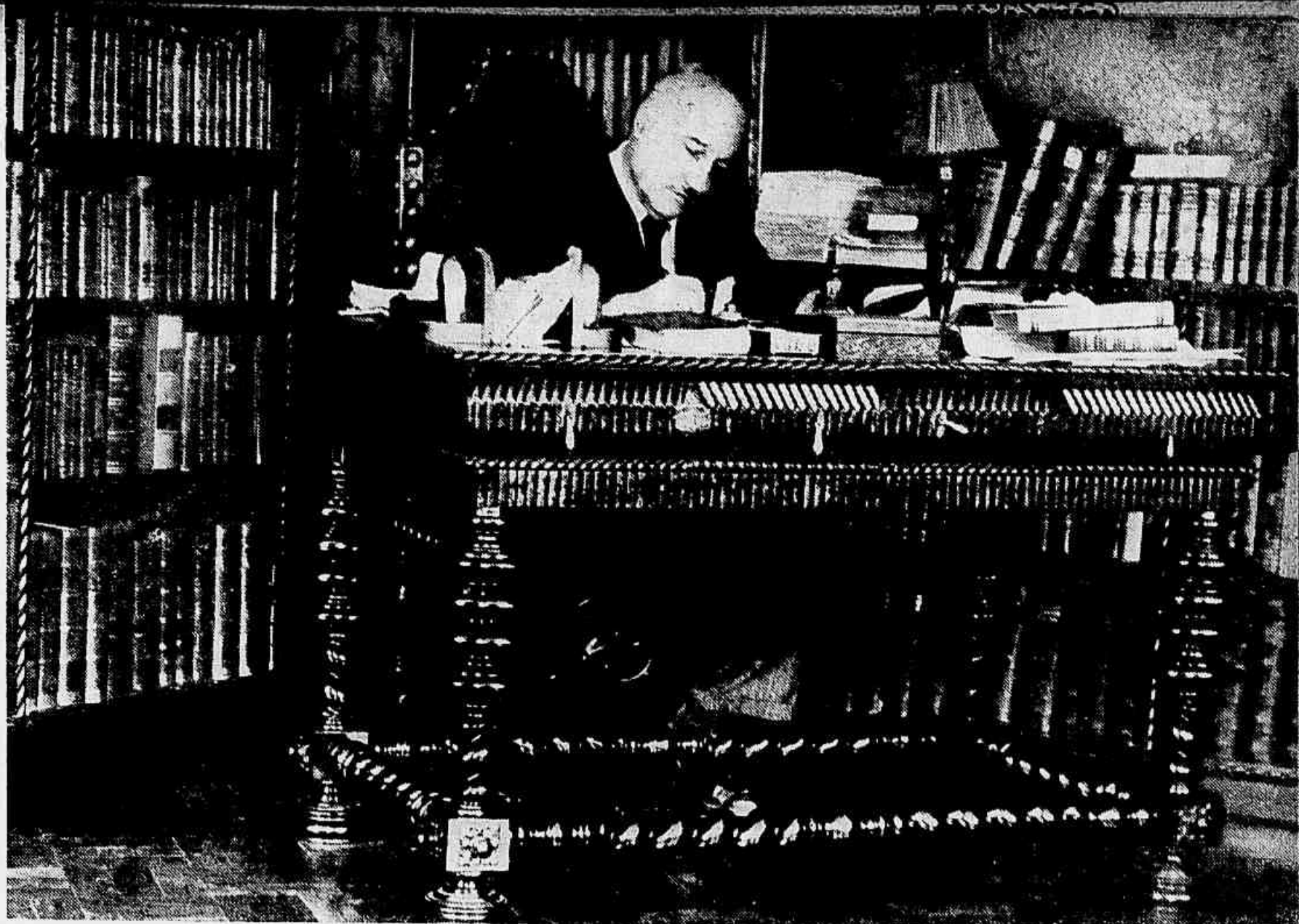
Luiz Edmundo sorriu como que a conceder. Ergueu-se. Abriu a sua caixa de charutos. Veio o café e, acompanhando o portador solícito que não-lo oferecia em uma bandeja de jacaranda, o seu cão favorito, Nero, um policial possante, surgiu também, a cheirar, solenemente, as nossas calças...

Depois conseguimos uma evocação biográfica do novo candidato ao Petit-Trianon. Luiz Edmundo estreou aos dezessete anos, com uma "plaquette" de versos intitulada "Nimbos". Aos vinte, tendo publicado mais uma outra, "Turibulos", dirigia ja' a "Revista Contemporanea", publicação literária que durou cerca de quatro anos e onde colaboraram nomes como os de Luiz Delfino, B. Lopes, João do Rio, Gonzaga Duque, Lima Campos, Mario Pederneiras, Luiz Guimarães Filho, Carlos Góes, Alfonsus de Guimarães, Luiz Pistarini, toda uma pleiade brilhante de conhecidos literatos desse mesmo tempo. Em 1920, publicava "Turris Eburnea", livro que alcançou um bem notavel sucesso. Em 1906, deu o seu quarto livro, também de versos, que, no mesmo ano, lograva uma segunda edição, "Poesias", publicando depois disso "Rosa dos Ventos". O seu ciclo poetico é então fechado com as fabulas do glorioso Trilussa, postas em nosso idioma.

E' pela época das publicações das "Fabulas" que Luiz Edmundo se volta para o teatro. E escreve então varias peças historicas: "D. João VI", "Independencia" e "Marqueza de Santos", esta ultima alcançando o 1.º prêmio de teatro na Academia Brasileira de Letras. Chegou a escrever para a "troupe" francesa Girellat, que nos visitou em 1924, uma peça em francês representada no Teatro Municipal, "L'Appel à la Raison", com grande êxito.

A obra historica publicada depois de 1932, com o "Rio de Janeiro do tempo dos Vice-Reis", marca uma nova fase na sua vida de escritor. Edição do Instituto Historico, que achou de apresentá-la com um luxo jamais observado em suas passadas edições, o livro exgotou-se com a maior rapidez entre os louvores de uma imprensa unanime e aquecida. Com a segunda edição, que logo apareceu, era lançada ao publico a mesma obra vertida para o inglês por Dorothy Momsen e para o alemão por Juanita Schmalenberg.

"O Rio de Janeiro do meu tempo", livro de memorias, em três grossos tomos, aparece, a seguir, alcançando um sucesso igual ao "Rio dos Vice-Reis".



O escritor, no seu gabinete de trabalho, preparando os originaes de "Rio de Janeiro da Mocidade de Pedro II".

Em 1940 Luiz Edmundo lança a primeira edição da "Corte de D. João no Rio de Janeiro", também em três grossos tomos e pela qual a livraria editora Jackson Inc. pagou quantia que jamais havia sido paga, no Brasil, por uma obra de literatura, a autor nacional.

Atualmente Luiz Edmundo escreve ou tem pronto: "Tempos de Pedro I", crônica pitoresca dos primeiros anos de Independencia do Brasil e o "Rio de Janeiro da mocidade de Pedro II" (1840 a 1860). Além disso, segundo nos informou, possui em uma série de seis a oito volumes, que intitula "Meu Diario", um curioso livro de memorias onde pôde ser evocada a vida literaria e social da nossa cidade, de 1906 aos nossos dias, além de um registo das inumeras viagens feitas pelo autor ao estrangeiro, não sendo esquecidos, nessa obra, os contactos do memorialista com os mais illustres homens do seu tempo, tanto no Brasil como fóra dele.

Redator do "Correio da Manhã" em 1904, ainda ali se mantém dando o melhor da sua atividade intelectual. Aliás, comentando em "O Rio de Janeiro do meu tempo", o aparecimento do "Correio", Luiz Edmundo escreve estes períodos interessantes:

"...E' a vitoria da inteligencia. A esplendida vitoria! As maquinas do "Correio da Manhã" trabalham sem cessar. Tiragens astronomicas. Vezes, a folha ainda se imprime a' 1, 2, 3 e 4 horas da tarde e o povo, a' porta, devorando edições. Edmundo Bittencourt, na sua ação intrepida, prossegue, heroicamente! Sem temor. Não cede um palmo da rota que traçou. Nada vale, no caso, o apelo de amigos, dos mais caros, mesmo dos mais intimos, de parentes, até dos mais queridos, dos mais proximos. O homem não vacila, não diminui o ímpeto que o domina. Das ameaças, sorri. De uma feita vem-lhe dizer a' redação que dois grossões de politica, por ele galvanizados num artigo, e um grupo de amigos postados em frente ao Café do Rio, esperam-no para desacatá-lo. Edmundo, de um gesto, ganha a rua, recusando ajudas e acompanhamentos. Vai só. O grupo é realmente numeroso, coalhado na via estreita, quasi a estorvar o transito. Edmundo, impavidamente, atravessa-o, como se tratasse de uma multidão de amigos ou de indiferentes, dizendo, apenas, aos homens pasmos da sua audacia;

— Meus senhores, com licença...

E não ha um braço que se erga para ofendê-lo, uma voz para agredí-lo, um gesto só para insultá-lo.

Estão todos eles tontos, surpresos, confundidos, as caras apenas, hirtas e amarradas".

E a conversa estendeu-se ainda por mais alguns instantes. O café repete-se. Nero esta' preguiçosamente estendido aos pés do dono e agora, menos solene, mais tranquilo, deve estar entregue a um sonho maravilhoso. Um sonho canino onde existam ossos divinos... E' tarde, Luiz Edmundo precisa ainda consultar outros livros. A entrevista esta' feita, ele ja' nos disse porque se candidatou — só agora — à Academia. Sente-se que deseja terminar, por aí, a entrevista. Mas ainda conversamos um pouco mais. Sobre a guerra. Sobre velhos companheiros de Imprensa. Sobre literatura. O servçal recolhe as chicanas varias, na bandeja de jacaranda. Agradecemos a amabilidade do poeta, despedimo-nos, e, ja' na rua, nossas considerações estendem-se muito além da palestra daquêle fim de noite. E chegaram a's portas da Academia. Foi quando nos perguntamos por que Luiz Edmundo não havia ainda cruzado os umbrais daquela casa.



Luiz Edmundo num "croquis" de Marques Junior.



**E' O MELHOR
E
NÃO E' O MAIS CARO!**

A VENDA EM TODO O BRASIL



**antisséptico
adstringente
bactericida**

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

Livros

VIDAL DE NEGREIROS — Luiz Pinto — Rio, 1944.

Luiz Pinto, que já nos deu anteriormente um bem feito ensaio biográfico sobre Coelho Lisboa, membro do Instituto Histórico e da Academia de Letras da Paraíba do Norte, é um estudioso das nossas coisas e da nossa gente. Com a mesma justeza de conceitos e fidelidade histórica daquele ensaio, ele nos dá agora, em *Vidal de Negreiros*, um retrato curioso do Brasil do século XVII. Não é, como diz acertadamente o autor, uma sistematização de história ou de sociologia, mas a existência do herói contemplada



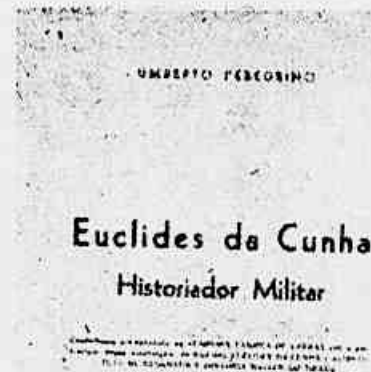
EPASA

"dentro da paisagem dos acontecimentos revolucionários, surgindo no desenrolar da guerra sem premeditada adulteração". E, no transcurso das 157 páginas do seu estudo, o ensaísta não se afasta do fato histórico ou social, mas focaliza a obra que Vidal de Negreiros edificou, pelo que construiu de útil, de humano, de real, na defesa dos ideais de justiça, de liberdade, no desarmamento do ódio, para uma compreensão melhor e mais perfeita do mundo. É pois um livro que merece ser lido, pela documentação substancial que apresenta, da Invasão Holandesa, de Pernambuco, da Restauração, com um capítulo muito bem feito do Engenho Novo de Goiana. A personalidade do jovem paraibano é traçada em pinceladas largas e vigorosas, desde a primeira infância, com os toques de indisciplina que lhe eram característicos, suas submissões e revoltas, derramando-se além de suas margens, invadindo as terras, carregando as avoas, casas, animais, tudo que ia encontrando nos seus arremessos indomáveis. Porque Vidal de Negreiros era um dominador da terra brava. Ele se arremontou espontaneamente, sem ser recrutado, para a defesa do Brasil — e todo esse perfil curioso merece de Luiz Pinto um tratamento seguro, firme e preciso. Sem retender dar-nos obra de grande fôlego, mas arenas um ensaio, ainda assim houve-se de modo a merecer atenção maior o seu trabalho, porque ele colocou o homem dentro dos acontecimentos da sua época, esmiuçando documentos de real alcance. É este um volume que não fica mal em qualquer biblioteca e que será consultado em muitos casos de emergência, quando alguém pretender sentir, mais de perto, o conflito contemporâneo de Vidal de Negreiros.

EUCLIDES DA CUNHA HISTORIADOR MILITAR — Humberto Petegrino — Rio 1944

Conferência pronunciada na Academia Carioca de Letras sob o patrocínio dessa instituição, do Grêmio Euclides da Cunha e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Mais uma faceta do gênio de Euclides da Cunha é apontada e comentada pelo Sr. Humberto Petegrino. Num breve inventário da bibliografia histórico-militar brasileira faz um confronto entre os estudos de outros autores nacionais que trataram do mesmo assunto mostrando a superioridade do autor dos "Sertões" sobre os demais. Mostra ainda a deficiência de alguns estudos feitos sobre o tema em questão por escritores e historiadores brasileiros.



Faz notar em todos os comentadores a tendência para explorar o lado mais propriamente humano, a fome, a dor, a desgraça e o desespero, relegando a um plano secundário a análise dos fatos militares. Estes são tratados como função do humano e do dramático. Outros, ainda, prendem-se em detalhes do valor mais propriamente histórico. Pecam, porém, pela ausência de uma apreciação técnico-militar. Estabelece o autor a diferença entre estas obras e a de Euclides, cujo talento de escritor e seus conhecimentos técnicos permitiam-lhe escrever no calor da batalha, sem perder de vista o elemento humano, mas arremontando uma enorme superioridade na parte propriamente militar. Conservando uma perfeita visão de conjunto, desce aos menores detalhes e às apreciações de ordem técnica.

Faz ainda o autor um estudo dos *Sertões* como história militar. Dificilmente poderia deixar de lado as citações, pelo caráter da obra; mas acreditamos que tenha abusado das mesmas.

Limita-se a pequenas notas à margem da grande obra de Euclides, hoje em dia traduzida em diversos idiomas, apontando ao leitor, quando julga conveniente, este ou aquele aspecto do livro.

PRÉSENCE DU PASSÉ — Max Fischer. — Rio — 1943.



Max Fischer, escritor francês, nascido no último quartel do século passado, foi repórter do *Petit Journal* tendo publicado na imprensa por aí iense alguns contos que tornaram seu nome conhecido. Seu primeiro romance, *Pour s'amuser en ménage*, foi bem aceito pela crítica. Escreveu uma série de obras: romances, livros de contos, crônicas, impressões de viagem. Com trinta anos assumiu a direção das Edições Flammarion, que manteve durante vinte anos. Com o advento da guerra, exila-se em 1940, e em 1941 chega ao Brasil.

O livro que temos em mão é uma coleção de contos que foram publicados anteriormente em diversos jornais franceses.

Nota-se neles um leve tom humorístico, não destituído de uma certa amargura, por certo proveniente dos acontecimentos que pontilharam a vida do seu autor, quer no início das suas atividades literárias, quer durante o grande desastre de sua pátria.

É, entretanto, um humorismo suave, que não chega a se fazer sentir de maneira muito forte.

Deve-se, porém, dizer que as tentativas que faz para penetrar a alma e a psicologia dos seus personagens não chega a convencer plenamente. Há uma certa descon-

Novos

tinuidade na análise do caráter dos mesmos e, em alguns dos contos, o autor parece precipitar os acontecimentos.

Entretanto soube ele tirar partido do seu estilo, sem duvida brilhante, leve, agradável.

O ESCULTOR HUMBERTO COZZO — São Paulo — 1944

O ESCULTOR
Humberto Cozzo



Uma obra de arte

plo, a música de Beethoven, sem saber que este gênio era surdo. Em sua obra sentimos a angústia que lhe acarretava seu defeito físico. Considerando apenas este lado, já é bem interessante o trabalho.



MORTE, TUA VITÓRIA ONDE ESTÁ? — Daniel Rops — Tradução de Jorge de Lima. — Rio — 1943.

Eis aqui mais uma vez abordado esse tema sempre explorado pela literatura de todos os tempos, tema que preocupa todos os homens e que por certo, como todas as questões metafísicas, permanecerão insolúveis, misteriosas diante da angústia da humanidade.

A morte fenômeno físico e a morte na sua concepção mais complexa encarada como uma passagem para uma outra vida.

E' interessante notar como essa idéia da morte vem quasi sempre ligada no espírito de escritores e poetas de todas as épocas à ideia do amor. Já Leopardi, o grande poeta da morte, afirmava que: "quando novellamente nasce en il perlo un amoroso affeto, languido e stando, un desiderio de morir se sente."

Entretanto têm divergido poetas e escritores no seu modo de encarar a morte.

Charles Morgan, este admirável escritor inglês, faz girar toda a sua obra em torno da trilogia: morte, amor e arte.

Daniel Rops, romancista e crítico francês, neste romance forte, estuda a vida em face da morte. Numa obra de fé, ele mostra-nos a morte como a grande purificadora dos vivos. A história de Santa Maria Egípciana, que conseguiu a purificação através do pecado, é bem expressiva.

O sentimento do perigo, com a aproximação da morte, faz com que os homens procurem uma crescente purificação.

Rops sonda a alma de seus personagens e mostra-nos magistralmente as suas angústias, suas ambições, sua grande tortura e hesitação entre a vida e a morte. Vivemos nós eternamente preocupados com essa idéia? Estará nessa tortura a vitória da vida sobre a morte? Esta é uma duvida que cabe somente aos discentes. A morte é um término físico da eventualidade humana e passageira de viver. Tudo o mais perdura na perenidade imortal do espírito.

REGULAMENTO DE TIRO AO ALVO

Recebemos — em magnífico trabalho grafico da Cia. Editora Americana com sede nesta Capital à Rua Maranguape, 15 — um volume contendo o regulamento do tiro ao alvo no Brasil.

Trata-se de edição da "Confederação Brasileira de Caça e Tiro", constituída pelo Decreto 9.919 de 8 de Julho de 1942, filiada à "Union Internationale de Tir" e à "Fédération Internationale de Tir aux Armes Sportives de Chasse".

Muitas gravuras ilustram o texto, completando-o e aumentando a utilidade do precioso trabalho.

Sente-se, através da citada publicação, que a "Confederação Brasileira de Caça e Tiro" entrou numa fase de extraordinário desenvolvimento com características de organização nacional de real interesse publico.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO
PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

MODELO 1944!

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL



DURMA
MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

Alivio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc.. Se V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríasis — as mais obstinadas e rebeldes molestias da pele. Numa clinica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas obstinadas, psoríasis, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc.. BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras. Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova. Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Circulo Médico de Buenos Aires

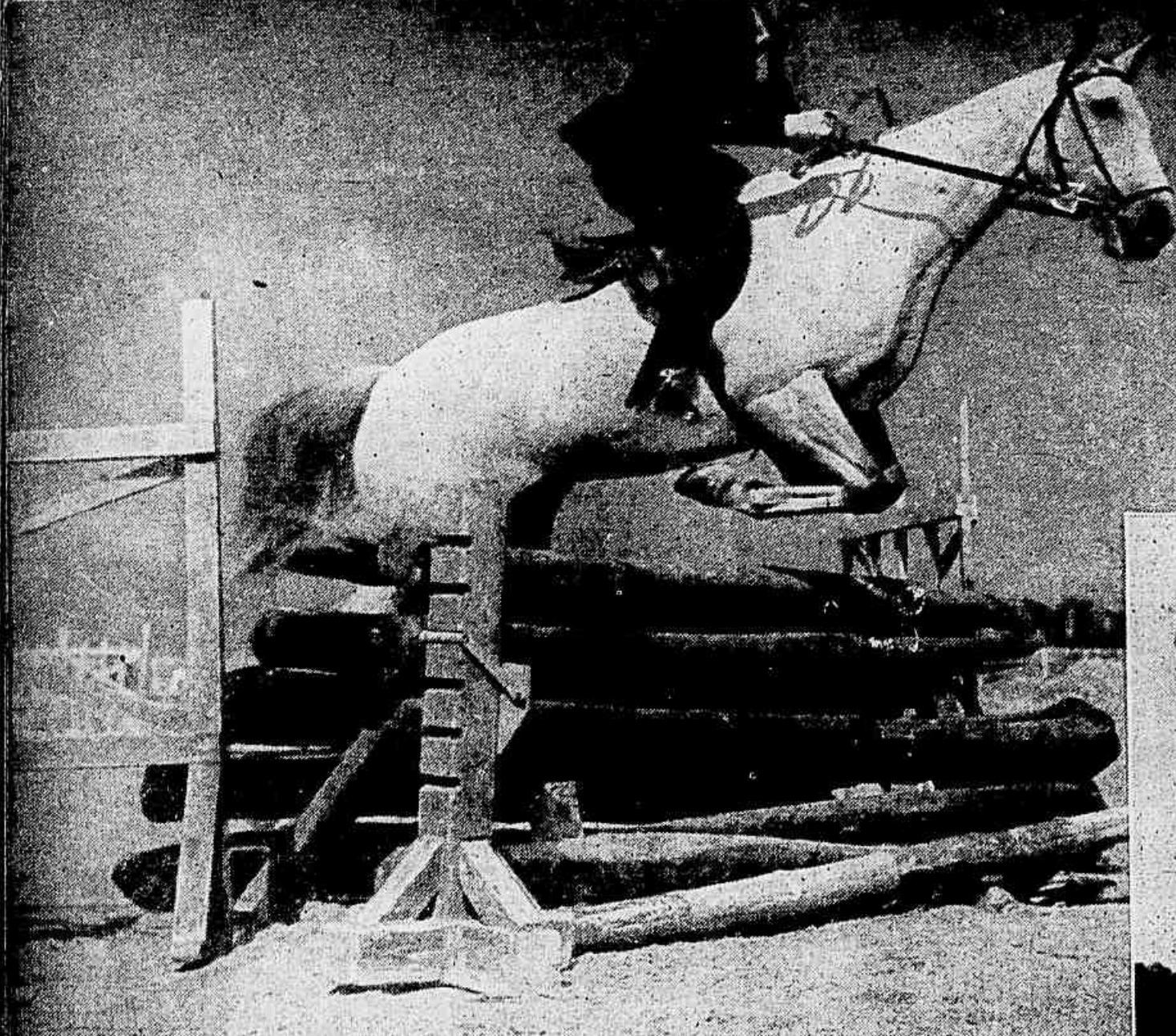
DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367.

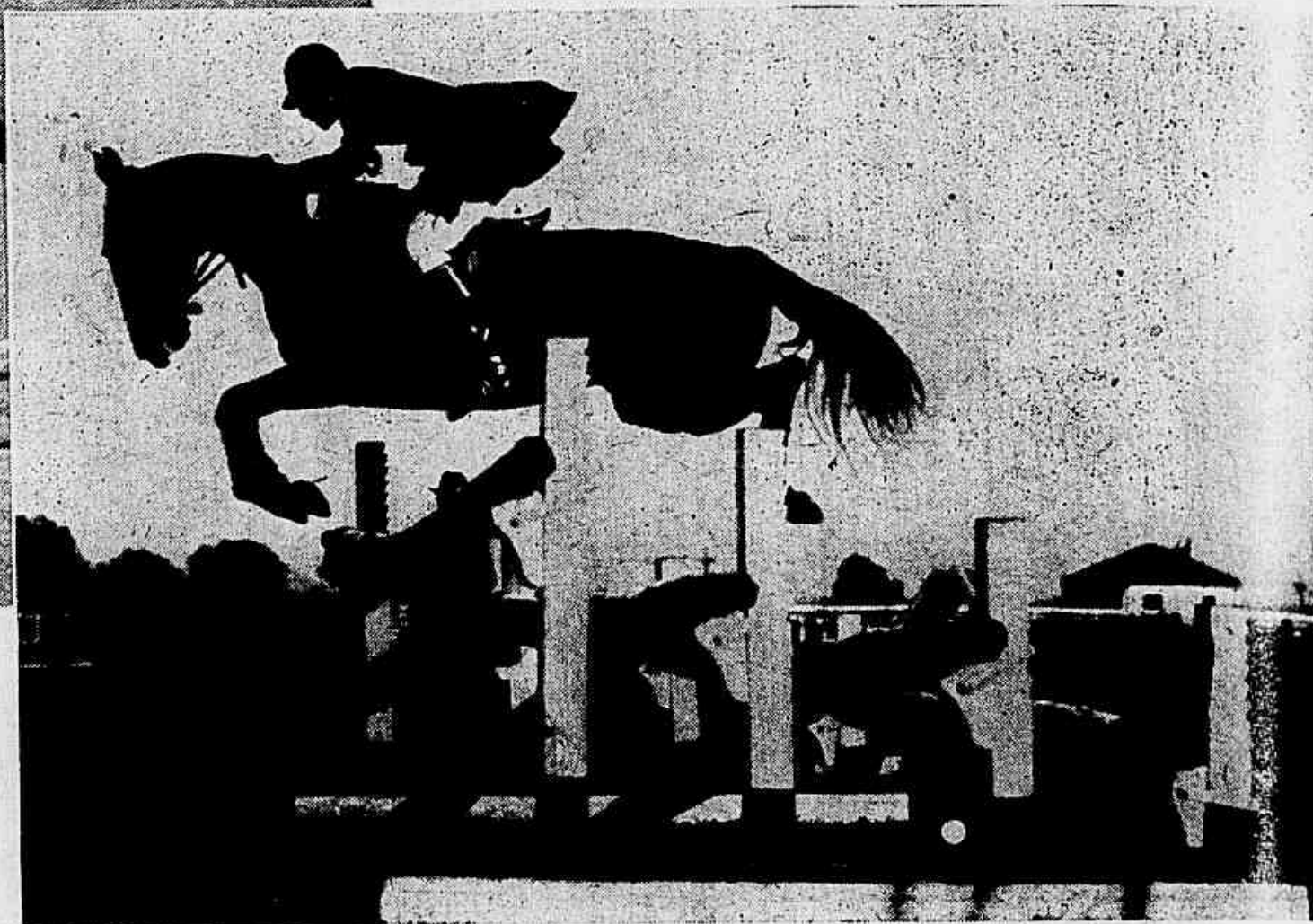
EQUITACÃO -

Candida de Souza Silveira; e as senhoritas: Vera Alegria uma brilhante veterana; Maluh Ouro Preto, que é também um talento pécético, que honra a avita tradição de seu avô ilustre e de sua tia não menos ilustre. Senhoritas Morian Suell, Tereza Barcelos, Sonia Monteiro, Solange Almeida. Entre as figuras masculinas são campeões brasileiros em varias competições: Roberto Ma-



Senhora Nair Cunha Vasconcelos Aranha, esposa do snr. Ciro Aranha, um dos grandes benemeritos do esporte carioca. A senhora Ciro Aranha é contendora das mais brilhantes, detentora de varios premios

Não vamos falar da Sociedade Hipica Brasileira tão magnificamente idealizada, realizada e administrada, desde Novembro de 1938, que é hoje considerada o maior, melhor e mais belo centro de hipismo da América do Sul. Esse motivo de natural orgulho para nós, vamos encará-lo apenas como ponto de convergência de esportistas distintos e de uma sociedade brilhante e fidalga. O aristocrático esporte possui realmente um grupo de amadores entusiastas e de escól; no grupo feminino, destacam-se: a embaixatriz Jean Desy, do Canadá; Senhora Ciro Aranha; Princeza Czar Tarisky; senhora

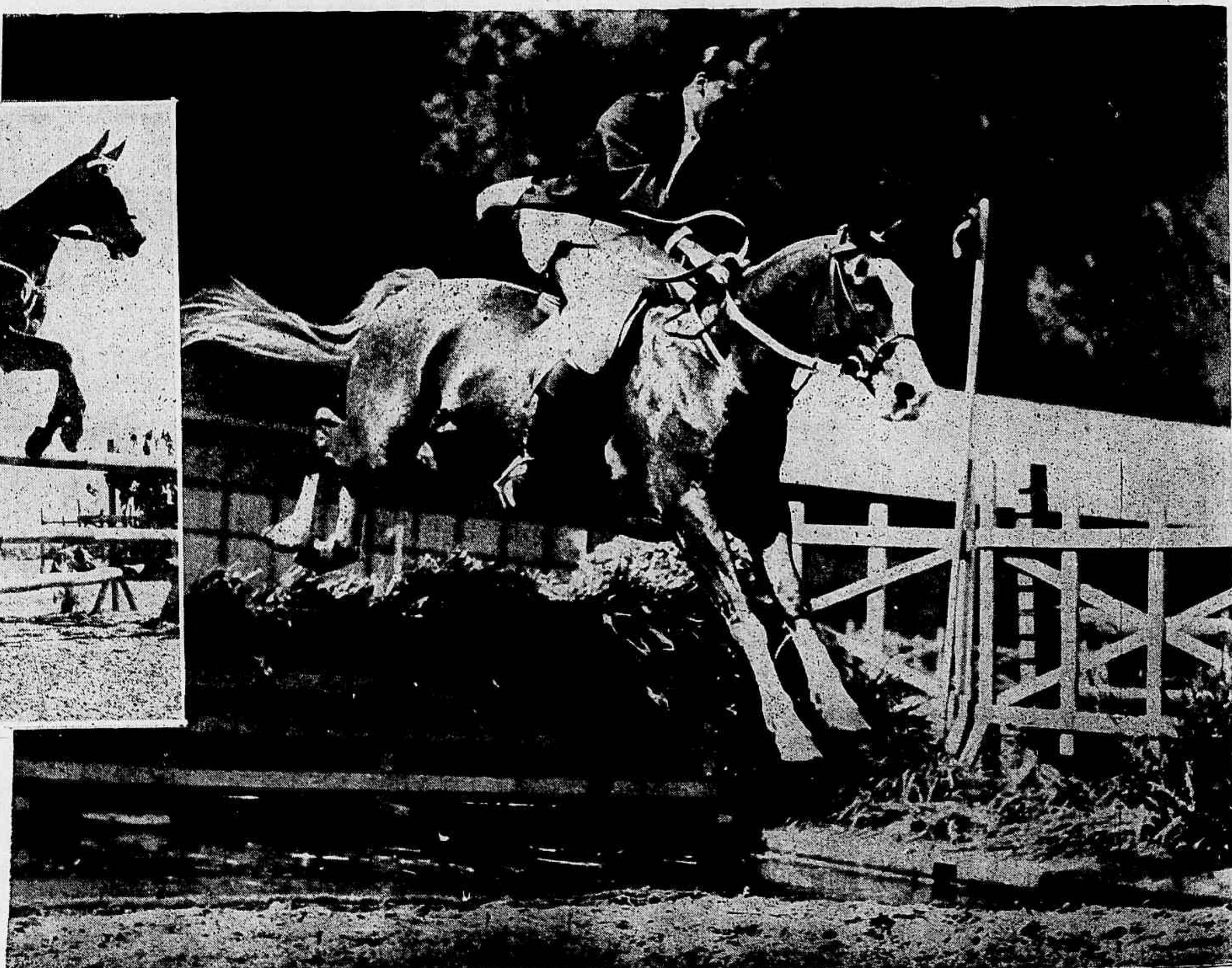


Paulo Goulart, veterano que conta com brilhantes vitorias, figura destacada da hipica nacional.



Vera Alegria veterana do hipismo carioca e figura representativa do belo sport.

Benjamin Rangel montando Grey. É um dos mais brilhantes e entusiastas componentes da Sociedade Hipica.



ESPORTE FIDALGO

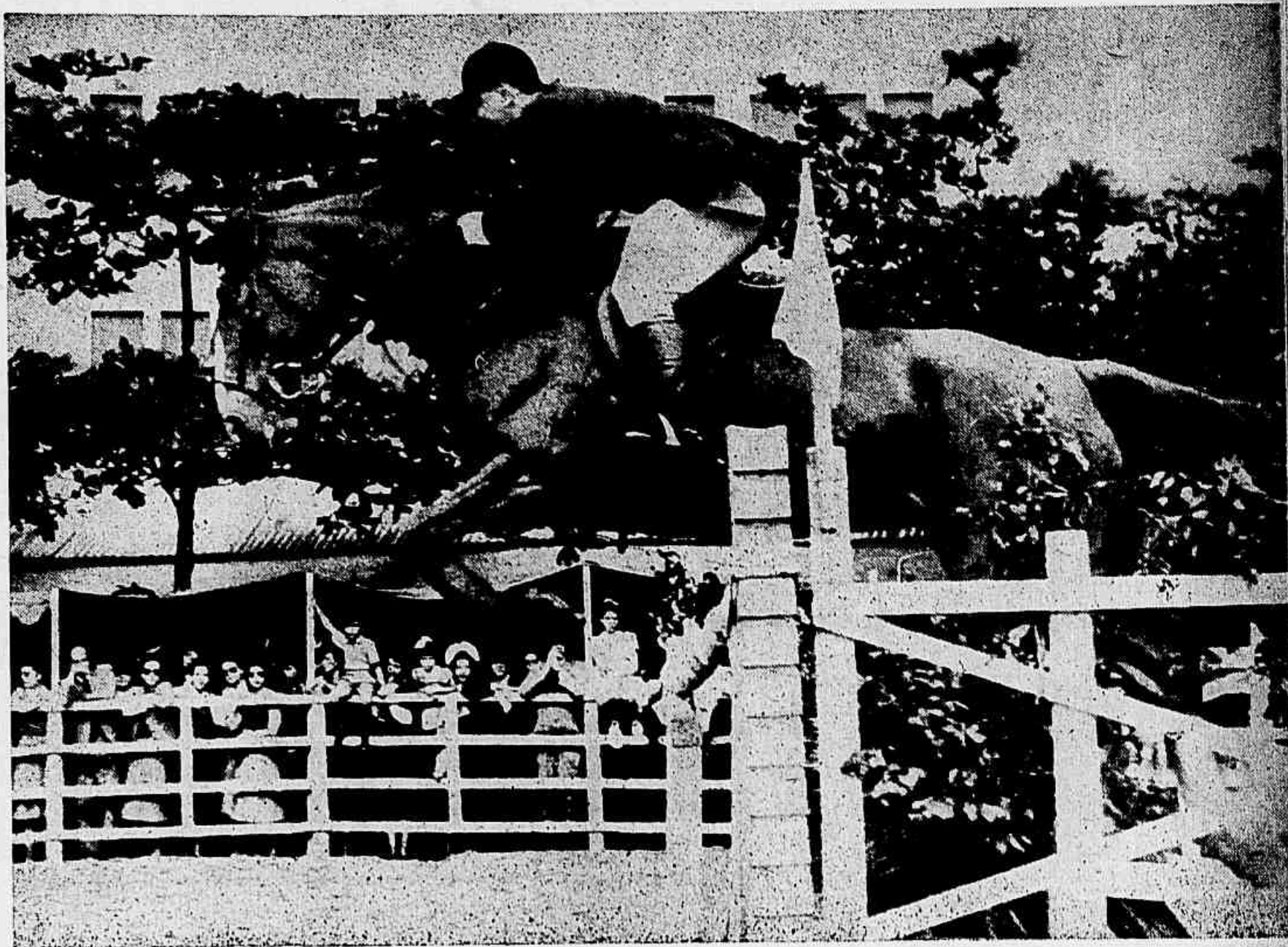
PRÁTICA-SE, NO RIO, O ESPORTE
ARISTOCRÁTICO, POR EXCELENCIA,
EMBORA COM REDUZIDA DIVULGAÇÃO

Alcides, Hermes Vasconcelos, Paulo Goulart, Benjumin Rangel, Heitor Amaral, Catrambry Filho, Rogério Marinho, Murilo de Barros, Mario Oscar, Aluzio de Paula; entre os novos vai se impondo o jovem Fernando Torres de Melo. Assim, portanto tem a Hipica Brasileira um grupo de amadores do elegante esporte capaz de fazer brilhar em ascendentes conquistas o seu nome glorioso e admirado.

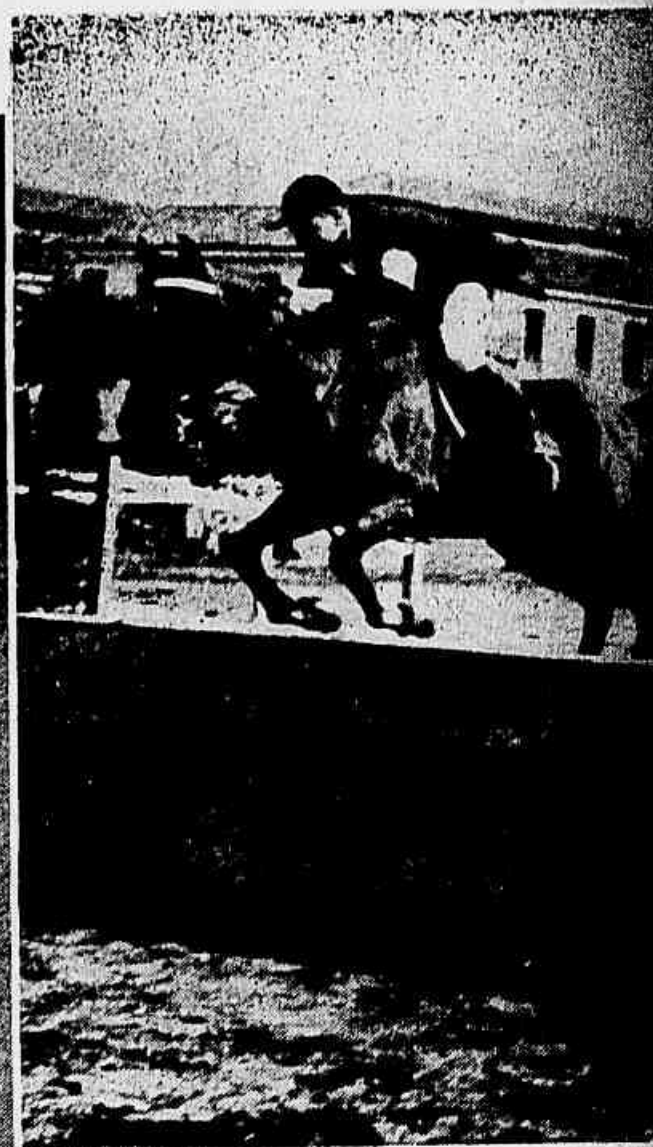
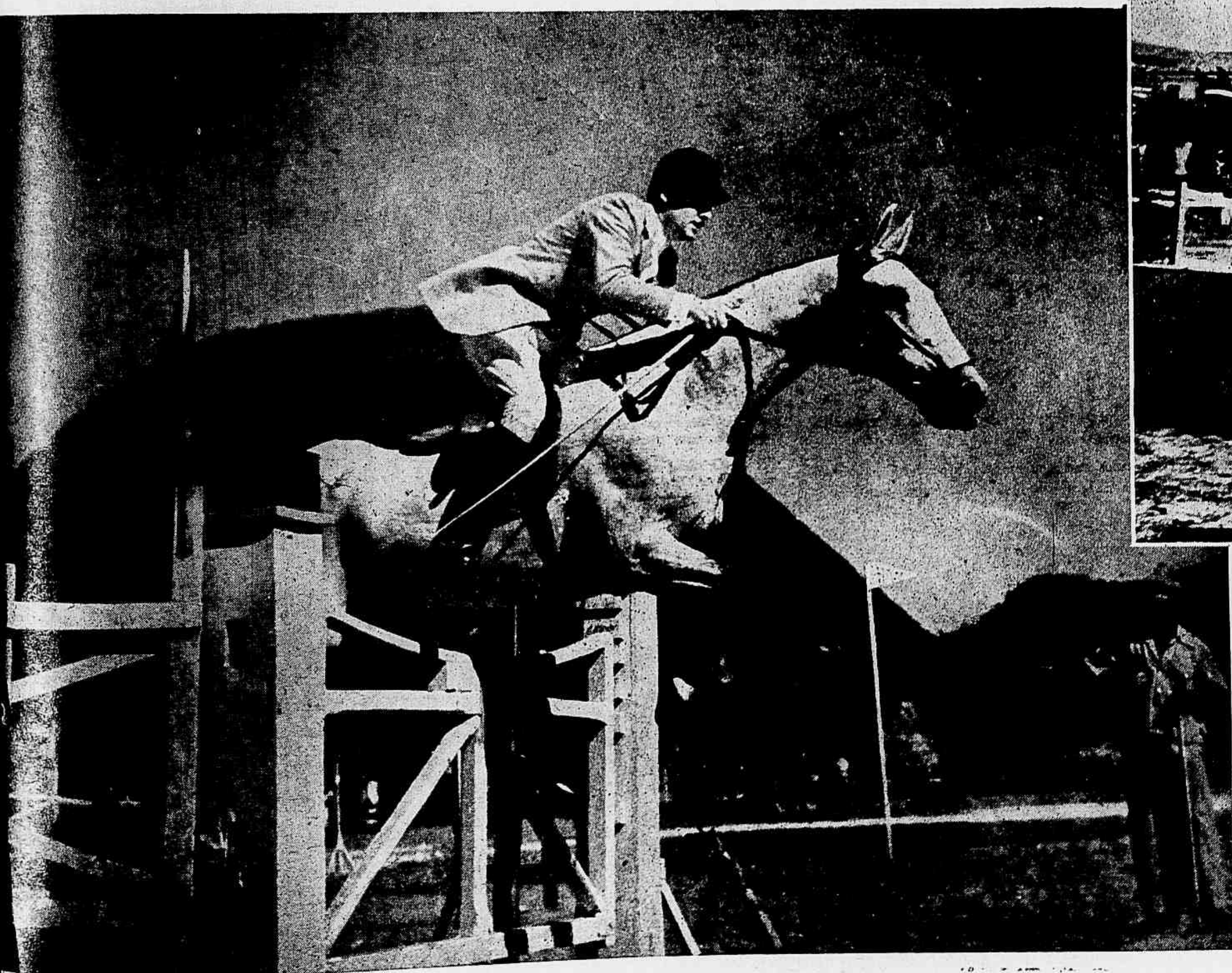
A equitação no entanto, em sentido geral, não é um esporte de elite, é também um esporte necessário, necessário e útil que mereceu uma obra bem estudada do notável medico dr. Max Senator traduzida do alemão pelo não menos notável professor dr. Agenor Porto.

"O cavaleiro, diz o ilustre medico, é o único que goza a vantagem de movimentar-se ativamente e, ao mesmo tempo, ser passivamente movimentado pelo seu cavalo; supera ele outros esportes maximé sob o ponto de vista físico, pois exige não só, inteligencia superior ao comum, como também dedicação; sobretudo por ser o cavalo animal de fina sensibilidade, ardoroso e vivo". Já o grande Platão, recomendava para a conservação da saúde, a equitação.

O cavalo como o cão foram sempre dois grandes companheiros do homem; existe entre os turfistas francezes um interessantissimo "Pater" do cavalo que transcrevemos a título de curiosidade e que eles copiaram de ingleses e americanos "Meu patrão que és meu mestre na terra, dá-me cada dia, após meu trabalho, minha ração de feno e aveia; põe-me ao abrigo de todas as intemperies. Fala-me porque tua voz me é mais eficaz do que as chicotadas, trata-me com carinho para dar-me gosto pelo trabalho; quando montares deixa-me respirar, não me firas com as rédeas, quando me vices fraquejar, não me batas, examina antes os arreios; não me cortes a cauda nem as crinas que me são uma defesa". A humana inspiração deste "Pater" é um símbolo, símbolo da compreensão do homem e do bruto, símbolo tão altamente significativo dessa identificação de inteligencia e delicadeza, como o Centauro dos Gregos, cuja mitologia está vinculada a uma grandeza sem par, identificação que evoca sugestivas e épicas epopéas arabes ou a beleza selvagem do Emione ou do Tarpan bravo solto nas extensões da Dzungaria, terra natal da equitação, que se transmitiu aos valentes, destemerosos e ágilimos cossacos. Como erram os homens quando depreciativamente pretendem comparar o seu semelhante com um nobre e inteligente animal; que digam os bons amadores da alta equitação si não há uma injustiça para com o pobre amigo cavalo.



Roberto Marinho cujo nome dispensa elogios, num impressionante salto.



Fernando Torres de Melo, o mais destacado entre os novos.

Hermes Vasconcelos, montando Pirajá, na prova Canadá. É ele uma das grandes figuras da hípica Brasileira.

DE TEATRO E DE RÁDIO

A Temporada

OS que apregoavam a existência de uma angustiosa crise teatral vão ter, este ano, um desmentido em régras. Si todas as companhias que se anunciam funcionarem regularmente, com bons elencos e repertório selecionado, o Rio conhecerá, em pleno vigor da guerra, uma temporada como de longa data, não se proporcionava aos seus habitantes. Mas si a temporada falhar, com todo o amparo que os poderes públicos lhe estão dando, então ficará provado, á sociedade, que o mal não é o desinteresse do público, nem muito menos a falta de teatros. Os fatores serão outros, de ordem psicológica, muito diversa.

Logo após o Carnaval, reabriram-se os teatros do costume. Cazarré, agora, com o seu elenco encabeçado por Dea Selva, a esposa do ator-empresário, estreou no Rival com uma boa comédia de Eurico Silva — "Veneno de Cobra". Luiz Iglesias fez reaparecer a sua "troupe", chefiada por Eva Todor, no Serrador, com a adaptação de uma comédia norte-americana, cujo nome original não foi divulgado — nem o nome do autor — cristizada para o nosso idioma: "O Bico da Cegonha". Espetáculo leve mas agradável. Renato Viana está dando uma série de récitas no Regina, enquanto Dulcinea-Odilon vão ficando pelo Municipal. "Fogueira de Carne", do próprio Renato, é uma peça interessante, merecendo ser vista. Tipo do teatro Renato Viana, é claro. No reduto popular, Praça Tiradentes e imediações, o movimento não deixa de ser igualmente animador. No Carlos Gomes, uma companhia de "fadados teatralizados" (que será isso, no fim de contas?) estreou com "Maldito Fado", tendo Maria Amorim e Joaquim Pimentel nos protagonistas. Walter Pinto continua, fazendo reclame d'ele mesmo e do seu elenco de revistas, no velho Recreio, com uma revista que é ainda d'ele Walter Pinto — "Pó de Mico". Beatriz-Oscarito, no João Peixoto, que se chamaria "Fôgo na Cangica". Mas parece que o aparecimento de fortes concorrentes, do outro lado da Praça, com os "fadados teatralizados", modificou o programa do lado de cá. Resultado: Puzéram água na fervura da cangica e anunciou-se, da noite para o dia, uma velha opereta portuguesa — "Mouraria". Soube-se também que Beatriz teria solicitado do empresário José Loureiro, em Lisboa, cópias das mais recentes peças portuguesas. Claro, em se tratando de atrair o público português, Beatriz não quer perder para ninguém...

Esse é o panorama teatral, no Rio, neste momento. O que se promete vai muito além. O Gloria será teatro com Jaime Costa, o Opera voltará a ser teatro, será de novo Phenix e agasalhará um elenco nacional; parece que varios cinemas de bairro, onde já trabalharam companhias de palco, terão de oferecer ao público esse gênero de espetáculos. Si os espetáculos fôrem bons, repetimos, a idéia terá sido... Mas si não fôrem...

Dulcinea e Odilon vão apresentar seis peças de responsabilidade, numa temporada oficial de um mês e alguns dias, no Municipal.

O governo subvenciona esses espetáculos, mas a montagem dispendiosa, o guarda-roupa caríssimo e todas as despesas pelos aumentos naturais da época, fazem que esse auxílio seja relativo. Tudo depende da aceitação que o público dê aos dois distintos comediantes, cujo ideal de fazer alguma coisa saindo da rotina, sem duvida, sobrepõe-se aos interesses financeiros. Para ganhar dinheiro, Dulcinea e Odilon tem o Regina, de abril em diante. Por certo, aparece quem faça oposição, reticências e subentendimentos á iniciativa do Municipal, mas isso sempre acontece. No Brasil, principalmente. É bastante meter ombros num empreendimento mais arrojado. E, queiram ou não, ha muito tempo o nosso teatro não registava empreendimento desse vulto. Depois, não vivemos sempre reclamando de Dulcinea um teatro mais sério? É o que ela vai fazer agora.

Temos, portanto, um inicio de estação teatral muito animador e perspectivas ainda melhores. Parece que virão também companhias estrangeiras. Fala-se que Walter Pinto cederia o Recreio ao empresário Viggiani para uma companhia argentina de revistas que tem estado em São Paulo. E outras iniciativas se desenharam no horizonte. Oxalá tudo dê certo. E ha de dar, vão vêr!

JOÃO DA CENA



As mães das "estrelas"

Escreveu ANSELMO DOMINGOS

Está aí um assunto bom, mas perigoso. As mães do rádio são respeitáveis senhoras que acompanham as filhas aos estúdios. Filhas queridas, quietinhas, mas qual ovelhas, que precisam de pastor e bastão para não se desviarem do bom caminho. Não que o rádio tenha muitos caminhos, lá isso não, pois há um só: o do "estrelato". Mas é que há muita gente parada nas esquinas, nos desvios e nas curvas. Gente prestativa, com pratica e bom coração. Gente que quer auxiliar. E é dessa gente que as mães do rádio tem medo. Elas desconfiam sempre, não largam nunca a mão das meninas e ouvem tudo, entram na sala de ensaios, sentam no auditorio e, se não houver ninguém espionando, são até capazes de bater palmas quando as meninas acabam de cantar. São assim as mães do rádio. Aceitáveis senhoras que nos tratam muito bem, principalmente se ouvem elogios ás filhas. Não fazem cara feia e vestem-se cuidadosamente porque sabem que o rádio gosta do aparato. E não se cansam nunca. Pode-se marcar ensaio para as meninas todos os dias, porque todos os dias elas, as senhoras mães, estão lá, firmes, sem constrangimento.

Bem pensado, não fazem mal nenhum. Nem mesmo quando alguém se engana com elas, como aconteceu um dia — um dia não, uma noite, que um contra-regra em atropelo virou-se para uma que conversava num grupo e gritou:

— Olha aí, vai entrando que está na hora do côrol!

Ela não corou. Aliás foi logo a primeira a dizer que não havia razão para ficar encabulada. Era brincadeira do rapaz, dizia, embora não fosse. E os risos e as "bolas" da turma ficaram para mais tarde, no ônibus, quando todo mundo queria ter o privilégio de ir espalhando:

— O fulano tomou a mãe daquela pequena: como corista...

Não faz muito, um amigo que não é do rádio perguntou-me o que eu achava das mães das "estrelas". E eu respondi isso mesmo que vou repetir. São senhoras distintas que prestam serviço á radiofonia nacional.

— Você está brincando, disse-me ele.

Mas não é brincadeira. Essas senhoras colaboram de modo apreciável para o prestígio do rádio interno. Cá fora, elas se encarregam de palestrar com as amigas sobre o que vêem e ouvem nos bastidores radiofônicos. E dizem, até, com muita convicção:

— O rádio não é nada disso que me diziam. Tem muita gente direita, rapazes respeitadores, e as portas dos gabinetes dos diretores não vivem trancadas como me contavam.

Está se vendo que isso resulta numa proveitosa propaganda para a gente do rádio. Vai-se diluindo aquela má fama, aquele desprestígio, cujas raízes já estavam alastradas. Hoje, as respeitabilíssimas senhoras mães do rádio prestam um ótimo serviço de informações cá fora. E se alguém se atreve a perguntar por que não deixam de acompanhar suas filhas ás estações, desde que o ambiente radiofônico é tão ótimo assim, elas responderão, talvez com um sorriso ingênuo:

— Ora... já estamos tão acostumadas... O dia em que não vamos é um dia tão aborrecido!

E segundo me contaram houve até uma que, um destes dias, disse assim:

— Não posso deixar de ir, senão eles podem se aborrecer com a minha ausência...

AVULSAS

O TEATRO está procurando arrebatar para seus domínios elementos do rádio. Lídia Matos vai fazer o papel de "Alegria" na "Comédia do Coração", que Dulcinea-Odilon apresentam no Municipal. Luiz Tito fará também uma experiência de palco nesta temporada. Simone Morais atuará na companhia Cazarré-Dea Selva. Outros elementos estão sendo assediados. Só até agora ninguém se lembrou de convidar o locutor Cristovão de Alencar. Que injustiça, senhores do teatro!

COM a saída de Teófilo de Barros da Tupi, transferido para a Tupi de São Paulo, também Manuel Nobrega se deslocou para a terra bandeirante. E parece que por muito bom dinheiro.

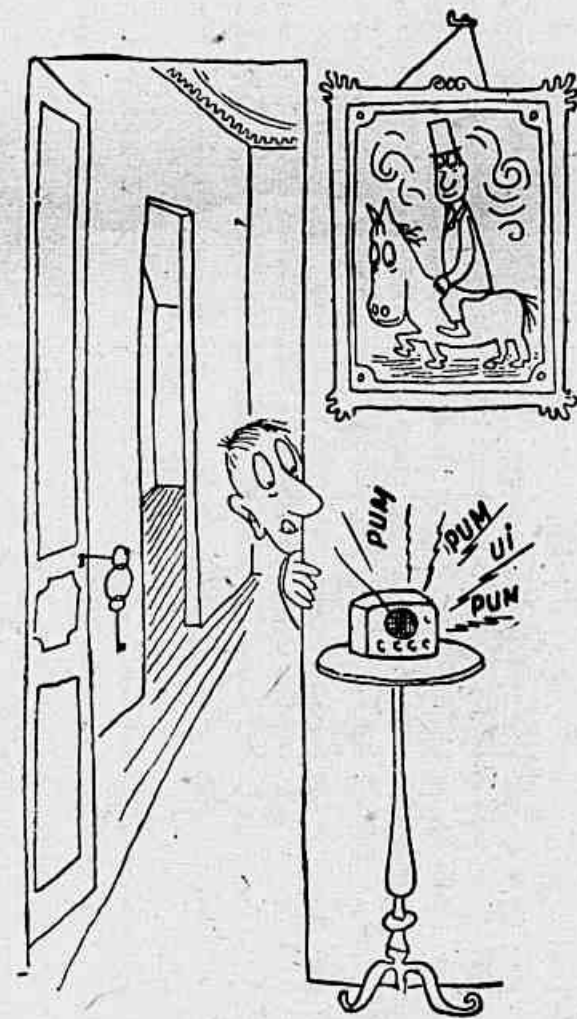
O RADIO tem destas novidades: Larmartine voltou da Nacional para a Mayrink. Almirante voltou da Tupi para a Nacional. Decididamente, ha muito pouca gente aproveitável no "broadcasting"! Do contrario eles não teriam que saltar sempre para os mesmos galhos.

A CRUZEIRO do Sul perdeu mais outro de seus valiosos elementos: Paulo Roberto, que está agora na Tupi. De parabéns a emissora G-3. De pézames uma vez mais, a da casa Byington. Parece que ha qualquer coisa fóra do lugar na D-2.

NÃO É VERDADE que alguns famosos cantores, hoje em visível e incontestável decadência, tenham se recolhido a qualquer asilo. Eles terão de ser suportados, queiram ou não os ouvintes, por muito tempo ainda. Principalmente pelo Carnaval.

AS NOVELAS é que já dêem tudo quanto podiam dar. Ainda têm ouvintes, naturalmente mas em número escasso. As novelas entraram para a rotina dos programas radiofônicos e quasi sempre dos meus programas. O público acerta o rádio-teatro, mas selcionado. E desse, muito pouco existe.

JORGE MARINHO também se afastou da Cruzio. Ele e o seu apreciador teatriho policial dos domingos.



...e "seu" Firmino assustou-se com o final daquele capítulo da novela em série!

Tres convites A DANÇA E AO AMOR

Sketch de MARIO SETTE

Salão, moveis, indumentos no século XVIII.

— Baronêsa, que imensa dita a minha em vos vêr tão louçã, com as faces floridas de rosas e os olhos fartos de estrelas!
— E que cortejador lisonjeiro estais hoje, visconde!
— Não vejais lisonja em vos louvar as graças com que o Creador de todas as maravilhas do universo vos premiou.
— Blasfemas? Sempre vos tivera por assás reverente a Deus! Quem vos aquinhoou os lábios de semelhantes heresias?
— Bem o fui e bem me aprás permanecer reverente à Divindade ao exaltar a formosura e a primavera eterna de vossa graciosa pessoa...
— Calai-vos, Visconde, e ponde o vosso *lorgnon* para serdes melhor julgador. Guardai vossos madrigais para a dama de mais alta hierarquia na beleza... (noutro tom) Deixastes já a varanda do voltarête?
— Cancei-me de dar caça à espadilha...
— (com malícia) E fostes vítima, talvez, do codilho?...
— E' bem verdade, Baronêsa. Mas... (com segunda intenção) como o rifão assevera que infeliz no jogo... Que opinais?
— Proverbios, somente a sabedoria do povo sabe si merecem fiança... (noutro tom) E, agora, para onde vos destinais, si não ousa demais em vos indagar?
— Ao salão azul para tomar parte no brinquedo de prendas. Não ides também?
— Não. Desamo esse folguêdo. Acho-o menos prazeroso que leviano e banal.
— Hum! Tão em voga e vós o desdenhais!... Tereis tido algum dissabor nêle?
— Realmente, Visconde. Sois penetrante em buscar as causas!... Na última festa no palacête da Marquêsa, brinquei as prendas... Brinquei. Não me afiz bem no recitar a oração de São Roque sem me rir nem chorar.
— Pagastes prenda?
— Paguei. E fui ter à berlinda. E então... Aquêla gamenha da neta da Marquêsa. Uma que levou forquilha do Conde de Caxangá, não sabeis?
— A Francelina, toda cheia de denguiços e medeixes...
— Ela mesma. Pois foi dizer, foi dizer ousadamente que eu, ao me apeiar da sége, tinha mostrado...
— Tinheis mostiado?...
— Vêde só que escandalo e que calunia, Visconde!

A dama põe-se de pé e olha ostensivamente para a barra da saia comprida e redonda a lhe tapar inteiramente os pés.

Que eu tinha mostrado... a cor das minhas meias.

Ouve-se um minuêto.

— Baronêsa, ao brinquêdo das prendas não preferís a dança?
— Não me ofendais a inteligencia supondo o contrario. O minuêto é o ritmo perfumado pela graça...
— Ou talvez a musica vivida pela mulher.
— E tendes já companhia para esse minuêto? Dar-me-eis a infinita honra de me conceder...
— Si elejeis dama em desarmonia com os vossos ageis passos... O meu destino.
— Quisêra eu harmonizar convosco mais do que os meus passos...
— Comigo, Visconde!... Tão apocada de galardões!
— Sois uma deusa!...
— Que pagão vós estais mesmo hoje!
— Aceitais, Baronêsa?
— O que, Barão?
— Minha mão?
— Para o minuêto?
— Para a vida inteira.

A dama finge hesitar. E porfim estende-lhe a mão.

— Vamos, Visconde...

— Que nova dita a minha, Baronêsa!

Saem a dançar

A orchestra executa a pagina musical da época.

11

Ambiente, tipos, indumentos do século XIX. Música de valsa da época muito em surdina

— V. Ex. ama à valsa?
— Loucamente. E' uma música moderna, do meu tempo e eu me sinto inteiramente harmonizada com seus compassos e com sua expressão melodiosa.
— Realmente. Nós nos identificamos de todo com a nossa época e acredito que mais tarde quando formos

(Continua na pag. 40)



GRUANDO
MATTOS

O CRIME ocorreu entre oito e dez horas da noite, mas os acontecimentos, que o provocaram, começaram às onze da manhã, quando o Capitão Arthur Caney, ao sair do seu quarto, encontrou o Major Mac Leod.

A pesar do nevoeiro, havia grande atividade no acampamento Marrocos, perto do rio Huisne, a uns três quilômetros da cidade de Le Mans. Aliás, naquele acampamento, todas as manhãs eram assim movimentadas. As manhãs, as tardes e as noites.

O ramo de Tours e a divisão Paris - Brest da Estrada de Ferro Etat atravessavam a extremidade do campo. Ali, havia uma espécie de estação, onde, em 1919, se fazia a entrega de provisões para os exércitos que, de regresso à pátria, esperavam transporte. Cabia ao acampamento Marrocos distribuir estas provisões.

Aguardando os navios, trinta mil homens bebiam, brigavam e jogavam no terreno lamacento. Não havia navios e os portos de Saint Nazaire e Brest, donde esses homens deviam sair, estavam cuidadosamente fechados. A ordem era esperar e manter-se vigilante.

A tensão do ambiente gastava os nervos já pouco resistentes dos que tinham atravessado quatro anos de guerra. Especialmente o Capitão Caney. Ele atribuía ao Major Mac Leod a perda do lugar que, durante tanto tempo, ocupara. Estivera descarregando provisões na estação, mais depressa do que qualquer "majorzinho" poderia fazer. O depreciativo indicava o seu estado d'alma.

Se o encontro do Major e do Capitão tivesse sido o único distúrbio do dia a polícia não ficaria tão intrigada, e descobriria o criminoso muito facilmente. Mas aconteceu muita coisa, no alojamento dos oficiais, na extremidade oriental do acampamento.

Caney comandara a décima sétima companhia de provisões durante varias semanas, até que chegara Mac Leod, e assumira o comando. Na manhã do crime, o capitão acordara tarde. Passara metade da noite na estação. Não era, portanto, motivo para espanto o fato de só acordar às dez. Bill Puckett, que cozinhou para os oficiais, ouviu-o mexer-se na cama, e levou-lhe um prato de aveia e uma xícara de café. Caney agradeceu e Puckett afastou-se fechando a porta. Às onze, Caney abriu-a. Nesse mesmo instante o Major Mac Leod ia passando pelo corredor, a caminho de seu quarto, "para trocar de botas", explicou, mais tarde, a polícia. Caney fez uma observação, em voz baixa, que irritou o major.

"Deixe-me em paz, Capitão", Puckett ouviu-o responder. Caney voltou para o quarto. Mac Leod seguiu-o. Se bem que Puckett não ouvisse tudo muito bem, afirmou, depois, que Caney pouco disse. Era a voz do Major que sobressaía, exaltada.

Em seguida, Mac Leod saiu do alojamento, esquecendo de trocar as botas. Caney permaneceu no quarto até o meio dia. Então dirigiu-se para a sala de refeições e sentou-se. Não na cabeceira. Aquele lugar agora pertencia ao Major.

Mas o Major estava ausente. Deixara um recado com a ordenança: fôra a Le Mans e só estaria de volta às três da tarde; por isso, a cabeceira se achava vazia. Mas comparecera o 2.º Tenente James Hagan, um rapazola de Tennessee, que andara bebendo. Não chegara a embriagar-se, mas brilhavam-lhe os olhos e falava alto e muito. De repente, começou a cantar. Caney o observava, desaprovador. Por fim, disse: "Pode retirar-se para os seus aposentos, tenente."

Hagan olhou-o, surpreso.

"Por que, Capitão?"

UM CRIME NO ALOJAMENTO DOS OFICIAIS

NOVELA de KARL DETZER — Tradução especial para a "REVISTA DA SEMANA"

"Porque você está bêbado?"

O 2.º Tenente levantou-se. Segurou na cadeira com tanta força que os seus dedos ficaram brancos.

"Não estou bêbado, Capitão. Prove que estou."

Falava devagar e com grande seriedade. A alegria desaparecera, como que por encanto.

"Se quiser que prove, provarei. Retire-se para o seu quarto e fique lá, preso." Não tornou a olhar para o 2.º Tenente. Segurou o garfo e continuou a comer. Hagan conteve-se, deu meia volta, e retirou-se.

Havia três outros oficiais à mesa: tenente Ferdinand Shasta, do Corpo Médico; 2.º tenente Hawthorne e Aristide Mariotte, 2.º tenente do 42.º de Caçadores franceses, que servia de intérprete.

Naturalmente fingiram nada ver nem ouvir da discussão de Caney e Hagan. Hawthorne, especialmente, concentrou exagerada atenção nos talheres. Era um oficial magro, sério, que usava óculos, tinha pescoco comprido, voz estridente e bigode louro.

Como ele tinha chegado ao posto que ocupava ninguém sabia. Era uma dessas pessoas que, por mais que se esforcem, não podem se furtar a um apelido. O seu era "A Virgem" e ficava furioso ao ser chamado assim.

Comeu, como sempre, devagar e bem. Era quem mais comia no acampamento, apesar de tão magro. E, naquele dia, Caney resolveu fazer uma observação a respeito. Pouco depois da saída de Hagan, disse: "Bom apetite, como sempre, hein, Tenente?"

"E", sim, senhor.

"Ótimo. Vamos ter lagosta para o jantar hoje. Fui eu quem encomendou. Tenho uma convidada: a namorada do regimento."

Hawthorne deixou cair o garfo.

"Mme. Barrier?" perguntou.

"Ela mesma", respondeu Caney. "Todos os tenentes já a convidaram. E' a minha vez."

"Hoje eu não perco o jantar", observou Shasta.

Afastou a cadeira, ao falar, levou o guardanapo à boca, pondo-o depois sobre a mesa. Puckett acabara de colocar uma xícara de café junto de Caney e o guardanapo de Shasta derrubou-a no colo do Capitão.

Caney levantou-se, novamente enraivecido. O café fervendo queimava-lhe as pernas. Estava rubro de cólera. Shasta não pôde conter uma gargalhada. Hawthorne parou de comer. Caney, enxugando-se, virou-se para o médico e disse, com raiva: "Porco!" A palavra fora mal escolhida, porque Shasta, de fato, parecia um pouco com este animal e o sabia.

"Veja o que diz, Capitão. Senão..."

"Senão — o que?" perguntou Caney. Depois, começou a rir. A irritação desapareceu. "Desculpe-me, Dr. Peço-lhe desculpas como o senhor deveria ter feito."

Acendeu um cigarro, jogou o fósforo no pires e recebeu a nova xícara que Puckett trouxe.

Ninguém falou mais nada. Era típico de Caney aquele procedimento. Seu temperamento exaltado tinha dessas transições bruscas da excitação para a depressão. Sabia-se, em todo o acampamento, como esse temperamento o prejudicava no exército. Shasta sabia, seguido de Hawthorne e Mariotte.

Assim encerrou-se o segundo incidente. O terceiro, mais grave, aconteceu pouco antes do jantar.

Mariotte chegara ao alojamento às cinco e meia, mais ou menos. Encontrando o Capitão Caney perto da porta, ficou a conversar com ele. Puckett, da janela da cozinha, ouviu parte dessa conversa, e o 2.º tenente Hawthorne, que estava limpando as botas bem na porta, também.

"Iremos ao Apolo", informou Caney, olhando para o francês, que se aproximou dele, propondo qualquer coisa que Puckett e Hawthorne não ouviram. Caney replicou: "O que é que você tem a ver com isso?"

O intérprete encolheu os ombros. O francês continuava: "Muito discreto... Só nós quatro... O senhor, Madame Barrier, a outra mulher e eu... Estaremos de volta amanhã às sete."

Caney não se conteve mais. Esbofeteou, com vigor, o rosto belo e magro de Mariotte. Mariotte corou, mas nada fez. Caney, ainda irritado, entrou no alojamento.

Estes foram os incidentes. Nada mais sucedeu de importante naquela noite, segundo as testemunhas. Madame Barrier chegou às seis horas, mas isso nada tinha de extraordinário. Ela já jantara lá muitas vezes, convidada pelo tenente Hawthorne.

Era viúva — o marido morrera em Verdun — e, se bem que não fosse bonita, atraía. Era uma dessas mulheres que dispensam a beleza para chamar a atenção dos homens. Elegante. Uma personalidade.

Todos os oficiais do alojamento esforçaram-se, em vão, para descobrir como Hawthorne a conhecera. Logo a "Virgem" que fora desenterrar, daquele lamaçal, o tesouro inestimável, naquelas paragens, de uma francezinha atraente...

Dr. Shasta, por exemplo, tinha o habito de trazer convidados. Mas quando Hawthorne apareceu com Madame Barrier... Há muitos anos aqueles homens não viam uma mulher fina, bem vestida...

Naquela noite de 4 de Fevereiro, o Major Mac Leod voltou de Le Mans pouco antes do jantar. Encontrando Caney, hesitou. Mas, afinal, cumprimentou-o, polidamente. Conversaram sobre negócios de administração e Puckett, que, desta vez, tentava, abertamente, ouvir, pôde depor, mais tarde, que não se renovara a alteração da manhã.

Em seguida, Mac Leod avistou Madame Barrier. Imediatamente retirou-se para o seu quarto: queria mudar de roupa.

A pesar de Madame Barrier ser convidada de Caney, o Major dispensou-lhe particular atenção e nisso o imitaram todos os outros. Caney aparentemente não se importou com isso. Era evidente que gostava de desempenhar as funções de anfitrião. Conversou, mais do que sempre, ora em inglês, ora em um francês bem ruim.

Hagan, que não podia sair do alojamento, pois ainda estava preso, sentou-se na ponta da mesa, mas só falou com Shasta, Mariotte, Hawthorne ou Madame Barrier. O Major e o Capitão, era como se não existissem.

O jantar estava ótimo. Bill Puckett caprichara. Em homenagem à convidada usava boné branco e avental limpo. Como a maioria dos cozinheiros, ele tinha grande prazer em tirar da mesa pratos limpos: o maior tributo imaginável à sua habilidade culinária.

Desfazia-se em sorrisos enquanto servia a lagosta.

Gostava, também, de ver bastante gente à mesa. Os oficiais se divertiam e isso o alegrava.

Tinham cessado as discussões. Tudo esquecido. Mac Leod e Caney conversavam cordialmente. Shasta movia o guardanapo com cuidado. Hagan estava sóbrio e Mariotte, aparentemente, perdoara a bofetada.

Puckett tirou os pratos.

Hawthorne não comera toda a sua porção de lagosta.

"Não gostou?" perguntou Puckett.

"Claro que sim. Estava ótima."

Trouxe a sobremesa. Caney serviu-se generosamente e Madame Barrier cumprimentou o cozinheiro, afirmando que estava deliciosa. Às sete e dez tinham acabado de jantar. Caney estava ansioso para partir. "O Apolo", em Le Mans, estava anunciando um bom "show". Além do mais, Madame manifestara o desejo de assistí-lo.

Todos saíram da sala de refeições ao mesmo tempo. Caney e Madame Barrier, rumo a Le Mans; Shasta, à procura de um parceiro para jogar xadrez; Hagan para o quarto; Mac Leod apanhou um jornal, avisou ao cozinheiro que o chamasse, se acontecesse alguma coisa, e saiu com Hawthorne e Mariotte.

Puckett ouviu Madame Barrier dizer: "Mas, Capitão Caney, com esta chuva!"

E Caney: "Vamos a pé só até a garagem. Tenho um carro lá. Vou arranjar uma capa para a senhora."

A chuva começou a cair com mais força, depois que Caney e Madame Barrier saíram. Puckett acabou de lavar os pratos e foi buscar para engraxar as botas que os oficiais deixavam à porta dos respectivos quartos.

A porta de Mac Leod estava aberta, o jornal que ele levava, no chão, mas ele não saiu; Hawthorne fizera o mesmo, deixando a luz acesa. Shasta, evidentemente, encontrara parceiro fora, e estava jogando, porque o seu quarto também se achava vazio. Hagan fechara a porta do seu. Puckett, que sabia como, às vezes, oficiais presos vão dar uma voltinha, à noite, não quis verificar se ele estava ou não. No quarto de Mariotte, cheio de retratos de mulheres, também não havia ninguém.

Puckett olhou em torno. Viu-se só. No alojamento não havia um só oficial.

O cadáver do Capitão Caney foi descoberto às onze horas da noite, num barranco lamacento, perto do alojamento. Jazia debaixo de uma moita de arbustos — lugar escuro e pouco frequentado — a uns vinte passos do caminho que ia do alojamento à garagem. Seus bolsos estavam vazios.

O sargento Archie Cort, da Divisão de Investigações Criminais da cidade de Le Mans, chegou ao acampamento Marrocos à meia noite, chamado pela polícia militar. O corpo não fora removido. Um membro da polícia militar guardava-o. A chuva apagara pegadas porventura valiosas.

Na garagem um outro agente da polícia militar detivera Benoit Vernoux, um remendão do suburbio vizinho de Pontlieu, cujos gritos tinham chamado a atenção da polícia.

"Que faz aqui a esta hora da noite?" perguntou Cort.

O homem chorava.

"Ahl! Meu general!" lamentou-se. "Ontem minha porca desapareceu. Uma porca que vale uma fortuna..."

"E que têm a porca que ver com o crime?"

"Foi quando estava procurando a porca que encontrei..."

"O que?"

"Apanhei a lanterna e saí para procurar Vitória — é esse o nome da minha porca de estimação — vim seguindo até aqui as pegadas dela..."
 "E encontrou a porca e mais alguma coisa, não é verdade?"
 "Não, senhor. Eu caí. Tropecei e caí."
 Nesse instante a porta da garagem foi aberta violentamente e entrou um soldado de rosto redondo e expressão pouco inteligente. Estava muito agitado.
 "Escute, sargento, eu tenho que estar a par de tudo o que se passar..."
 Cort virou-se para ele.
 "Quem é você?"
 "Eu sou o cozinheiro", respondeu o outro, solenemente. Era Puckett.
 "O senhor tem que me dizer..."
 O sargento olhou-o, irônico.
 "Ah! Eu tenho que dizer... Esta muito bem. Estou às ordens, General." E, mudando de tom, abruptamente: "Fique aí que eu quero lhe fazer umas perguntas."
 "O timo."

Tirou do bolso um enorme lenço vermelho e enxugou o rosto. Estava ofegante. Com as mãos nos bolsos, ele ouviu a história do francês que descobrira e cedeu: ao procurar sua porca.

"Bem, você deve estar falando a verdade. Pode ir para casa."
 "E Vitória, a minha porca?"
 "Deixe a porca em paz e vá dormir. Amanhã você procura."
 O homem afastou-se, relutante. Antes que Cort pudesse perguntar alguma coisa a Puckett, entraram dois soldados. Um deles trazia na mão uma faca de cabo preto.
 "Serviço Médico", explicaram. "Examinamos o corpo e encontramos isto."
 "Onde foi ferido?"
 "Entre as costelas."
 "Há quanto tempo está morto?"
 "Há várias horas. O crime deve ter ocorrido por volta das nove horas. Talvez um pouco mais cedo. Entre oito e dez horas, de qualquer maneira. É difícil precisar mais. Morreu instantaneamente."

Colocou a faca sobre a mesa. Puckett, sem ser convidado, aproximou-se e observou-a com atenção. Seus olhos brilhavam.

"Diabo! A faca é minha. Da minha cozinha."
 O Sargento olhou para ele.
 "Sua cozinha? Há um milhão de facas iguais na França, seu cabeçudo."
 Puckett replicou, placidamente: "Eu sei disso, mas seria muita coincidência que todas fossem lascadas como esta. Eu me lembro bem. Ela escorregou quando eu abria uma lata..."

"Afasto-se. Quando a viu pela última vez?"
 "Pode ficar certo de que eu não tirei o relógio do bolso para ver que horas eram, como se faz nas histórias policiais. Trabalhei com ela o dia todo. Mas ninguém a podia ter roubado, porque, quando saí, deixei a porta da cozinha trancada."

"Você está doido."
 Os dois médicos saíram. Cort repetiu: "Doido. Doido varrido." Tirou do bolso um cigarro, acendeu-o, e sentou-se numa lata de gasolina.

"Você não pode identificar uma faca assim. Deve haver muitas facas como esta, assim lascadas. Mas admitamos que seja sua. Onde está o dinheiro, então?"

"O Capitão não foi assassinado por causa de dinheiro. Ele nunca andava com muito dinheiro no bolso. Qual roubo, qual nada! Se foi roubo, por que, então, Madame Barrier não deu o alarme?"

"Quem é Madame Barrier?"
 Enquanto Puckett explicava, tomou algumas notas e, quando ele acabou, telefonou para a polícia militar, dando ordens para deter Madame Barrier.

Depois, disse: "Aconteceu alguma coisa no alojamento, hoje? Alguma coisa fora do comum?"

"Bem, o tenente Hawthorne não comeu toda a sua porção de lagosta..."
 "O seu imbecil, eu não estou pedindo que me diga se os oficiais estavam ou não com apetite."

"Sou cozinheiro. Por que não hei de me interessar pelos apetites?"
 "Ora bolas!"
 "Pois é isso mesmo. Mas, antes do jantar, houve a briga..."

"Que briga?"
 "Caney deu uma bofetada em Mariotte. O outro ficou vermelho, mas não fez nada."
 "Não há dúvida que isto... Mas há os bolsos vazios."

"Como queira."
 "Vá chamar os oficiais aqui. Depressa."

Puckett foi ao alojamento acordar Mac Leod, Shasta e Hawthorne. Procurou, depois, Hagan. Não havia ninguém no quarto dele. O Tenente preso fora passear. Mariotte também não estava.

O Major foi o primeiro a apressar-se, mas se atraseu procurando uma espora. Afinal, saiu sem ela. Os outros seguiram-no.

Puckett ficou no alojamento. Na cozinha, procurou a faca — desaparecera mesmo. Não tinha mais dúvidas de que era a sua a que servira para o assassinato. Começou a pensar em facas... Mas, de repente, lembrou-se das botas. Botas? Sim, desde a manhã da véspera não havia engraxado nenhuma bota. Entretanto se um dos oficiais fosse o assassino... Não havia dúvidas que haveria de querer limpar as botas sujas no lamaçal onde cometera o crime, para não despertar suspeitas... No armário, estavam arrumados o pano e graxa, como ele deixara, mas o pano estava molhado! Tinha sido usado recentemente. E não fora Puckett. Quem? O assassino? Puckett correu para o quarto do Major. Este tinha dois pares de botas. Saira, havia pouco, com um. O outro ainda estava úmido. Havia lama no cano. Evidentemente, o major não tentara limpar as suas botas. O quarto contíguo era o de Hagan. Mas este só possuía um par que calçara para sair. Puckett passou ao quarto de Shasta. Também Shasta tinha dois pares. Saira com um. O outro estava seco e limpo. Mac Leod, dois pares; Shasta, dois pares; Hagan, um par; Mariotte — quantos tinha Mariotte? — quatro pares!

Naquela noite sairia com o seu melhor par. Dos três que restavam, um estava úmido e enlameado. Puckett foi, em seguida, ao quarto de Hawthorne. O par extra de botas, que este possuía, estava úmido como o de Mac Leod e um dos de Mariotte, mas limpo. Havia um pouco de lama na sola.

Puckett foi examinar as botas de Caney.

Depois voltou para a cozinha, sentou-se perto do forno e ficou a olhar para o teto.

O velho relógio, colocado sobre uma prateleira, marcava três e um quarto quando ouviu passos. Os oficiais voltavam da garagem. Terminara o interrogatório. Puckett apanhou o bule, café, água fervendo. Pronto o café, colocou o bule em cima do forno e tornou a sentar-se.

Cort entrou na frente. Sentiu logo o cheiro do café. Olhou para Puckett e encaminhou-se para o refeitório. Os oficiais seguiram-no. Mac Leod perguntou: "Esta certo de que o motivo foi roubo?"

Cort respondeu que sim: "Caney não sairia com uma senhora para levá-la a um cabaret com os bolsos vazios. Nas suas roupas não se encontrara nem um 'sou'. Puckett apareceu na porta da cozinha: Assassinado com uma faca de cozinha quando há tantos revólveres por aí?"

Cort mandou-o calar-se. O cozinheiro começou a servir o café. Nesse momento Hagan entrou. Ao ver todos os oficiais reunidos no refeitório, parou. Mac Leod interpelou-o.

O rapaz engoliu em seco. Puckett saiu. Quando voltou da cozinha, ouviu a voz de Mariotte, que protestava. Reclamava contra a atitude do seu superior, dizendo que tinha o direito de passar a noite onde quisesse. Mac Leod calou-se, afinal, e Puckett ofereceu ao francês uma xícara de café. Mariotte aceitou. Em seguida, o cozinheiro virou-se para Cort e perguntou se ele estava acusando Mariotte do crime. O sargento mandou-o calar a boca, novamente. "Quando eu quiser saber o criminoso, pergunto a você", concluiu irônico. Ao que o cozinheiro respondeu, sem titubear, que teria o maior prazer em satisfazer a sua curiosidade.

Hagan riu, nervosamente. "Diga logo, Puckett, e acabe com essa espera enervante."

Cort imediatamente virou-se para ele e avisou-o de que não fizesse brincadeiras.

Pois se estava tratando de um assunto muito sério. Hagan não tinha álibi. Entre oito e dez da noite, estava a caminho da cidadezinha de Arnage para arranjarr bebida. Ia só.

Cort acabou de beber o café e resumiu a situação: "Belos álibis! Hagan andando, só; Cort acabou de beber o café e resumiu a situação: só o tenente Shasta, à procura de um par de botas, procurando um cachimbo perdido; só o tenente Shasta, à procura de um par de botas; só Mariotte, com uma mulher cujo nome não quer revelar, logo, para todos os efeitos, só. Nenhum álibi!"



Madame Barrier arregalava os olhos, horrorizada.

Hawthorne falou: "O senhor esqueceu-se de mim. Sou o único que tem um álibi. Estava no alojamento dos oficiais da outra companhia."

Mais uma vez souu a gargalhada nervosa de Hagan: "Só a Virgem. Tinha que ser. A Virgem entre os oficiais..."

"Cale a boca, seu bêbado", berrou Hawthorne.

"Bêbado é..."

"Silêncio!" ordenou Cort.

Nesse instante abriu-se a porta e surgiu Madame Barrier, escoltada por dois gendarmes. Mudara o vestido de baile.

"Quer ter a bondade de explicar o que significa tudo isso?" perguntou.

Cort olhou fixamente para ela: "Uma festa, minha senhora. A continuação de uma festa."

Ninguém, exceto Hawthorne, se levantou. Os gendarmes conversavam com Cort em voz baixa. Entregaram ao detective um objeto que ele embolsou.

"Bem..." falou Cort, por fim.

"Bem, o que?"

"O que tem a dizer?"

"Nada. Absolutamente nada. Saí com o Capitão rumo à garagem. No escuro. Alguém o chamou..."

"A senhora aceita um cafezinho?"

"Vá para o inferno com o seu café!" berrou Cort.

"Alguém chamou-o", prosseguiu Madame Barrier. "No escuro, uma voz abafada..."

Caney pediu licença e eu me afastei... Vinte, trinta metros de distância... Discutiam... O capitão exaltou-se e elevou a voz... Ouviu-o dizer: você é um imbecil, eu faço e que quero e você não tem nada a ver com isso!"

"Tome uma chicrinha. Olhe que esta bem quentinha..."

Cort olhou para Puckett, que renovara o oferecimento a Madame Barrier, e disse: "Você quer apanhar, cozinheiro idiota?"

A francesa continuou: "Parei. Escutei. A briga tornava-se violenta. Fugí. Foi então que ouvi o grito... Veltei, procurei o Capitão, mas ele desaparecera..."

Foi desse ponto em diante que começaram a precipitar-se os acontecimentos. Cort puxou do bolso um masso de notas que fora encontrado na bolsa da francesa. Ela afirmou que lhe pertenciam. Puckett terrou a intrometer-se e identificou o dinheiro. Era do Capitão! Sabia porque ele guardava o dinheiro no par de botas, no seu quarto, e as notas eram dobradas de uma certa maneira. Ademais, desaparecera a quantia que ele habitualmente guardava ali. Madame Barrier perdeu a calma. Negou, negou tudo, a princípio, mas acabou confessando ter voltado ao local do crime, e encontrando o capitão, tinha roubado o dinheiro. Mas não o matara. "Piedade!" gritava, teatralmente. Torcia as mãos. Chorava.

Puckett observava toda aquela confusão. Quando houve uma pausa só interrompida pelos soluços agora abafados de Madame Barrier, pela respiração ruidosa de Hawthorne, pelo ruído da xícara que Shasta colocou encima da mesa; nesse momento, ele disse: "Veja, Sargento Cort. Não tinha razão? O dinheiro nada tem a ver com o crime. E agora quer saber quem matou Caney?"

Sensação. Mac Leod pulou na cadeira. Hagan endireitou-se. De repente, Mariotte olhou para Puckett, espantado: Madame Barrier perdeu o soltar; Hawthorne olhou para ela, aliviado por vê-la mais calma.

No silêncio absoluto que se fez na sala, souu a voz rouca de Puckett, explicando, deduzindo, acusando:

"Aqui, nesta sala, há um assassino. Um assassino que já está arrependido do seu crime, mas, de qualquer maneira, um assassino. O crime foi premeditado. Um dos oficiais tem acesso à cozinha, quando eu não estou lá. E a faca veio da cozinha. Só um dos oficiais, repito, tem chave, para poder abrir a porta, que eu sempre tranco, ao sair. Foi um deles, portanto, quem roubou a faca durante o dia de ontem. Outro aspecto interessante do caso são as botas. Um aspecto interessante e importantíssimo. O material de engraxar, conforme verifiquei, foi usado recentemente e não por mim. Quem

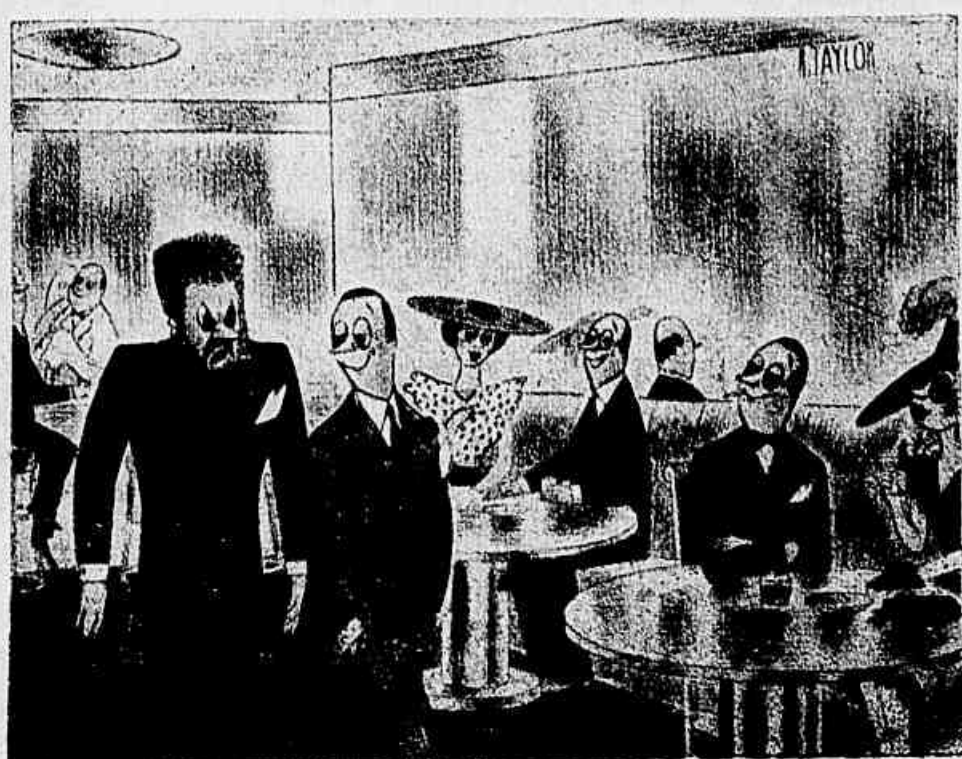
DE BOM HUMOR



— Vou mostrar-te o que é habilidade.



— Por obséquio cavalheiro, as de 40 centavos aqui.



— E' preciso que faças uma voz de soprano ligeiro e digas: fora de meu quarto, atrevido!

— Escuta, André, acaba com essa história de me apresentar como teu "emplumado amigo".



— Sentí muito quando soube que estava acamado. Suspeita de alguma sabotagem, general?



— O jantar será servido assim que todos se lavarem.



BANCO HAZAN S. A.



No dia 1.º deste mês inaugurou-se, nesta Capital, o Banco Hazan S. A., instalado á rua Gonçalves Dias, esquina de 7 de Setembro. A' frente do novo estabelecimento de crédito estão as figuras conceituadas do dr. Paulo de Oliveira Botelho e do sr. Salomon Silvain Hazan, contando o Banco com um seleto corpo de acionistas. A' cerimonia inaugural compareceu grande numero de pessoas do comercio, da industria, das finanças e da sociedade, constituindo um brilhante acontecimento. São da inauguração os aspectos que ilustram esta noticia, vendo-se, no de cima, os diretores do Banco rodeados pelos convidados e, em baixo, cercados pelas suas familias.



Por motivo de seu aniversario natalicio a senhora Blanca Antony ofereceu a um grupo de amigos um jantar no hotel onde reside. A conhecida cantora, membro de illustre familia amazonense, recebeu homenagens de numerosos admiradores. Aqui a vemos cercada de amigos e intelectuais e artistas.

Aniversários da Semana

19 — Senhoras: Viuva Irineu Marinho, D. Clotilde Martins, D. Nair dos Santos. Senhoritas: Zoré Iruch Cavalcanti; Menina Marly de Mello Moraes. Senhores: Dr. José da Costa Moreira, capitão de Mar e Guerra José Maria Neiva, Dr. Eduardo Monteiro, Dr. Alcebiades Martins Fontes, Jader Silveira Alves, Oscar Wright da Silva, José Bernardo de Almeida.

20 — Senhoras: Zita Viana de Sá Pereira, Lija Príncipe da Silva, Marília Fontes de Almeida Portugal, Geny Machado Viana; Senhoritas: Geny Guimarães Machado, Maria José Dias Martins, Maria Monte Serrat de Almeida, Dalila Prata. Senhores: tenente-coronel Mario Ramos, Dr. João Rego de Faria, Dr. Silva Pereira, Arthur de Castro,

21 — Senhoras: Elvira Marchesane, Anita Pecanha, Viuva Dr. Urbano Santos, Viuva Dr. Vitor Viana. Senhoritas: Marisa Ramiro Bandeira, Clio Viveiros. Senhores: Waldemar de Oliveira Paulo, coronel Ernani Augusto Corrêa, tenente-coronel Arthur Joaquim Pavão, tenente-coronel Edgard do Amaral, Dr. Sabino Teodoro, Dr. Ary de Azevedo Franco, major Berilo Neves, nosso presado colaborador; Barros Vidal, nosso antigo compenheiro de redação, tenente Bento Pedreira da Costa.

22 — Senhoras: Belkiss Darcy Sparano, Dina Soares Brandão, Heloisa

Silva Raposo Lopes; Senhoritas: Helena Maria Brito Cunha, Eneida dos Santos. Senhores: Dr. Manoel Paulo Filho, Dr. Antonio da Veiga Faria, Dr. Plácido Teixeira de Melo Moraes, Dr. Azevedo Lima, Dr. Antonio de Paula Chaves.

23 — Senhoras: Maria Botafogo do Rio Branco, Amelia de Rezende Martins, Maria José Alvarenga Peixoto. Senhorita: Berenice de Siqueira. Senhores: tenente Augusto Scherer Ferreira de Abreu, Dr. Gomes de Paiva, Filho, Dr. Carlos Niemeyer, tenente-coronel Francisco Lacerda de Almeida, comandante Gerson Macedo Soares, almirante Alvaro Rodrigues de Vasconcelos.

24 — Senhoras: Odila Lima Pestana. Senhorita Maria de Lourdes Serra Franco. Senhores: Dr. Demétrio Xavier, Dr. Alfredo Regulo Valdetaro, Asdrubal Cardoso, Olegario Mariano, tenente D. de Santana; Dr. Henrique Lutgardes Cardoso de Castro.

25 — Senhoras: Julieta de Andrade Pinto Jatuby, Lucia Veloso de Albuquerque, Noemia Maria de Matos, Menina Maria José Bayma Lago; Senhores: ministro Zacarias de Góes Carvalho, Dr. Miranda Rosa, Sr. José Cavalcanti de Almeida, Sr. Onofre da Silva Oliveira, tenente-coronel Osvaldo Nunes dos Santos, Cornélio Marcondes da Luz.



O ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO NA "CRUZADA BRASILEIRA" — Os ambulatórios da Cruzada Brasileira Contra a Tuberculose, onde são tratados gratuitamente milhares de doentes pobres, receberam a visita de S. Excia. Revdma. D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, que se fazia acompanhar de monsenhor Felício Magaldi. Depois de benzer a imagem de Jesus Crucificado colocada na sala de espera, S. Excia. Revdma. proferiu significativas palavras, aplaudindo aquela obra benemerita. Agradeceu a honrosa visita o professor Clementino Fraga, presidente da instituição. No clichê vê-se o Exmo. Sr. Arcebispo entre diretores da Cruzada Brasileira.

O CIRCO E A LITERATURA

DESDE os tempos mais distantes que o circo, mesmo o pobre circo de cavaleiros, vem divertindo e encantando a humanidade. A arte do picadeiro é uma das mais velhas do mundo. Há muitos e muitos séculos que palhaços, malabaristas, homens do trapezio, moças que dançam num fio de arame realizam os seus espetáculos pitorescos, para deslumbramento das crianças de todas as idades, isto é desde as calças curtas até mesmo os cabelos brancos...

Creio, sendo assim, o circo teria de ser, também, por força, um assunto muito explorado na literatura, que afinal de contas não é mais do que um espelho da vida.

E na verdade, grandes autores e grandes livros já trataram de "clowns" e trapezistas. Fôzemos nós citar aqui todas as páginas ilustres que já se escreveram no mundo em torno das representações circenses e este nosso trabalho não acabaria nunca...

Por isso, teremos de nos contentar apenas com o que foi escrito no Brasil. E assim mesmo, para evitar excesso de matéria, impõe-se uma seleção rigorosa. E há tanta coisa onde se fazer a escolha!

Para começar, uma pequena crônica impressionista de Raul Pompéia, o autor de "O Ateneu". É uma página em que até se procura fixar uma certa filosofia do circo... Ei-la:

Domingo no circo. Não só as crianças. Todos os primitivos entretêm-se, o primitivo popular e o que temos de primitivo no gosto. Diverte-nos o drama do musculo, como aos que não chegam a compreender o drama falado dos nervos. A galria estremece e palpita com o risco das atitudes, sobre o pano correndo a pista, ou na altura, sobre o gaz, sobre a admiração trêmula, sobre a catástrofe. Cada gesto é uma temeridade. O desastre é a perpetua expectativa, sempre adiado e sempre iminente. Ninguém conhece a escola, a disciplina da ostia, as repetidas sessões de ensaio no picadeiro a portas fechadas, com as roupas velhas, grotescas, de ouro sujo e róloas, e as bombachas de brim pardo, quando os artistas caem

e os meninos apanham para não cair e o mestre vocifera, aproveitando o chicote que é um adereço. Vê-se o resultado apenas, a pericia acabada para o ultimo efeito e gozam-se instintivamente a repugnância e a surpresa dos disparates, da habilidade afrontando a retina dos olhos. E diverte o circo, com a emoção grosseira, como a acrobacia das alternativas no teatro; os aparelhos, a mecânica do dialogo e das cenas, a tauturgia inesperada dos desenlaces, o volteio a galope dos trucs estimulado pelo ponto. Com a vantagem, no circo, de ser o drama realmente humano. O ator não é a ficção do personagem. O tecido de malha justo ao corpo é uma evidencia. Vemos a propria carne, que é a heroína do momento. Aparecem os musculos ostentosos e as articulações que entram em programa, amestradas para a tensão rija e para as deslocções. Joga-se ali a vida como nas cartadas do palco, mas a propria vida do figurante. E seduz o jogo das probabilidades, como uma parada a preço de sangue, em que pode ganhar a nossa expectativa barbara de sensações. Homens que se arremessam no espaço, pernas de mulher, que se debatem no ar, ao mesmo tempo solidas e leves, masculinizadas para a força, lembrando brutos amores herculeos nas noites rapidas das tendas, e pobres creaturinhas magras, cansadas da mortificação precoce, vítimas que se contorcem, que se esmagam por maravilha; espetáculo confundido de sensualidade e perigo, que lisongeia a herança latina dos entusiasmos da arena romana, selvageria profunda que os alfaíates modernos disfarçam e que ali se anima com o exemplo da ordem comum violentada. Sem falar em Tony, outra anomalia: — feita imbecilidade e graça, quando exatamente o comum é fazer-se graça à custa da imbecilidade.

O circo de antigamente não prescindia das três figuras classicas: Pierrot, Colombina e Arlequim. Hoje os "pavilhões" apresentam os dramas do tempo de Dias Braga e os palhaços andam no circo da vida...

Mas, que é o circo, afinal?

Ha' quem o imagine como a própria imagem da vida... Todos nós estamos também num imenso picadeiro, representando a nossa pantomima e tratando de não cair do trapézio... E de vez em quando sai cada uma palhaçada neste circo sem toldo de lona...

Nas páginas de "Uma Coisa e Outra", Bastos Tigre explora o assunto, aliás já muito explorado antes dele.

E eis como o humorista procura extrair efeitos irônicos desse velho tema literario, já comentado em prosa e em verso:

Um Circo de Cavaleiros é bem a imagem da vida. Reparem: ali está o Diretor, de casaca, o seu ar de suma importancia, o seu chicote de autoridade em punho, mas constantemente a cair nas partidas e pulhas que lhe arma o palhaço.

La' estão os artistas do trapézio, seguros no salto, precisos e oportunos em se transportarem de uma a outra barra oscilante; e os que andam na corda bamba, em prodigios de equilibrio e os malabaristas em quem vontade, olhar e atitudes estão em perfeita sincronização e os engole-espadas, capazes, fora da arena, de se engasgar com uma espinha de enchova...

Toda essa gente nos diverte no Circo, é a alegre caricatura da que vive, pela vida, governando povos irreverentes, saltando trapézios, desmentindo com equívocos inverosímeis, as leis da gravidade, jogando fustambulicamente com o instinto e com a moral, sem lhes notar diferença de densidade.

Mas o que, no Circo, mais nos interessa, porque mais se aproxima da realidade do dia a dia, é o Tony o risível, o impagável Tony.

Ele é o tipo do irrequieto, do ativo, do que faz tudo e que tudo compreende.

E' de vê-lo a correr, de um lado para o outro, a enrolar os tapetes, a esticar as cordas, a arrumar as cadeiras para a pantomima.

Mas sucede que, quando ele aparece, ou todo o



OUTRA CRONICA DA SÉRIE "BIBLIOTECA DO AR".
PROGRAMA LITERO-RADIOFONICO APRESENTADO
SEMANALMENTE PELA RADIO MAYRINK VEIGA, SOB
A RESPONSABILIDADE DO ESCRITOR GENOLINO
AMADO, E RECONHECIDO COMO O MAIS INTERES-
SANTE E UTIL NO GENERO.

trabalho já está feito ou a sua intervenção só faz atrapalhar e dificultar o trabalho dos outros.

E a gente ri ao vê-lo, trapalhão e canhestro, ser enrolado nas dobras do tapete ou enovelar-se nas cordas que se propunha a enrolar.

Entretanto Tony trabalha. Não há talvez, no Circo, quem tanto trabalhe — ou pareça trabalhar, como Tony. Nem o funambulo, nem o malabarista, nem a menina do trapézio, nem o fakir indiano, nem o palhaço que dá cabriolas e canta ao violão, nenhum deles despense a atividade, a energia de Tony, a fazer obras feitas, a exercitar-se em cousas inúteis.

Ah! como teria o mundo caminhado para a frente se aproveitados fossem, desde o início da Civilização, os esforços vãos, os trabalhos improficuos de tantos milhões de tonies!

Mas serão mesmo improficuos, inúteis, como julga Bastos Tigre, as palhaçadas dos "tonies" de circo?

Parece que o autor de "Bolhas de Sabão" cometeu um erro e uma injustiça. Os palhaços representam uma grande e valiosa função social, porque divertem o povo e excitam a fantasia das crianças. Não há de certo quem deixe de guardar na memória uma cena qualquer do circo de cavalinhos que admirou na infância. Monteiro Lobato, por exemplo, escreveu comovido reminiscências do seu tempo de menino, cuja maior felicidade consistia em ir a um espetáculo de picadeiro, deliciando-se com as suas pantomimas.

Nem se compreende mesmo que os circos tenham acompanhado sempre a humanidade, séculos a fora e não contivessem alguma coisa de essencial, de extremamente sedutor para a alma dos moços e dos velhos.

Por isso, o desaparecimento da arte circense inspira penas e cuidados. Foi o que aconteceu recentemente, aqui mesmo no Rio, quando os pitorescos pavilhões suburbanos estiveram em serias dificuldades. Felizmente esses obstáculos foram removidos, com a proteção oficial. Mas, a respeito, Genolino Amado escreveu a seguinte crônica:

Parece destinada a morrer, e morrer sem gloria, na indiferença de quase toda gente, uma das mais antigas e alegres tradições da cidade. Tradição, aliás, que pertence ao mundo inteiro, que vem de longe acompanhando a humanidade, e cuja permanência aqui no Rio, era o sinal de que a metrópole moderna ainda não perdera o gosto das coisas simples, ainda não sacrificara a sua alma, a sua poesia popular, entre as sugestões banalizadoras do progresso radiofônico e cinematográfico.

Essa tradição agoniza nos circos, os ultimos e pobres circos suburbanos, de magros trapezistas, de teimosos palhaços que todas as noites repetem as mesmas piruetas sem graça, já enervados talvez de executá-las para o publico feliz que delas nunca se cansa.

Num verdadeiro milagre de sobrevivência, contando somente com a sua ingenuidade colorida para lutar contra a competição dominadora das fitas de Hollywood, os pavilhões circenses vinham resistindo, nem sei como, aos elementos de desgraça que pesavam sobre



Arlequim moderno de paletot-saco. Dobrou o joelho, cruzou as mãos e deve estar suplicando uma esmola de amor... Pierrot ausentou-se mas deixou Simão vigiando. E Colombina displicente sorri, talvez dizendo: — "Não se enxerga?"

o seu destino. Maquinas prodigiosas, aparelhos surpreendentes, ao serviço de uma das maiores industrias americanas, procuravam em vão expulsar das cidades-las de lona a humilde arte primitiva, vinda dos velhos tempos que desconheciam a maquina. O picadeiro obstinava-se em não se reconhecer derrotado pela tela. E havia qualquer coisa de tocante, mesmo de patético, nesse heroismo histriônico.

Com o seu espirito cavalheiresco, tão difícil de encontrar entre os cavalheiros, mas tão comum na gente do povo, a plebe suburbana prestigiava os circos nessa batalha desigual. Mas não era só por sentimentalismo e generosidade que a multidão proletaria os frequentava. Era também porque neles podia encontrar o que não se encontra na mais luxuosa produção da "Metro" e da "Paramount", com os artistas mais caros e os diretores mais importantes. Os circos lhe ofereciam, ao mesmo tempo, um retorno à infância e um refugio contra a técnica. Se os Chicharrões e os Piolins nunca renovam os seus "trues" e recursos hilariantes, ao contrario dos Bob Hope e dos Lou Abbott, sempre em busca de "gangs" i-tés, isso constituia mais um encanto para os "clowns", em vez de ser uma desvantagem. Porque era a primeira gargalhada de menino que voltava a todos os espectadores quando riam, já velhos, à custa da pilheria ouvida ainda na época das calças curtas. A caboclinha nacional, a equilibrar-se no fio de arame, surgia com uma graça que nunca poderia ter aos nossos olhos a mais linda Hedy Lamarr ou a mais perturbadora Dorothy Lamour. Porque era a graça que ficara em dentro de nós, desde o tempo em que o circo de cavalinhos nos mostrou a visão garota a primeira imagem de mulher que nos atraia com uma sedução exquisita, sem ser de namorada, mas vinda das fontes nascentes do desejo.

Além disso o circo era um repouso contra as maquinas que nos perseguem por toda a parte, maquinas que nos transportam, que nos prendem ao trabalho, nos fazem quando se liga o radio, de que não podemos fugir ainda mesmo quando queremos fugir de tudo num cineminha de bairro. Só ao circo elas não nos acompanham. E por isso era tão bom ir aos circos.

Ali, toda a técnica estava no homem e não em seus inventos. Diante da complexidade do filme, a pantomina do picadeiro parece a coisa mais simples e mais facil deste mundo. No entanto, o malabarista é submetido a um treinamento que desesperaria qualquer ator de Hollywood e tem de exibir uma habilidade, uma segurança, uma serena maestria, que de certo não se vê nos astros da tela. Carmen Miranda, que triunfou tão rapidamente nos estudos americanos, fracassaria com certeza se quisesse brilhar num circo do suburbio. Sobre o fio de arame não ha quem se mantenha por simples efeito de balangandans decorativos. O picadeiro era um dos últimos lugares postos em abrigo contra as improvisações.

Agora, entretanto, os circos estão sob a ameaça de desaparecer. A policia impôs aos pobres pavilhões de lona tantas exigencias novas para o seu funcionamento que, segundo me informam, quase todos terão de abaixar o toldo, vencidos afinal. E é um pouco da nossa infancia, da nossa ingenua poesia popular, que participa dessa derrota.



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores

Pt. Ramos de Azevedo, 131

**SABONETE
HIGIENIC** HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90

**Primeiro
indício!..**

Não perca tempo
quando sentir os sín-
tomas de uma consti-
pação - o descuido
pode custar-lhe caro.
Aplique logo Men-
tholatum no peito,
na garganta e nas
fossas nasais. Mas
exija o legítimo

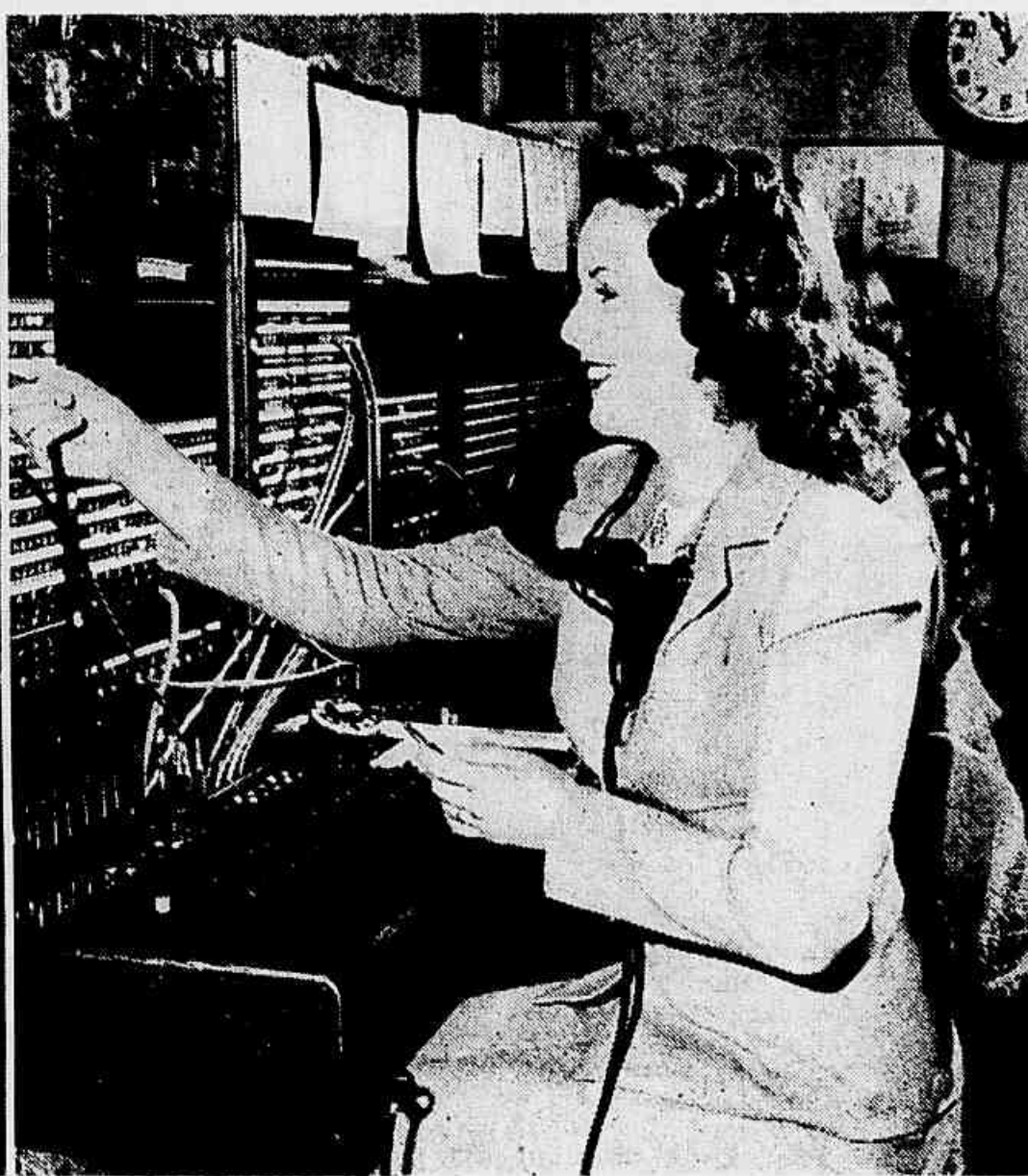


MENTHOLATUM

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



Deanna Durbin quer trabalhar



*E tomou lições
de varias coisas!*

HOLLYWOOD; MARÇO — (VIA AÉREA)

SETE anos passados, quando Deanna Durbin pisou pela primeira vez os estúdios da Universal para submeter-se a um "test" e onde fez, logo em seguida, a protagonista de "Três pequenas do barulho", o diretor Henry Koster sofreu um bocado. Miss Durbin era, então, uma garota incorrigível, justificando o título do filme. Quando Henry Koster lhe perguntou si desejava ser uma grande interprete dramatica, respondeu: — "Oh, não! Eu quero apenas cantar..." Hoje, sua condição de cantora é colocada em plano secundario e agora mesmo Frank Borzage, que a dirigiu em "A Irmãzinha" (His Butler's Sister), comparou Deanna Durbin a Helen Hayes, que êle dirigiu no seu maior trabalho, "Adeus às armas",



Nesse seu novo filme, a esposa de Vaughan Paul revela-se, ao que nos dizem, uma comediante sensivelmente valorizada. — "Agora eu quero trabalhar de verdade!" — declarou a "estrela" entusiasmada com a "chance" que lhe proporcionou Frank Borzage. E, para começar, fêz um curso de estenografia, outro de telefonista, um terceiro de arquivista e tomou ainda lições de matemática. Resultado: ela não quer ser, apenas, uma bonita e elegante artista-cantora de Hollywood, ambicionando provar que, pela primeira vez, uma garota prodígio do cinema cresce, casa-se, faz face a todas as suas obrigações sociais, sem perder as maiores simpatias dos "fans"... Nas gravuras destas páginas, miss Durbin em três bonitos modelos próprios e, depois, numa série de flagrantes fotográficos executados durante os seus "tests" feitos "no batente"...

(Fotos Universal).

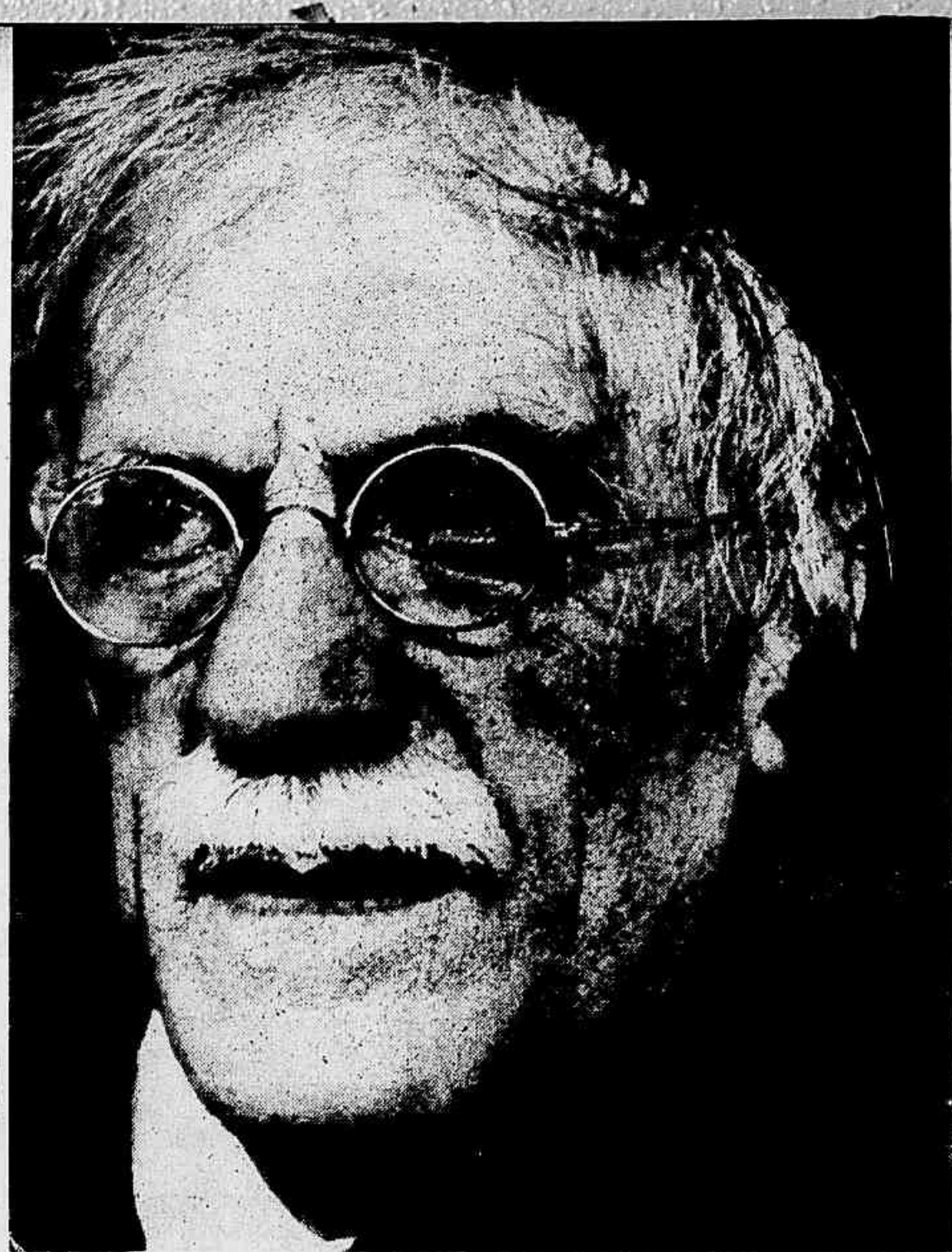


WASHINGTON, fevereiro — Na história da fotografia, o norte-americano Stieglitz está ao lado dos três ou quatro maiores homens do mundo, nessa especialidade. Já em 1887, com instrumentos e material ainda não aperfeiçoados, fazia fotografias que excedem em perfeição muitas de hoje. Quando começou a dedicar-se a essa atividade, a fotografia americana ainda estava numa condição muito baixa e atrasada. No fim da sua carreira, ele estabeleceu um padrão de alta qualidade e técnica muito superior ao das nações-européias. Tornou-se o homem mais famoso na sua profissão e, apesar das tentações e honras que lhe foram oferecidas, recusou-se a comercializar o seu gênio.

Além das suas atividades, aperfeiçoando a arte da fotografia, Stieglitz foi o pioneiro da arte modernista, nos Estados Unidos. Nos primeiros anos deste século, exibiu ao público na galeria de Nova York os exemplares de pinturas e esculturas, hoje consideradas como modelos de um novo movimento na arte, mas que, na ocasião, foram mal acolhidos e severamente criticados.

Um dos grandes conferencistas dos tempos atuais, Stieglitz levantou a sua voz, durante meio século, ou mais, para demonstrar a veracidade das suas proféticas declarações e impôs-se como árbitro de todas as coisas que dizem respeito ao espírito livre da humanidade.

Aos dezessete anos, seguindo o conselho paterno, Stieglitz foi a Berlim para estudar engenharia mecânica, mas ao ali chegar encontrou outra coisa, à qual dedicou as suas melhores energias e que havia de decidir todo o curso da sua vida. Stieglitz descobriu a fotografia. Certo dia, no primeiro ano de sua chegada a Berlim, viu, na vitrina de uma loja, um pequeno objeto preto — uma caixa com uma lente.



Dedicando-se abnegadamente à sua arte, Stieglitz nunca pôde encará-la como um meio para adquirir riquezas ou as glórias de uma consagração.

Quando dirigia, em 1908, os artistas que trabalhavam com ele para a vitória do seu movimento, acolheu com entusiasmo, na sua galeria, os mais avançados representantes da arte nova e modernista. Trouxe para o público norte-americano, pela primeira vez, aquarelas de Rodin e Cézanne; os quadros de Matisse, Picasso e Henri Rousseau; e os cartazes de Toulouse-Lautrec, sem nunca ter cobrado deles um único vintem.

As suas fotografias podem ser vistas nos principais museus da Europa e da América. Os seus motivos quase sempre são estudos naturais de nuvens, árvores, montanhas, cenas metropolitanas e coisas feitas pelo homem, como casas, automóveis e aeroplanos. Fez, também, estudos do nú, alguns trabalhos mostrando todo o corpo humano e outros em que focalizava apenas partes, em estudos anatômicos. Não há excentricidades em suas fotografias e nem retoques ou focalização de ângulos exóticos. Ele é um mestre da focalização e sabe, talvez como nenhum outro fotógrafo do passado — ou do presente, como focalizar um objeto no seu verdadeiro plano, evitando deslocções ou distúrbios nos contrastes do claro e do escuro. Na especialidade de retratos, é um legítimo sucessor de David Octavius Hill, pintor escocês, que fez experiências com uma camera, há cem anos, na infância da fotografia. Na sua intensidade de expressão, dignidade e imperecível personalidade, os retratos de homens e mulheres feitos por Hill encontram poucos rivais, até mesmo na moderna fotografia.

STIEGLITZ PIONEIRO DA FOTOGRAFIA

UMA FOTOGRAFIA VENDIDA POR 8.000 DOLARES

Por THOMAS CRAVEN

(Copyright da Inter-Americana, por acôrdo especial com "The Saturday Evening Post")

Dá a poucos anos, aquela caixa preta tornava-o uma das figuras mundiais. Aos vinte anos, o seu nome era familiar a todos os europeus, que se dedicavam à arte. Aos vinte e três, a sua superioridade nesse ramo de atividade humana era reconhecida por todos. Ainda jovem, conquistou as maiores menções honrosas, medalhas e prêmios, disputados nos grandes concursos realizados na América e na Europa — ao todo 150. Mais tarde, havia de ser chamado "O velho mestre da camera" e "o maior de todos os fotógrafos".

Nenhum fotógrafo conheceu segredos mais profundos da mecânica de sua arte, do que Stieglitz, e chegou, mesmo, a ultrapassar os próprios alemães. Para o aperfeiçoamento da arte fotográfica, estava sempre à frente das conquistas dessa ciência. Durante os seus dias de estudante, na Alemanha, a crença geral era de que só se podiam tirar fotografias durante o dia. Stieglitz discordava disso e conseguiu um negativo perfeito, depois de expôr a placa durante vinte e quatro horas, a uma luz elétrica. Mais tarde, com método idêntico, foi o primeiro a fazer fotografias à noite, o primeiro a usar a camera na neve e na chuva, o primeiro a fotografar arranha-céus, nuvens e aeroplanos — e foi um dos pioneiros da fotografia colorida.

Em 1887, tirou o primeiro prêmio no concurso de fotografos amadores, realizado em Londres. Os resultados por ele obtidos eram mais perfeitos que os dos seus concorrentes, e os contrastes de claro e escuro mais fortes e com muito mais expressão.

Com a morte da sua irmã, em 1890, regressou aos Estados Unidos. Aí, a fotografia que encontrou ou estava nas mãos de comerciantes ambiciosos ou nas de amadores, que a desconheciam por completo e que nada poderiam fazer pelo seu aperfeiçoamento.

Lutando para dar à fotografia o verdadeiro lugar que merecia, ao lado das outras atividades artísticas do homem, Stieglitz reorganizou e deu um grande impulso à Sociedade de Fotógrafos Amadores, que já estava quase se extinguindo e mudou o seu nome para "Camera Club"; fundou o "Camera Notes", órgão oficial do clube, onde escreveu inúmeros artigos sobre a arte fotográfica. Escreveu, também, muitos artigos que foram publicados em revistas européias.

Em 1903 fundou e editou o "Camera Wor", o mais importante magazine dedicado unicamente à fotografia, que jamais se imprimiu. Ainda para o desenvolvimento e progresso da sua causa, descobriu e protegeu Edward J. Steichen, Gertrude Kasebier, Holland Day, Clarence H. White, Frank Eugene, Joseph T. Keiley, Alvin Langdon Coburn e outros jovens americanos que conquistaram um lugar saliente nessa promissora profissão.

Em 1905 abriu a sua própria galeria, na Quinta Avenida, que, apesar de ser dedicada à fotografia, cedeu uma parte para os trabalhos de jovens pintores e escultores.

"Stieglitz" disse-lhe, o senhor, mesmo nos seus tempos mais difíceis, jamais aceitou fazer uma fotografia sob pagamento.

A resposta de Stieglitz foi meio evasiva e quasi ininteligível, mas afinal confessou que uma vez concordou em fazer um retrato por encomenda. Havia se casado com Georgia O'Keeffe, uma eminente artista norte-americana e, como não havia dinheiro em casa, O'Keeffe decidiu tomar uma providência. Veio visitá-la uma amiga, que desejava ser fotografada por Stieglitz. Concordaria o grante artista?

"Fui fraco e não resisti", disse-me Stieglitz, "mas declarei-lhe que o preço seria 1.500 dólares. Pagaram-me o que pedi e revoltei-me contra mim mesmo, ao receber o dinheiro; era contra os meus princípios, contra tudo quanto havia pregado e defendido. Qual é o valor de uma obra-prima? Um milhão de dólares, para quem tiver êsse dinheiro, mas, do outro lado, como um patrimônio do povo, não há preço que pague o seu valor".

"Desde 1930, Stieglitz dirige os seus negócios no 17.º andar de um arranha-céu, em Nova York. Nesta galeria, os quadros não são vendidos pelos métodos comuns no comércio e sim da seguinte maneira: a pretendente chega e pergunta o preço de uma aquarela; mas não era isso o que ele devia fazer, conforme constata logo. "Minha senhora" diz-lhe Stieglitz, imediatamente, "não sou um negociante. Não vendo quadros. Às vezes acontece que os quadros são levados, por pessoas que os admiram, mas ninguém os vendeu. Como posso saber o verdadeiro valor deles? Por que a senhora o deseja? Como poderei pôr um preço no trabalho do artista, apenas para lhe servir? Mas espere um pouco. Olhe bem o quadro hoje e volte amanhã, para admirá-lo, a senhora vê-lo-á exatamente como eu, isto é não apenas as árvores, o céu ou água nele pintados, mas ouvirá o som das suas águas murmurantes e sentirá o ritmo da vida, palpitando nessa tela.

No dia seguinte, a pretendente volta e conversa de novo com Stieglitz, que lhe proporciona a aquisição do quadro pelo preço de 3.500 dólares, porque ela está convencida de que realmente merece adquirir aquela obra-prima. Mas nem sempre essa maneira de negociar de Stieglitz obtem sucesso. Uma ocasião conseguiu vender um quadro de marinha por 8.000 dólares — talvez o preço mais elevado que até hoje já alcançou um quadro norte-americano — mas os compradores vão se tornando raros e hoje Stieglitz tem uma receita anual de apenas 4.000 dólares.

Há alguns anos, vinte e cinco escritores fizeram, conjuntamente, uma biografia do grande artista, "um retrato coletivo de Stieglitz"; mas o livro pode ser tudo, menos um retrato de Stieglitz. Este é um homem do trabalho e é o fotógrafo, dentro dele, que domina toda a sua personalidade e que deve sobreviver.

O AMIGO N.º 1 DA CRIANÇA

Celestino Silveira

Foi por muito tempo o cachorro. Depois, deixou de ser, desde quando a vida se tornou mais e mais dispendiosa, e o sustento de um bicho era alguma coisa além de um simples passatempo para a família, mas "uma boca a mais para sustentar". Os cães têm perdido muito do seu prestígio, depois que se convencionou atribuir-lhes um sensível aumento nas estatísticas da hidrofobia. Ou antigamente não enraiveciam tanto ou não ligávamos tanta importância a essa enfermidade canina. Hoje, sobre ser dispendioso o sustento de um cão, ele parece constituir ainda uma grave ameaça para todos em casa. Contribuindo para agravar a triste situação dos bichos, leve-se também em conta a escassez de espaço nas residências modernas. O sistema do apartamento não dá um lugarsinho de sobra para o Joly de madame ou mademoiselle. E quando um morador dessas modernas residências coletivas insiste em conservar o seu cão Fiél ao lado, surgem os protestos dos vizinhos do prédio, com a inefável reclamação ao proprietário. As casas de outrora, com seus espaçosos jardins e quintais, admitiam a casa do cachorro, parte integrante do "todo". E o cachorro tinha outra utilidade: Vigia. Hoje, com o portão coletivo do apartamento cerrado às vinte e duas horas, cachorro é objeto de luxo; está sobrando... As crianças de nossos dias não conhecem aquela amizade encantadora que as de ontem tributavam aos animais. E os gatos foram, há muito tempo, abolidos do ambiente doméstico.

Eis porque o amigo numero um da criança, pelo menos dessa bonita criança americana, é o macaco e não o cachorro. Trata-se de um caso inédito, tipicamente "yankee", com qualquer coisa de cinematográfico. Papai e mamãe trabalham fóra. Como já acontece no Brasil, graças a Deus. Ele tem seus afazeres no escritório, gerente de importante companhia. Ela é estenografa. Talvez, agora, esteja a serviço de alguma fabrica produzindo para a guerra. No Brasil, o mais certo era ser professora. Ambos saem pela manhã, voltam à noitinha... Cansados. Cheios de problemas para resolver no dia seguinte. A refeição vem de fóra. Tal qual no Brasil — no Rio, pelo menos... Criada? Quem diz! Elas estão cada vez mais cada vez... E menos se encontram. Pior é que papai e mamãe ganharam o pequeno Herman, esse lourinho de olhos gaiatos que a cegonha um dia trouxe no bico, envolto numa fraldinha com alfinete de grampo... Quem poderá tomar conta de Herman, em casa?

O problema foi resolvido com o aparecimento de Monc — um símio que não é símio nem nada... De onde veio ele? Ninguém sabe. Talvez atendesse ao "Precisa-se" de um empregado para todo serviço e para tomar conta de uma criança muito traquina. Certo é que mister Monc sae-se às maravilhas. Pela manhã, cedo, Herman faz a primeira refeição — um saboroso copo de leite. Depois, "toilette" para um. As peças caem em desalinho, pelo tapete do quarto, mas tudo se arranja. Vem, logo após, a lição ma-





**MONC ESCOLHE A ROUPA
QUE O "BABY" VAI VES-
TIR AGORA DE MANHÃ.
MAS NÃO A SUJE, HEIN?
A LAVADEIRA SO' VEM
SABADO!**



DEZ MINUTO BALANÇO..

Depois, um pouco de exercício. Monó dá a seu amiguinho e protege-o, enquanto o petiz morde um biscoito de crime. E aí, vamos verificar o peso... Upal! "Oh, boy, oh boy!" Herman aumentou duzentas e quarenta gramas... Papai vai ficar satisfeito! E que tal, agora, vinte minutos de engatinho com os outros bichos? Com uma condição: Bicho de verdade, só ele. Por...

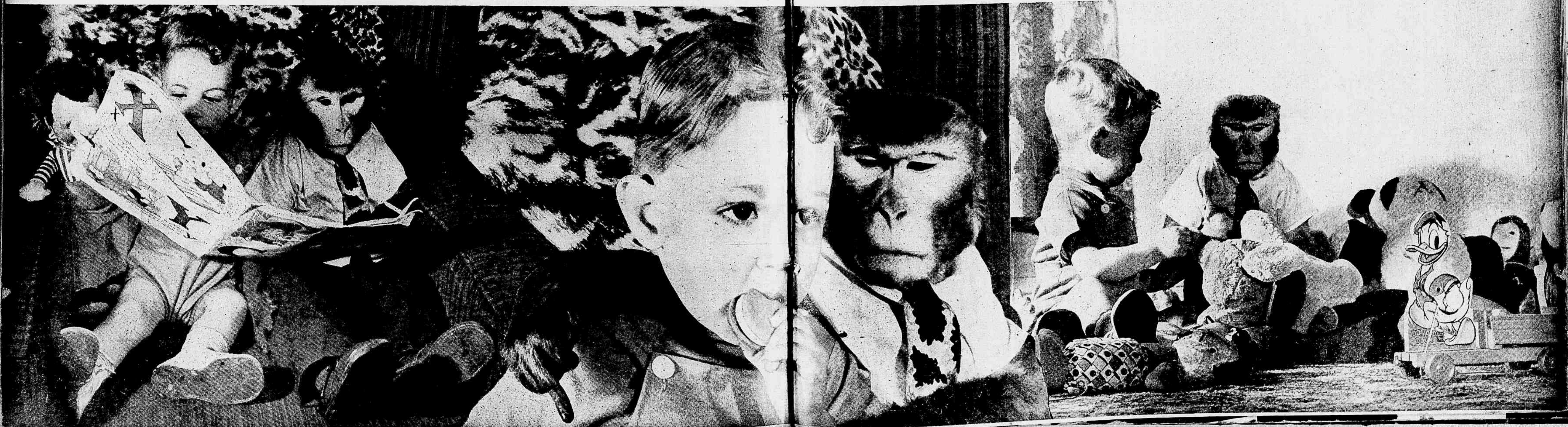
Mais tarde, mamãe e papai voltam. Eles. Tranquilos porque o "baby" tem quem o proteja, quem lhe dê refeições a horas, quem cuide do banho, da lição — de tudo..

Que inveja, hein, mães e papais ortos? Vocês que tanto procuram amarela sem a encontrar!
Vamos mandar vir Monc de Nova York?
E ainda dizem que os simios imitam os humanos. Mas, si cada macaco ficasse no seu galho, Herman não teria esse centro de serviço, tão prestimoso... E papai e mamãe não trabalhariam fora, desentendo a diu todo!

A' ESQUERDA, HOJE, DA LIÇÃO. E' PRECISO DECONAR O MONTE E MONTE PARECE QUERER APRENDER TAMBEM! AO CENTRO: ENQUANTO ESPERA O "LUNCH", UMA BOLACHA NÃO FAZ MAL A NINGUÉM... MONTE INSISTE: — MAIS UMA! — A' DIREITA: BRINCANDO COM OS OUTROS BICHOS.



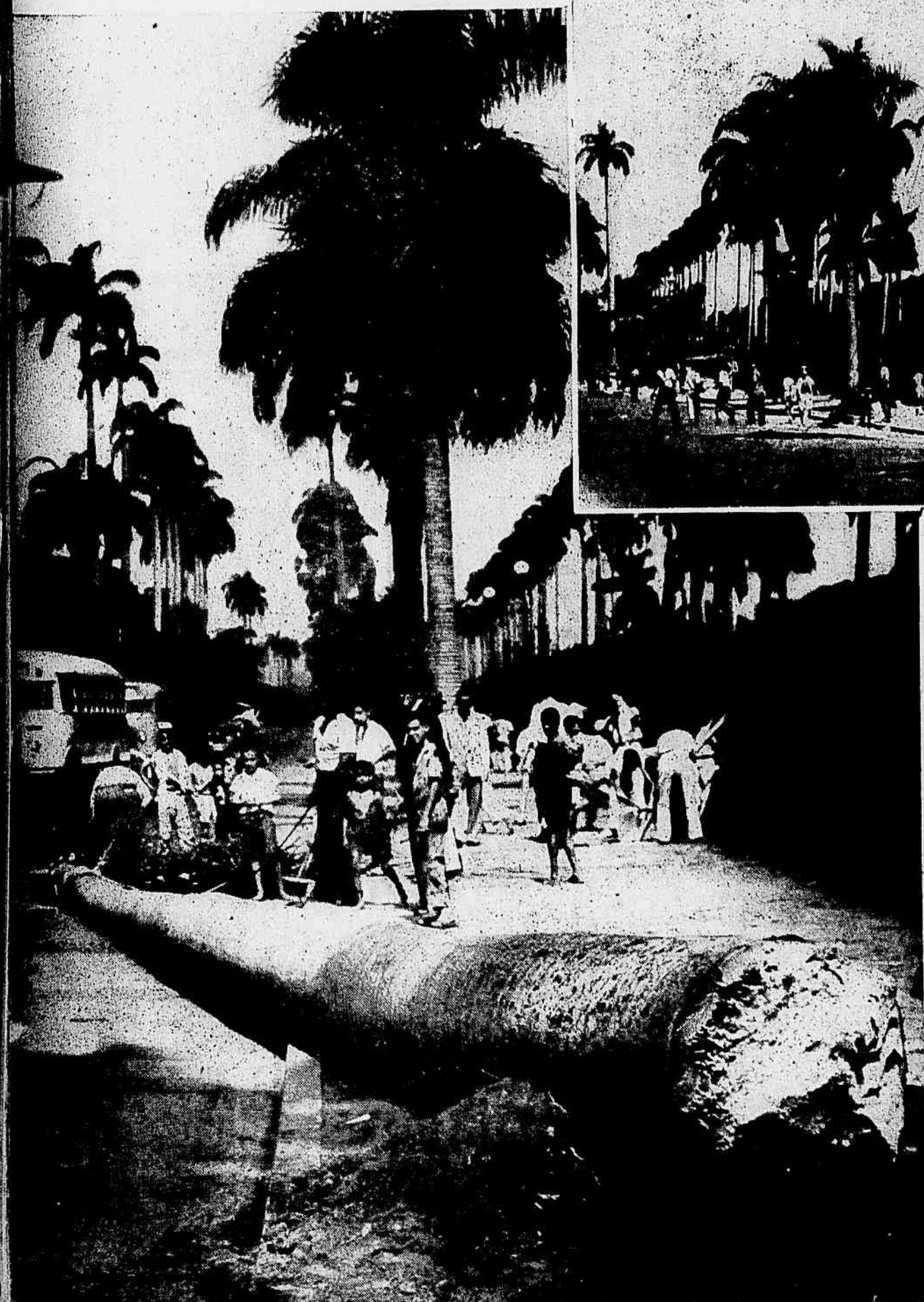
— "OH BOY, OH BOY"!
HOVE UM AUMENTO DE
250 GRAMAS... PAPAI VAI
FICAR CONTEINTE!



ACONTECEU NO RIO

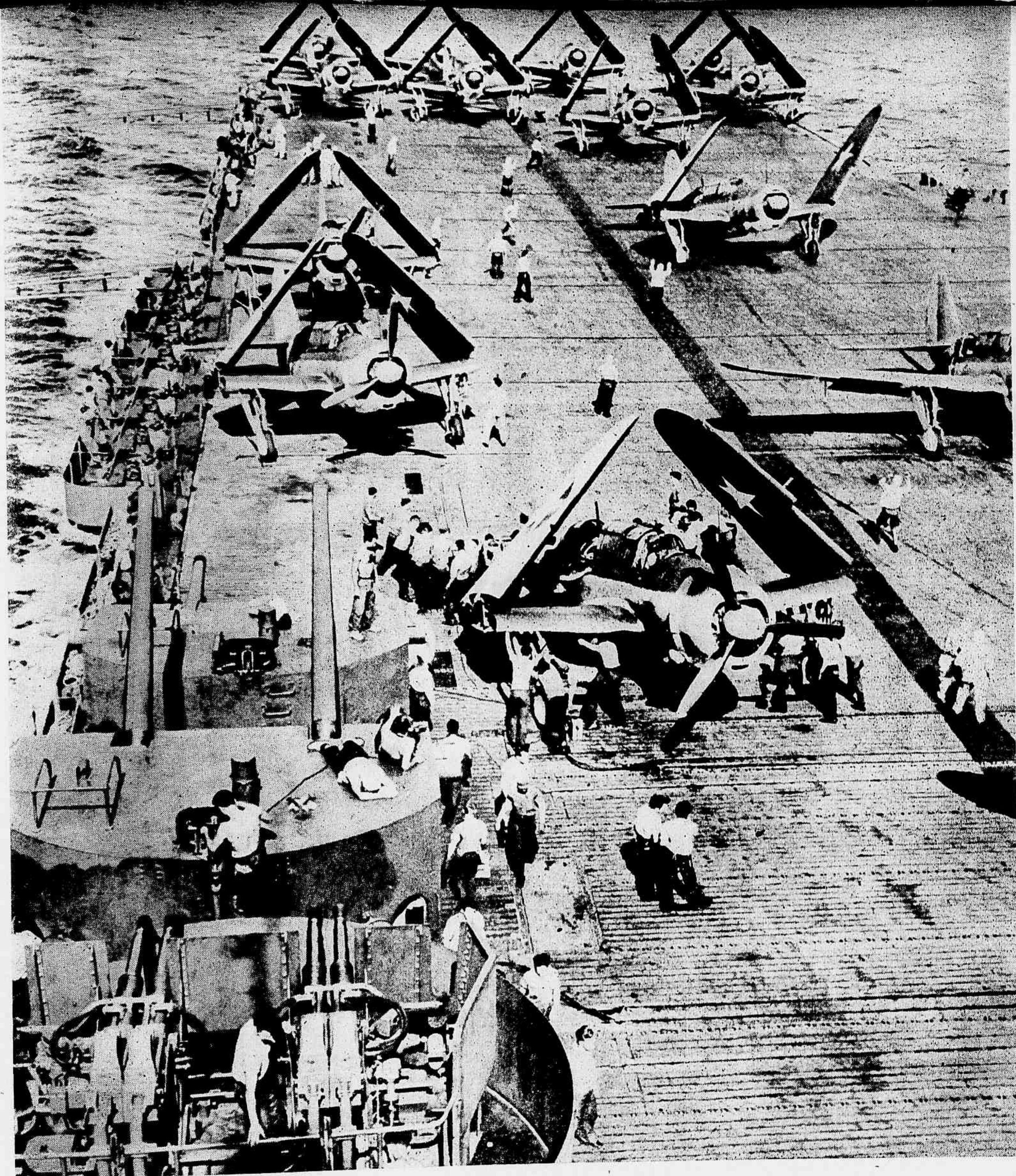
Derrubadas algumas palmeiras do
Mangue

Não foi, como a princípio se pensou, uma derrubada total, mas apenas de algumas árvores, daquelas tradicionais e já históricas palmeiras da antiga Avenida do Mangue, que os serviços da Prefeitura, de súbito, nos primeiros dias deste mês, jogaram por terra. Os saudosistas devem ter encontrado nesse fato novo motivo para largas e devotadas evocações. Aquelas árvores esguias, altaneiras e tão fotogênicas, reproduzidas milhares de vezes em cartões postais, em vistas coloridas e até no technicolor cinematográfico, têm raízes mais profundas que as expostas agora á luz de um sol insuportável do verão carioca. Raízes que vinham da crônica da cidade, contemporânea de Mucio Teixeira. Raízes que falavam do Rio de quando não se rasgavam as amplas e monumentais avenidas de nossos dias... Mas o motivo que levou o prefeito Hen-



rique Dodsworth a ordenar a queda de algumas palmeiras foi outro, plenamente justificado no trágico acidente do ano passado, quando uma velha árvore, ali no Campo de Sant'Ana, jogou-se por conta própria, já apodrecida, para os veículos que passavam, fora do jardim, sacrificando transeuntes. Desde então foi processada uma vistoria das mais antigas árvores da metrópole, e quando o diagnóstico é pessimista, ameaçando a repetição daquela triste ocorrência, o remédio tem de ser esse mesmo: derrubar. Mas de qualquer modo o carioca assiste sempre, com uma pontinha de emoção, aos espetáculos dessa natureza, emoção que se reproduziu quando os machados afiados se cravaram nas vinte e poucas palmeiras da antiga Avenida do Mangue, hoje integrada também na Avenida Presidente Vargas. E, porque a medida da Prefeitura entrou para o registo dos pequenos acontecimentos da cidade, nós a fixamos nesta página em duas fases distintas: Primeiro, o trabalho dos trabalhadores amarrando em possantes cordas os troncos carcomidos de uma palmeira, que vai se despencando numa queda fatal, e depois o mesmo tronco, estirado no leito da via pública, para ser imediatamente removido pelos caminhões de transporte da Prefeitura.

A cidade tem de pagar esse tributo ao Progresso. Neste caso, ao Progresso e á garantia do cidadão que não pode correr o risco de receber em cima do crânio, já tão assoberbado de preocupações, um pêso dessa espécie...



ESTÁ claro que esse fracionamento da guerra todas as semanas obedece apenas à finalidade de esquematizar, pois o desenvolvimento das operações segue um ritmo mais ou menos contínuo, não sendo passível de divisões arbitrárias. Apenas, como é natural, de quando em quando surgem acontecimentos de maior destaque e importância que deixam na sombra uma série de operações estratégicas ou políticas que os geraram.

É como uma corrente cujos elos, ligados um a um, fazem sentir de repente o seu peso. Daí muitas surpresas para quem não segue todos os detalhes do jogo, e se surpreende com um golpe de ha muito preparado. Já se tem frisado a semelhança entre o jogo dos exércitos e a habilidade de um jogador de xadrez. Na guerra, como na estratégia dos jogos, reis e rainhas são derrubados e substituídos, torres são cercadas e destruídas, sem que se tenha tempo de perceber os movimentos do adversário.

Em todos os fronts, esta semana como as anteriores apresenta uma crescente vantagem para as Nações Unidas que aumentam mais e mais o seu poderio em homens e em material.

Na extensa frente russa, os exércitos alemães continuam cercados, aniquilados num espantoso desastre, como nunca se havia verificado em toda a história das guerras. Zukov, o general das mil vitórias, ameaça diretamente a Rumania, avançando sobre

a Bessarabia com um exército de quase um milhão de homens. Todo o front russo se desloca ameaçadoramente em direção da Alemanha hitlerista.

A posição da Finlândia continua periclitante esperando-se a todo momento a assinatura de um armistício entre esse país e a Rússia, o que viria colocar a Alemanha numa posição perigosíssima, quer quanto à exposição dos seus exércitos a um ataque vindo daquela direção, quer quanto à obtenção de bases aéreas que poderão servir aos russos e aos próprios anglo-americanos para o bombardeio do leste alemão.

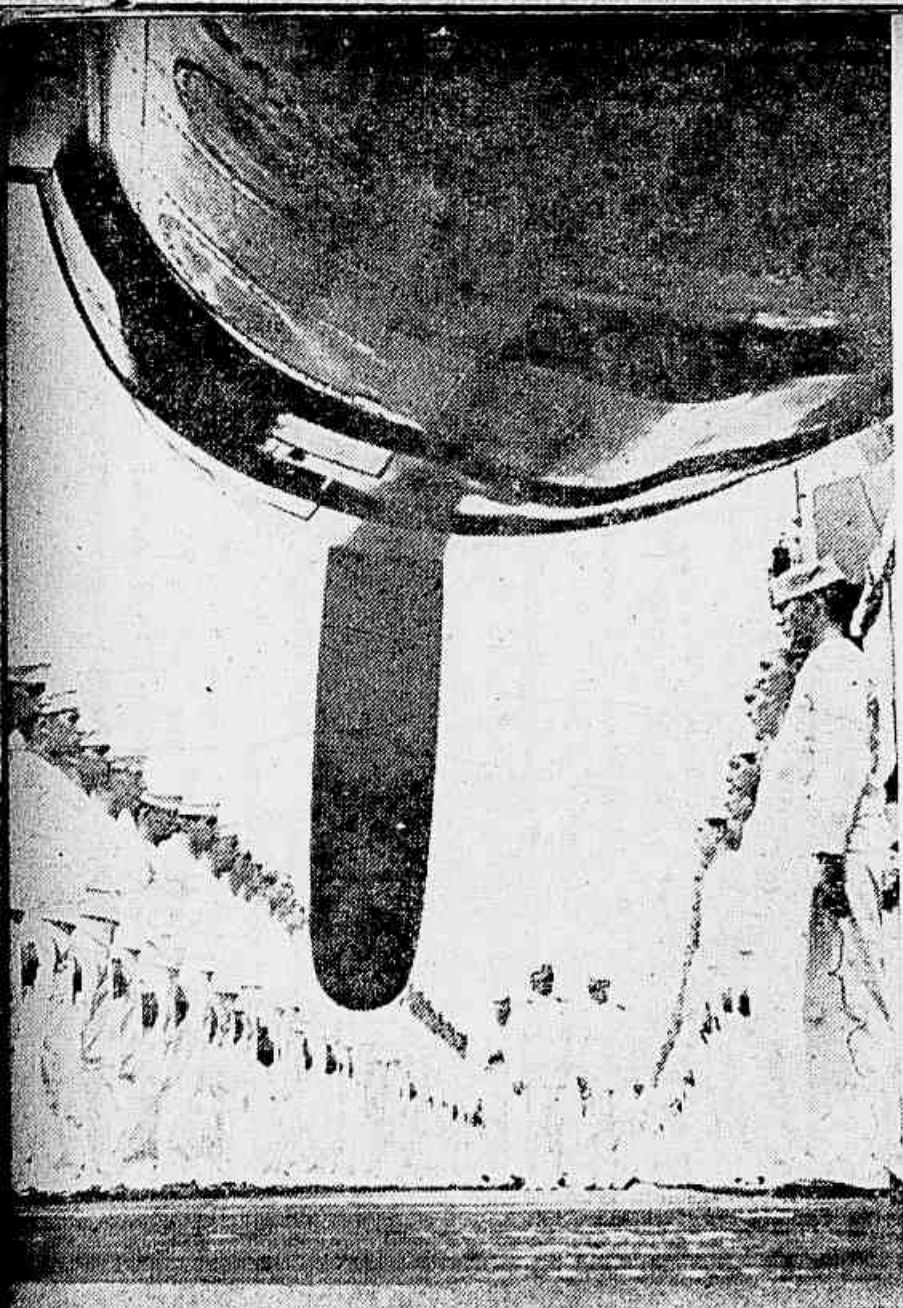
Lemberg, na Polónia, encontra-se ameaçada e provavelmente cairá em poder dos russos muito brevemente, o que traria ao estado maior alemão sérios embaraços.

Por outro lado, o amaciamento das defesas nazistas continua a se efetivar mediante os mais tremendos bombardeios aéreos desfechados diuturnamente pela RAF e a USAAF. E' de se imaginar os transtornos que são causados à indústria e às comunicações da Alemanha.

O avanço dos norte americanos no Pacífico prossegue, lento mas inexorável, em direção ao território japonês.

Podemos e devemos esperar a qualquer momento o chéque-mate que porá fim ao império do mal e da brutalidade.

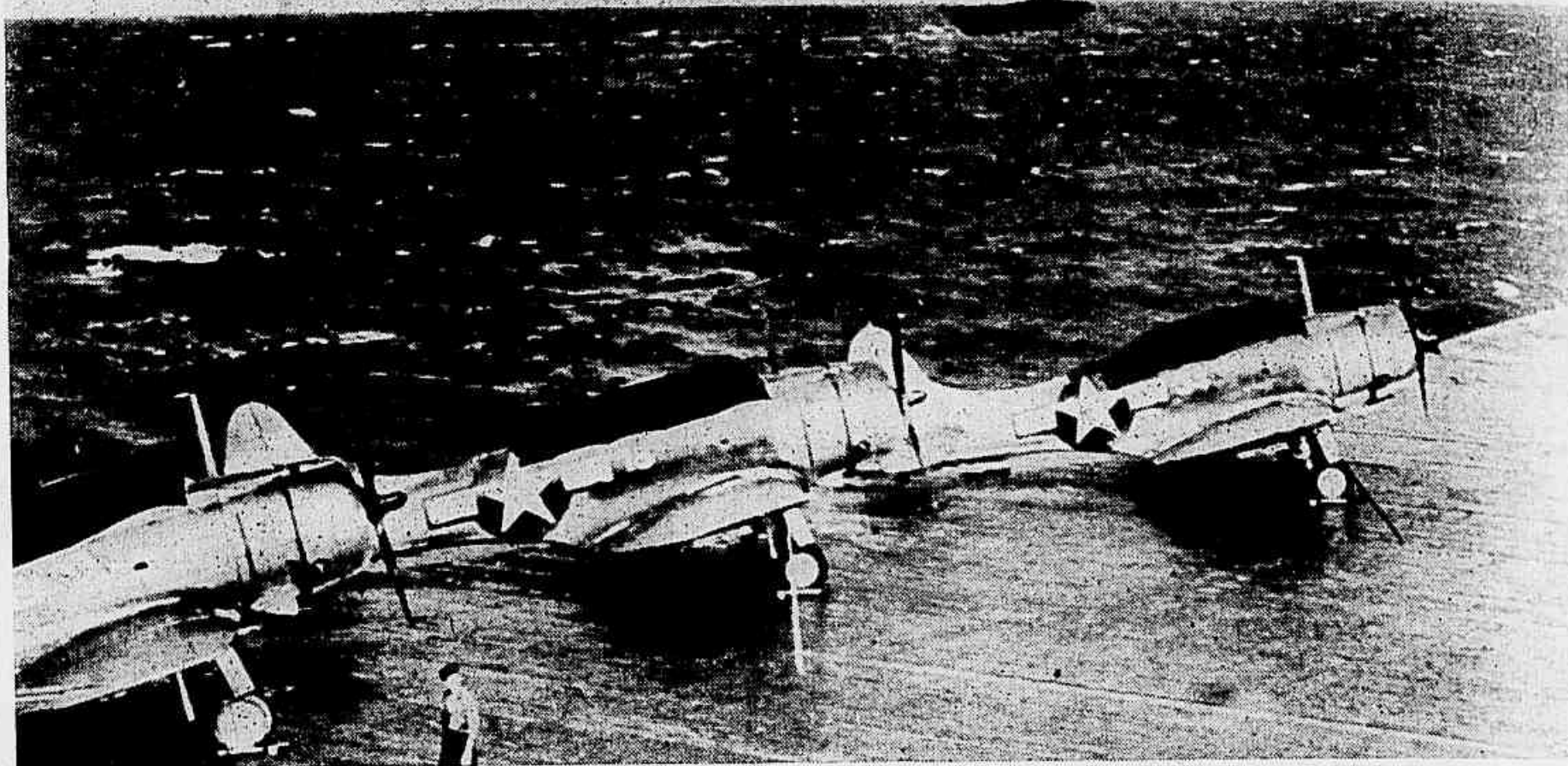
SETE DIAS DE GUERRA



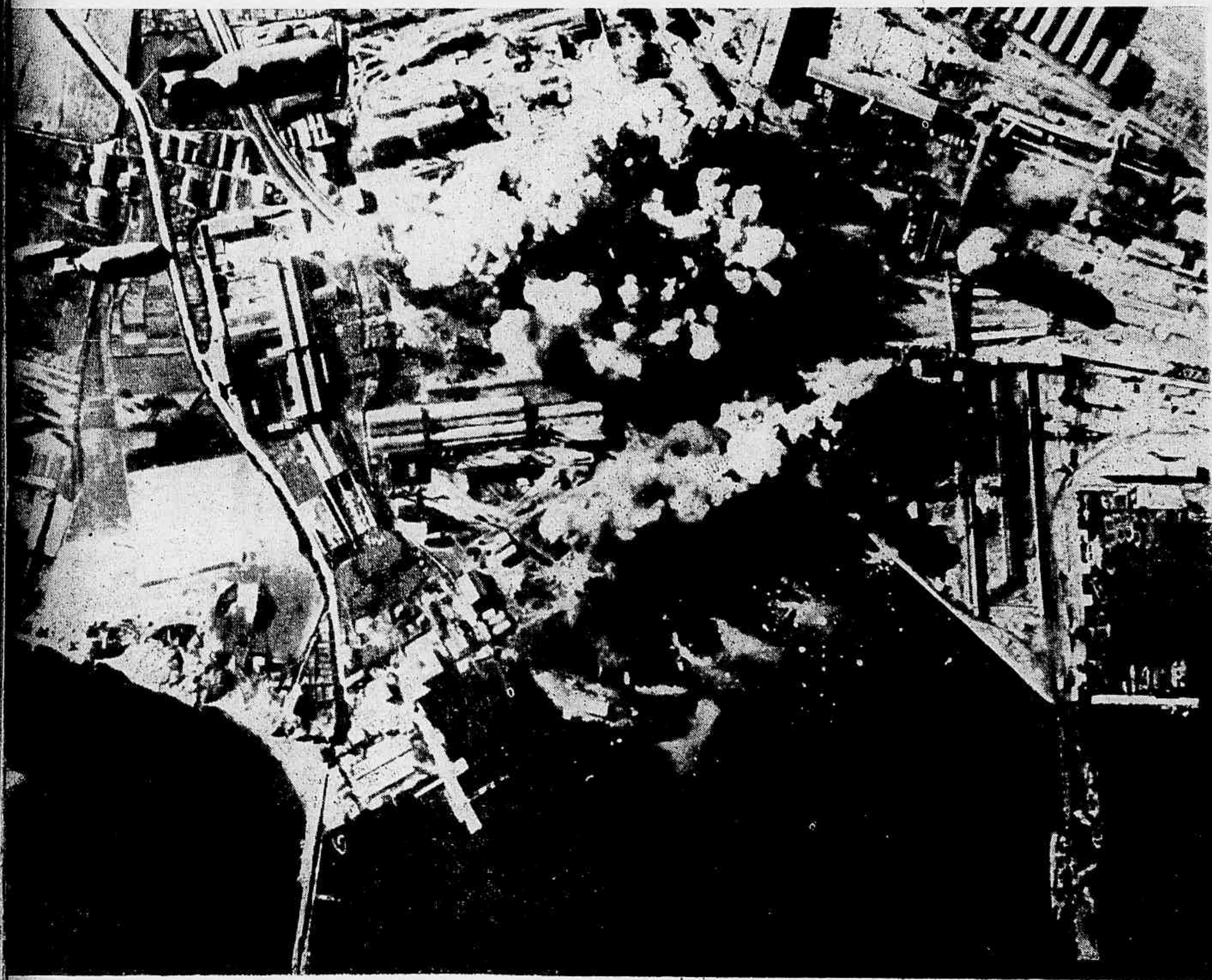
TRIPULANTES de um porta-aviões norte-americano no Pacífico, em posição de sentido em uniforme branco, passado em revista pelo comandante. Horas mais tarde, não usando mais esse uniforme, porém com as vestes sujas de graxa e pólvora, estarão certamente em combate com o inimigo abrindo caminho para mais um desembarque dos fuzileiros de Tio Sam.

♦ ♦

BOMBAS de 500 quilos, jogadas pelos bombardeiros americanos sobre o porto italiano de Piombino, situado no mar de Liguria, atingem em cheio a zona portuária e instalações ferroviárias, que os nazistas estão utilizando para enviar reforços a suas tropas na zona central da Itália.



PATRULHANDO as águas do Pacífico, porta-aviões desempenham um decisivo papel no desenvolvimento da Luta. Flagrante tirado do convés de um deles, com três aparelhos amarrados ao convés prontos para levantar vôo em caso de necessidade.



(Fotos da
Inter-Americana)

DESTRUINDO o inimigo, Fortalezas Voadoras lançam gigantescas bombas sobre as instalações militares nazistas no porto italiano de Pola, na costa do mar Adriático. Durante um ataque foi gravemente avariada a base naval situada na entrada do porto.

OUTRAS Fortalezas Voadoras norte-americanas atacam intensamente o aerodromo de Kalamaki, situado nos arredores de Atenas, capital da Grécia. O grupo de bombas que se observa caindo acertou em cheio os hangares do aerodromo, que fôram completamente desarmados. Desde, não levantará mais vôo nenhum aparelho nazista.



HOWITZER de 240 milímetros em ação na Itália. Os artilheiros americanos tapam os ouvidos no momento de entrar em ação o gigantesco canhão que pesa 52 toneladas e despeja balas de 360 libras a 14 milhas de distância, abrindo brechas nas linhas nazistas.



JOCKEY CLUB MUNDANO

Pelas três fotografias que estampamos nesta página, o leitor pôde ter uma idéia ligeira do sucesso alcançado pelos domingos turfísticos do Jockey Club Brasileiro, como acontecimento social.

No Hipódromo da Gávea reúne-se assim, todas as semanas, uma sociedade "rafinée" e homogênea, para aplaudir os sensacionais pareos que ali se desenrolam.



ESCRAGNOLLE DORIA

COISAS NÃO DITAS

ANTERO DE ASSIS

Poucos foram os meses de lapso entre a partida carioca de D. João VI em 1821 e o aclamar marcial e paulistano da Independência à margem de correio sem águas bastantes à própria sede.

Período de transição seria a regência do príncipe D. Pedro, de corôa antes que algum aventureiro dela lançasse mão como advertiu D. João VI em aduses para sempre, pai e filho jamais se revendo.

Do entre custo da libertação do domínio lusitano à adaptação de império substituto de reino, o Brasil foi administrado por juntas governativas de mando em províncias novas sem mais o velho letreiro de capitânias, a História depósito de rotulos à espera de reutilização.

Um tanto atabalhoadamente, muitos a mandar e divergir, as Juntas Governativas reuniam figuras diversas, bispos e padres, magistrados ainda ouvidores, militares de linha ou de milícias, alguns capitães-mores sem mostras de resabio da perda de sua antiga onipotência colonial.

Até capitães-generais aceitavam presidência de junta governativa, assim esse brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, ex-capitão-general de S. Pedro do Rio Grande do Sul, que bem depois, em Portugal, morreria duque e marechal v. losoro e turbulento.

Uma lei de 1823 poz termo à multiplicação de ordenar criando as presidências de província, o poder executivo confiado a pessoa única.

De início, e em mais e mais, as presidências de província constituíram primeiro posto de carreira política, tornando entretanto a ele muitos com notoriedade já conquistada na vida nacional, entregues as presidências a civis e militares, estes mais do exercício que da armada, exemplo mais histórico dos primeiros o duca Caxias.

Lidando com capitães-generais e juntas governativas, Goiás em 1824 conheceu primeiro presidente. Foi Cactano Maria Lopes Gama, graduado em leis por Coimbra universitária e irmão de Miguel do Sacramento Lopes Gama, diretor da Academia Jurídica de Olinda, por alcunha O Carapuceiro, título de jornal redigido por aquele frade egresso.

No dizer de Joaquim Manoel de Macedo, Cactano Lopes Gama, futuro visconde de Maranguape, foi presidente "cuja honrada e suave memória Goiaz venerou com reconhecimento provado em generosos tributos d'alem tumulo depois de mais de trinta annos do termo de governo, e de ausencia do nobre, habil e doce administrador". Se tal foi, Lopes Gama teve sua memória de recompensa bem rara, a da gratidão vencendo o tempo por sobre o tumulo.

Lopes Gama ao chegar a Goiás ia fazer trinta annos. Estava em idade aspirando a tempos floridos da conquista de fama. Obteve-a, morrendo em 1864 senador do Imperio e com as mias subidas honras.

Lembrado o primeiro presidente de Goiás de entre os contados 595 presidentes de província do Imperio, venha agora de entre os 31 presidentes de Goiás o 19.º deles, dr. Antero Cicero de Assis, um dos poucos administradores diuturnos das circunscricões do Imperio.

As mudanças ministeriais na Córte e sobretudo as de situação inteira de partidos não deixavam aos presidentes de província muito aquecer o lugar, cada gabinete tendo gente a colocar, cousa de ontem, de hoje, de amanhã e depois. Em suma e soma Mateus e os seus.

Quanto podia, o imperador travava a demissão em massa dos presidentes da província, "as derrubadas" feitas por certos ministerios. Era um bem ou um mal a substituição frequente? Para os povos um alívio de mãos administradores, um prejuízo se aqueles bons, no caso o dr. Antero Cicero de Assis, 19.º presidente de Goiás.

Natural da Bahia, formara-se em Direito na Academia Juridica de Olinda, em 1851, quando ela passava a Faculdade do Recife.

Na constancia de curso, de 1847 a 1851, Antero de Assis teve de ser testemunha obrigada da preparação e da explosão da *Praia*, movimento politico sedicioso de termo às guerras civis do Imperio, sem o antipatico separatismo da Confederação do Equador.

Com os seus excessos de imprensa, e suas cenas sangrentas chamando repressão imediata, a *Praia* passou diante do academico Antero de Assis, e inflamando professores e discipulos perturbou a vida da Academia Juridica de Olinda.

Vinte annos quasi passados sobre a sua formatura, via-se Antero de Assis conservador, distinguindo pela ministerio presidido pelo correligionario visconde de S. Vicente. A 30 de Novembro de 1870 Antero de Assis era chamado a presidente de Goiás.

A 25 de Novembro de 1871, o ministerio S. Vicente já substituído pelo gabinete Rio Branco, Antero de Assis tomava posse de presidência, Goiás até a sua chegada vice-presidida pelo desembargador Gomes de Siqueira.

Tornava-se Antero de Assis, por força de cargo, o primeiro personagem civil de Goiás, no espirital primeira figura dele o bispo diocesano D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, em sólio e de mitra desde 1866 para cura de cento e sessenta mil almas, as da população de Goiás.

O novo presidente vinha reger província montuosa, florestal, de bacias hidrograficas importantes, soberbas as do Araguaia e do Tocantins.

No reino mineral goiano era rei o ouro; no vegetal frondejava o historico pau brasil, no animal felino-mór a onça terrificava afiando garras, nos rios, nos seus fundos ou na sua flôr dagua, corria o pescado em maravilha e cópia.

Na epoca da presidência Antero de Assis, Joaquim Manoel de Macedo, corógrafo, dizia Goiás "um quasi deserto escondido no coração do Imperio". Deserto quasi igual ao territorio da Scandinavia, podendo conter oito Portugais.

Não se limitou Antero de Assis, ao governar area tão vasta, a simples e sêca vida de administrador; sentindo-se o que os francêses tão expressivamente chamam *un-homme du monde*, até no gosto pelo bem trajar e pela civilidade apurada.

Não se enclausurou o presidente em palacio, fugio de isolar-se isolando por conseguinte os demais em capital sem grande contacto com os maiores centros do país.

Promoveu o presidente bastantes reuniões em palacio. Animou a fundação de sociedade recreativa, de corpo cenico no palco do S. Joaquim e de réeitas cujo lucro revertia a beneficio de fundo emancipador a bem dos escravos da provincia.

Aos poucos se apegava Antero de Assis à terra goiana, a despeito dos inevitaveis contratempos proprios das politicas locais de rusgas, quisilias e questiunculias. Há muita lana caprina sem pecuaria.

Mas nem tudo era travo. Antero de Assis, depois de cuidar da causa publica sempre de adherencias politicas e de dar-lhe o que lhe cabia de direito, volvia ao que de fáto lhe aprazia, a sociabilidade e o gosto de enfeitar a vida. Tratou de ajardinar bonito o palacio da presidência, dando-lhe muitas flôres para avrasimento de vivos. E não esquecendo os mortos mandou plantar cedros na morada que em inquebravel silencio irmana amigos e inimigos: o cemiterio.

No jardim de palacio a fauna ajuntou-se à flora; obsequiado o presidente com um mimo original, uma onça nada empalhada. O presenteado, cavalheiro, se não desfez do presente. Deu-lhe, porem, jáula de potentissimas grades de aroeira.

Vez ou outra o grande carnívoro se irritava, por falta de liberdade para se abastecer de carne ou quem sabe se por mal de celibatarismo.

Era então curioso vêr o presidente atender ao cativo urrante e domador especial, dirigir-se a ele em voz baixa, com palavras apropriadas, que a fera parecia aceitar acalmando-se. E o fazia não raro o presidente no traje habitual solenizante do cargo, uma casaca irrepreensivel, talhada a primor, digna de bailes de côrte.

Não seja levado a conta de singularidade o proceder do presidente Antero no acalmar e ser compreendido por fera irritada.

A cronica romana registrou o caso de Androcles, o escravo, poupado em pleno circo por um leão de cuja pata extraira um espinho.

Mais modernamente; Viena inteira vio o principe Eugenio, o grande cabo de guerra, afeiçoado a um leão, entrar-lhe na gaiola, acariciá-lo, sem que o animal lhe fizesse o menor danno, antes dando mostras de satisfação.

Em 1878 o presidente Antero deixaria função, o partido conservador em queda completa e ostracismo. O ministerio liberal Simbú todavia conservou Antero de Assis na presidência de Goiás, só lhe concedendo exoneração por efeito de discurso do deputado Afonso Celso, o futuro Ouro Preto, o orador qualificando Antero de Assis de "Nestor dos Presidentes", aludindo sobretudo a longa permanencia no cargo. Na velha Grecia, Nestor, o rei de Pylos idoso no cerco de Troia, simbolizara saber e experiencia.

Ao retirar-se de presidência, Antero de Assis recebeu manifestações do povo em cujo gremio tanto vivera, para despedida erguido um arco à porta de palacio, naquele se lendo esta quadra:

"Passai por debaixo deste arco
Feito às pressas e em um triz
Da Patria cidadão querido
Antero Cicero de Assis".

A quadra na ocasião foi muito comentada sem se atentar nos transe do poeta na aflição de rima para Assis.

O ostracismo não levou a desanimo o ex-presidente. Sem duvida sabia da excelencia de um dia depois do outro. Antero de Assis, não por um triz organizador, arregimentou eleitorado de correligionarios e aguardou.

Não agio mal. Em 1881 a lei Saraiva da eleição dirêta saneou o terreno eleitoral para que em 1882 um deputado por Goiás e goiano eleito diretamente, acitasse a pasta da Agricultura no ministerio Paranaguá. Era aquele o conselheiro André Augusto de Padua Fleury, ex-presidente do Ceará, do Espirito Santo e do Paraná, e antigo diretor da Secretaria da Justiça, sobre membro de tradicional familia goiana.

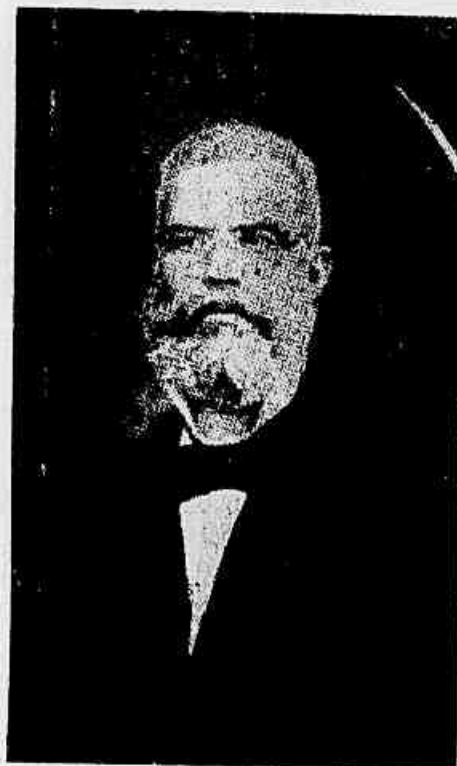
Ministro deputado sujeitava-se a reeleição. Ao conselheiro Fleury os conservadores de Goiás opuseram Antero de Assis, eleito em 1.º escrutinio, com auxilio de liberais desamparando o correligionario. Ha de saber porque a cronica politica de Goiás. Mil cento e trinta e quatro eleitores compareceram ao pleito de 1882, Fleury nele vencido por diferença de trinta e dois sufragios.

O vencedor não gosou triunfo e disputada deputação, exercida apenas de maio a outubro de 1883, falecendo Antero de Assis a 9 de Outubro desse ano.

O sobrevivente Fleury foi dirigir a Faculdade de Direito de S. Paulo pela qual graduado, em 1854.

Na diretoria da Faculdade o conselheiro Fleury marcou memoria de serviços relevantes. Achava-se eleito deputado por Goiás, quando sobreveio a Republica como se sabe. Aposentou-se o conselheiro Fleury no cargo de diretor da Faculdade em 1890, o tendo exercido desde 1883 grangeando estima e consideração de pares, respeito e simpatia de estudantes.

Retirando-se para o Rio de Janeiro, aí morreu o conselheiro Fleury, a 25 de Novembro de 1895, termo de vida bem principiada, bem transcorrida, bem de exemplo e de saudade para aqueles a cujos estudos presidira, com afavel prestigio.



Dr. Antero Cicero de Assis.
Presidente de Goiás de 1871 a 1877.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ ÀS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Romantismo

"EU VIVO DO AR QUE RESPIRAS;
E COMO, DIZE-ME AGORA,
FICAR SE TU TE RETIRAS,
VIVER — SI TE VAES EMBORA?"

(Vitor Hugo)

Nestes versos palpita a alma universal do Amor espargido no éter, como a essência divina sobre o pântano terrestre; luz de luar sobre um charco de águas estagnadas, ou bruxoleios de lampada votiva num templo invadido pela melancolia de um misticismo moribundo.

Falar de romantismo nesta nossa época de materialismo apastante, é um paradoxo! Isto é o que geralmente se acredita por aí. No entanto é interessante observar como esta humanidade acimada de utilitaria e egoista, se volta inteiramente para o passado romântico, procurando nele um motivo de encanto permanente.

Todos os grandes romances vividos nos séculos XVII, XVIII e XIX, fazem a delícia e atraem, de maneira surpreendente a nossa geração "blasée".

Na emanção lírica do platonismo, queremos ver apenas uma reminiscência literária, contudo são esses temas, explorados pelo romance e pelo cinema, que mais nos fascinam. É que a humanidade combatida, brutalizada pela tirania, vilipendiada, treme ao sentir que tem sob seus pés um mundo em chamas que ameaça ser destruído; rebela-se, como o anjo Lucifer, contra seu destino precário e medíocre. Agarra-se a esse romantismo objetivo, como que tentando salvar de um naufrágio doloroso o patrimônio espiritual, legado de centenas de gerações, que se caldearam ao fogo de ensinamentos e experimentações, para criar a beleza e o maravilhoso.

Nada pôde ser comparado ao valor da imaginação criadora do homem. Já Voltaire perguntava ao saber da morte de Newton: Quem é maior, Cezar, Tamerlão ou Cromwell? Alguém respondeu que era indubitavelmente Newton e ele então sentenciava: "É verdade pois aos que nos senhoreiam o espírito pela força da verdade, e não aos que escravizam pela força bruta, é que tudo devemos."

Ha gestos tão grandiosos e eloquentes que parecem tirados de um livro de ficção. Voltaire fez-me lembrar um fato de um simbolismo transcendente e romântico, como as baladas de antanho, o seguinte: Quando Luiz XVI resmungava contra ele, metendo-o na Bastilha por crimes políticos, banalidades diríamos melhor, Franklin, o grande Benjamin Franklin, levou-lhe seu neto para que Voltaire o abençoasse: este pondo-lhe sobre a infantil cabeça as mãos ressequidas e tremulas, murmurou, com calor "Dedica-te a Deus e à Liberdade!" O gesto de Franklin era como um toque de clarim vibrando de entusiasmo, e só a verve brilhante de Voltaire poderia dar-lhe como resposta compreensiva, aquela frase que, afinal, resume



os extremos de um sistema perfeito para o espírito, para o coração, como para o corpo. Deus é a fé, é o verbo, liberdade, a glória e a regeneração da matéria humana, é o sopro divino, insuflando em todos os seres uma alma digna e nobre, inteligente e criadora.

O Romantismo é o "leit-motiv", para as modas, para os moveis, para a literatura, para o coração sequioso de horizontes mais límpidos, mais luminosos, mais irisados e mais higienicos. Mesmo

no romantismo moribundo de um espírito atormentado e brutal, existe o perfume da beleza, do sonho e da esperança, da renúncia e até da loucura, que leva ao suicídio como na época Wertheriana.

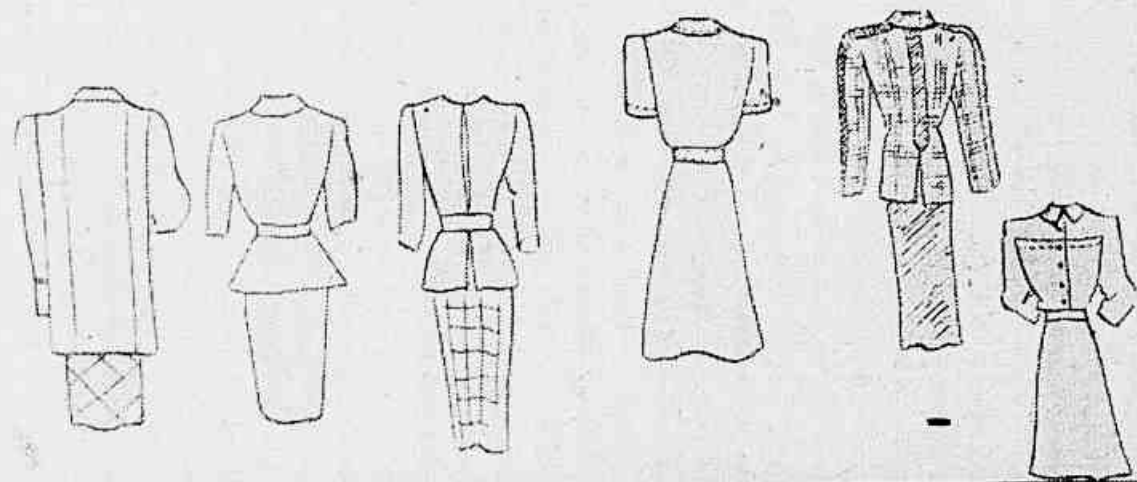
E nós aurimos tudo isso, com a voluptuosa inquietante e indagadora de quem precisa de exumar a dor para fazer dela um crisol; como quem bebe numa taça de cristal, champanha com pétalas de rosa.

A alma humana, por mais que se abisme no tremedal das paixões materiais, ha de sempre procurar no Romantismo, no Sonho, no Lirismo — o ar, a vida, a beleza. Há de repetir-lhe eternamente os versos de Vitor Hugo:

"Eu vivo do ar que respiras;
E como, dize-me agora,
Ficar se tu te retiras,
Viver — si te vaes embora?"

Nos bastidores femininos

Modelos para a Estação



ESTAMOS procurando dar às nossa leitoras, semanalmente alguns modelos dos últimos figurinos, e sobretudo damos preferência aos modelos que podem servir para as incertezas do nosso clima, bem como vestidos para diversos fins e oportunidades: desde o vestido simples de algodão, ou linho para as manhãs de sol, até os mais apropriados a reuniões elegantes, aos chás, visitas, etc. Os figurinos são escassos e caros devido à falta de transporte, mas assim mesmo temos dado semanalmente o maior número possível de modelos. A moda tem tido poucas variantes, entre elas destacamos os franzidos, pregas e enfeites atrás; o uso dos botões com profusão, os pespontos e viéses de cores contrastantes; o *bolero*, os vestidos de forma simples e os casacos de talhe reto e quase sempre mais curtos que os do ano passado. Os casacos-abrigo, também estão sendo mais usados em 34. Como vemos são apenas detalhes, pois o racionamento do vestuário vai obrigando as elegantes da América, a fazer reformas nos vestidos antigos. Economia pela Vitória.

1 — Interessante casaco solto, talhe reto em listras de cores vivas, sobre um vestido de linho bege. 2 — Casaco três quartos de corte reto, com uma ordem de três bolsos de um lado e dois do outro. Saia quadriculada. 3 — Casaco em linho, tom sobre tom com pespontos na parte mais clara que forma o enfeite do casaco em baixo e virada dos bolsos. 4 — Casaco em *shantung* liso com enfeites da fazenda da saia. 5 — Em linho ou *shantung*, pala e corte como a saia; pespontos originais, bolsos embutidos. 6 — Casaco de fantasia sobre saia lisa, gola da fazenda da saia. 7 — Vestido em linho de duas cores, pespontado.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



8—Este modelo é a última criação lançada em Hollywood, num desfile de modelos, a frente lisa, cortes e franzidos atrás.

9-10-11—Três casacos de fantasia de fácil interpretação e que podem ser feitos em seda ou linho.

QUATRO BLUSAS SIMPLES E BONITAS, PROPRIAS PARA OS DIAS QUENTES

12—A frente em pregas finas, com um enfeite de *volz* recortado em ligeiras curvas.

13—Blusa estampada clara, saia enfeitada com tiras do mesmo estampado.

14—Pregas e babadinhos da mesma fazenda fazem o enfeite desta blusa.

15—Pala original, com grande prega solta sobre a manga e gravata é feita de *roulouté*; botões forrados.

16—Gola com *jabot*, com renda ao redor e pregas.

SHORTS E MAILLOTS

"Está começando a haver certa reação na América, em favor da modificação nos trajes femininos de esporte. O modernismo faz alarde de uma dosagem de cinismo, tentando meter a ridículo quanto se relacione a velhas praxes de moralidades e certas virtudes antiquadas, como o pudor. Na verdade poderíamos dizer que sob a égide do pudor está uma grande percentagem de estética e boa educação..." Realmente, si observarmos as nossas ruas cheias de banhistas em trajes, que ora são simples tangas, mal cobrindo a nudez de uma plástica que está muito longe de ser apreciável, veremos que teríamos nesse conjunto de roupas estranhas e plástica medíocre, motivos caricaturais dos mais inexgotáveis. Tudo isso checa a estética e enfeia a maravilhosa beleza de uma capital civilizada. Geralmente nas praias elegantes do mundo inteiro há lugares apropriados à mudança de roupa dos banhistas, é mais *decente* mas é, *inegavelmente*, mais *estético* também.

"Esta reação vem corroborar a nossa afirmativa, sobre o espírito pratico e oportuno da mulher americana. A guerra obrigou-a a um contato mais rade com a vida cheia de materialismo e vulgarizada pelas premências do momento. A mulher na sua quasi nudez edênica, assemelha-se muito à primata das cavernas, porque o pudor é uma conquista da moral religiosa e a moral religiosa uma conquista da civilização. O pudor e a ternura são armas feminis; o pudor no homem é uma questão de *ética* e *estética*. Foi isso o que as asperezas da vida lhe demonstrou e daí a sua imediata reação. Ela, com a sua personalidade, impõe essa modificação, que não tardará a produzir seus frutos.

E' um erro pensar ainda, nos dias que correm, que a moda feminina continue a impôr-se como ditadora. Já tive ocasião de comentar o fato da independência e personalismo da mulher moderna americana, que tem submetido à sua vontade e às necessi-

dades do momento, os grandes figurinistas e os maiores costureiros do mundo acantonados no mundo.

A Moda é quem se curva, hoje, ante a onipotente-inteligencia e senso de responsabilidade da mulher que se compenetrou de sua grave responsabilidade na reconstrução de um mundo futuro, sobre alicerces mais moralizados.

As roupas esportivas exageradamente economicas e párcas em quantidade de fazenda, estavam, ou melhor, estão tornando vulgar o encanto da beleza feminina, e tirando-lhe todo o sabôr do mistério e do ineditismo. Um maillot que moldando um bonito corpo de mulher por isso não o dispa inteiramente, dá-lhe um encanto maior.

Não é, portanto, o puritanismo, que está ditando essa nobre medida, é uma experiencia da própria mulher de inteligencia amadurecida pelo drama terrível que a circunda e que a envolve, dando-lhe uma visão mais profunda e menos banal da vida.

Flores, gazes, sêdas e perfumes continuam a dar-lhe motivos maravilhosos para a criação do seu guarda-roupa, mas ela é quem dita à Moda, o que se deve e pôde usar. Desde 1939 morreu o absolutismo da Moda que transformava a mulher numa série de manequins iguais em Paris, Viena, Hollywood ou Rio de Janeiro. Hoje a Moda é infinitamente mais pessoal.

Até dessa ditadura a mulher se vai libertando.

JANET MACKENZIE

ALEXIS SMITH (Warner) gosta de esportes e sabe vestir-se admiravelmente para eles, pois tem uma *toilette* apropriada a cada gênero. Vêmo-la, aqui, numa roupa para tenis, em linho amarelo bem claro. Parece que já a estamos vendo reproduzida na cancha do Tijuca.

WALKER PUDIG (Columbia) apresenta para suas fans copiarem, um bonito *short* que ela usa para seus esportes da manhã. Calça de brim bege e blusa da mesma cor, em estamparia vermelha e verde. Os sapatos procuram imitar as ramagens da blusa e emprestam maior efeito ao conjunto.

NOVAMENTE Alexis Smith, vestindo um bonito *short* de praia, proprio para os banhos de sol, mas advertindo suas imitadoras que ela tem um casquinho vermelho de certa reto e folgado para ir da praia ao seu *bungalow*, ali pertinho... O casaco dá ainda maior encanto ao modelo.



ESTAS quatro pequenas da Warner aderiram francamente à moda do *maillot honest*. Há uma tendência a modificar a moral dos banhos de mar. E nem por isso elas perdem seus encantos naturais!

SERÁ que Eddie Cantor está pregando moral às meninas? Ele parece dizer: — "Mais um pedacinho de pano não faz mal a ninguém.... Vamos aderir ao *maillot Honest-Girl*?"

A' DIREITA, em baixo, Walker Pudig veste outro bonito *maillot* de três peças, os últimos modelos lançados em Hollywood. Mais compridos (estarão mesmo?) e com o *saiote*.



Três convites á dança e ao amor

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 15)

— Velhos, diga logo.
— Velhos, não... V. Ex. nunca poderá envelhecer. Será eternamente moça e bela.
— Obrigada pela profecia de perene juventude. Deus o ouça!... Porém, e mo dizia o dr...
— Dr. ainda não. Fôrmo-me para o ano.
— Está perto. E ademais tem já meritos para o grau.
— Agora, o agradecido sou eu, Exma. Sim, acredito que de futuro, ao termos feito caminhada mais longa na existencia a ponto das neves dos invernos haverem ficado nas nossas cabeças, acharemos sempre um melhor sabor no passado do que no presente... E recordaremos com impeto...

— A valsa?
— Pois não, a valsa. E esta, de hoje, sobremodo...
— Acha-a mais bonita do que as outras?
— Os momentos, às vezes, motivam a intensidade da beleza...
— Mesmo na mulher?
— Não. A mulher bela o é em todas as horas. Aludo à moldura e não à imagem... No caso atual, a valsa, esse embalo, esse sonho rítmico, essa vertigem de corropio, será o cenário de uma evocação indelevel para os meus dias a vir...

— Não nega que é poeta.
— Tem lido meus versos?
— Gosto muito de poesia.
— Sem preferencias de autor?
— Com simpatias pelos que me falam à sensibilidade...
— Ao coração?
— Talvez...
— E' porque sabe inspirar essas poesias...
— Inspirar?! Quall... Faltam me atributos, meritos.
— Se eu lhe dissesse que tem inspirado as minhas...
— Julgaria uma cortezia, porventura uma benevolencia...
— Acredite piamente que falo de alma nas mãos... Todos os meus versos nascem de sua lembrança. Os em que sorrio e os em que padeço...
— Tem padecido por minha culpa? Que penal... Estou quasi a me ajoelhar para pedir-lhe perdão... (irônica)
— De olhos vivo eu... sem nada obter de V. Ex.
— Então, aquele soneto que saíu hoje na "Provincia" e que me parece termina assim:

(recita)
E ao te ver indiferente a voltar
Em outros braços que não eram meus
Senti a luz dos olhos se embaçar...

Então, fui eu também quem o inspirou?
— Se foi! Não se recorda daquela polca que me recusou na "partida" em o palacete do comendador Amorim?
— Estava comprometida com meu primo Artur. E' meu primo.
— Os primos também podem ser noivos.
— Detésto casamento na família.
— Jura que é sincera?
— Jurar a Deus. Os homens contentam-se com a confiança...
Aumentam os sons da valsa.

— E esta valsa, recusa-me?
— Deixe consultar meu carnet... (propositadamente demora em decidir, folheando o caderninho de onde pende um lapis minuscúlo). Espere um pouco, por favor...
— (compreendendo a astúcia e a perversidadezinha) Está "reinando" com meu coração? Dê-me a honra desta valsa, Alice!... Perdão, desculpe-me: D. Alice.
— Que impaciencia, Dr. (resolvida) Sim... Aceito o seu pedido... (com malícia)... para dançar comigo esta valsa...

(Escreve-lhe o nome no carnet dizendo-o alto: Dr. Carlos Alberto de Alencar).

— Que valsa divina para mim!...

Dançam e saem.

III

Ambiente, tipos, indumentos do meado do século XX.

— Bruxinha de pano, já dêste o fóra naquêlo "paulino" de teu velho?
— Não digas, batuta!... Ele queria me narcotizar com um tal concerto de velharias classicas no Sta. Isabel, mas eu que não sou trouxa, virei a baratinha, chispei para este "sorve-tedante"...
— Fez bem, garôta do outro mundo. Você tem craneo.
— Eu tenho todos os balangandans da baiana e mais "isto" (aponta a testa).
— Vais hoje torcer no jogo noturno?
— Si vou!...
— Pelo "leão"?
— Não, pelo "timbú"...
— Mas você era do leão outro dia?
— Foi só para morder um timbú que me fez uma falsêta...
— Quer dizer que você tomou um "bonde errado"...
— Foi mesmo. Pensei que era um "cristaleira" e era um loré...
— Loré!... Bôa bôla!... Foi uma lição batuta!... Você é incontestavelmente uma pequena do barulho!... Das minhas...
— Olhe, seu paraquedista não venha para "moi", não, porque eu sei o que é limosina de luxo e o que é...
— Lata velha, não é?
— Lata velha, sim. A bôa bôla agora foi sua, malandro. (noutro tom). Não acha este sorvete dançante pau?
— Chôchissimo... O jazz só tece foxe, marcha, até valsa!... Casa de antiguidades.
— Puro século XVI... Daqui a pouco vem quadrilha e lanceiros. E' quando minha avó dança...
— D. Procopia com seus 77 anos?
— E então! E' o reumatismo de quebra...
— Direitinho áquela canção:

(canta um trêcho de uma valsa de antigamente: Papai quer dançar com mamãe,

Riem-se depois.

Mas em seguida a jazz inicia uma música modernissima.

— Anhl!... Isto agora é outra historia, batuta! Vou desenferrujar as pernas.
— Você me quer, coisa ruim?
— Para dançar ou para casar também?
— A gente casa e vive dançando o tempo todo.
— Então, serve. Venha, bruxinha de pano. Eu gosto de você até debaixo d'agua.

Saem dançando.

Da. NOEMIA FAGUNDES diz:



Conservo-me
disposta
alimentando-me
bem

Para maior valor - insista
em QUAKER OATS

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



PARA gozar de melhor saúde, habitue-se a tomar, diariamente, a deliciosa Quaker Oats. Quaker Oats contém, em abundância, Thiamin e outros elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos, enriquecer o sangue e dar saúde e vigor. Quaker Oats facilita a digestão e fornece a necessária reserva alimentar para conservar sua boa disposição durante toda a manhã. É benéfica para todos, do mais jovem ao mais velho. É econômica e de fácil preparo. Adquira, hoje, Quaker Oats e receberá o pêso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais pêso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Numeros atrasados desta
revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

PROCURAR NA

LIVRARIA REGINA

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

PRISAO de VENTRE?



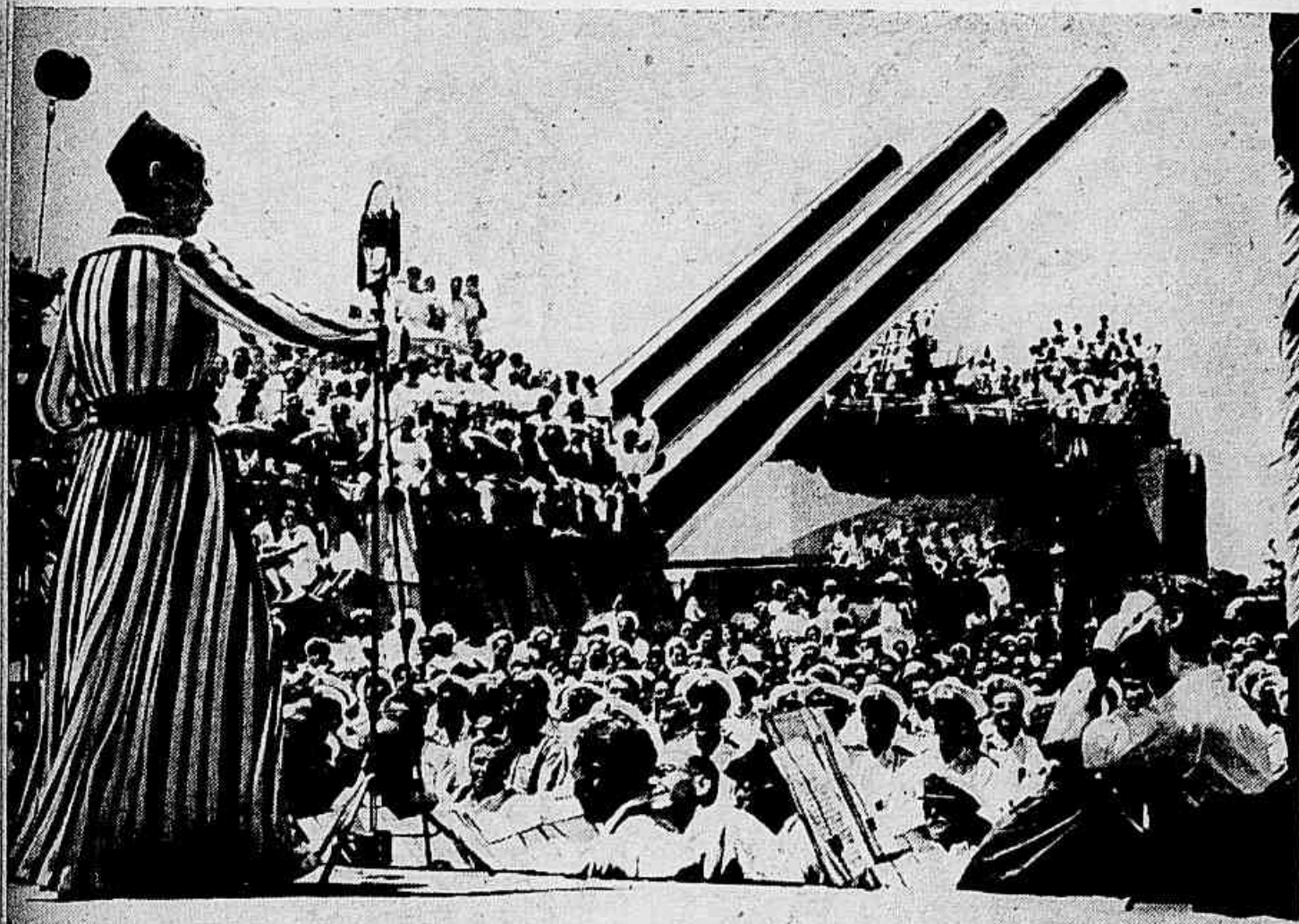
DOR de ESTOMAGO?



Lingerie



A lingerie, embora já não possa ser enfeitada com as rendas finas que vinham da França, continuam a ser objeto de cuidadoso bom gosto das senhoras elegantes; bordados aplicados e de sombra, bem como os plissados e franzidos, constituem um novo encanto para a roupa interior, e esta por sua vez dá à mulher "chic", todo o "charme" de suas improvisações. A "lingerie" sempre foi uma preocupação para a mulher verdadeiramente elegante, fina e de trato — pois nela se revela todo o seu cuidado pessoal.



MISS BEATRICE LILLIE, CONHECIDA COMEDIANTE, REPRESENTANDO A BORDO DE UM COURAÇADO BRITÂNICO DA ESQUADRA DO MEDITERRÂNEO, ENQUANTO OS CANHÕES CONTINUAM ALERTA.



ESPETÁCULOS DE CANTO, DANSA E MÚSICA SÃO REALIZADOS NAS FABRICAS DE GUERRA PELA E. N. S. A. NA GRAVURA, ASPECTO DE UM DELES, DESTINADO EXCLUSIVAMENTE AOS TRABALHADORES.

O Teatro na Grã-

Por Sidney Horniblow, Copyright B. N. S. para a REVISTA DA SEMANA

Pode parecer estranho que em plena guerra o teatro floresça. Sempre assim sucedeu, porém, através da história. Quando os homens e as nações lutam pela sua própria existência, os escritores e autores dramáticos como que se inspiram pelo drama real que se desenrola em torno deles.

O teatro em Londres, neste quarto ano de guerra, floresce talvez como nunca. Cada uma das 40 e sas de espectáculos da Capital Britânica esgota a sua lotação, noite após noite. Os nomes dos mais famosos autores ingleses aparecem constantemente nos cartazes. Em 1943 esses cartazes anunciaram duas das mais célebres obras de Bernard Shaw — *Doctor's Dilemma*, estrelada por Vivien Leigh, e *Heartbreak House*, na qual a grande atriz Edith Evans desempenhou um dos mais brilhantes papéis da sua carreira. *What Every Woman Knows*, de James Barrie e tres sucessos de Noel Coward, popularíssimo autor-ator-diretor, foram também exibidos na temporada, bem como uma peça do romancista J. B. Priestley.

Um detalhe interessante: a Inglaterra possuiu um grande dramaturgo chamado Congrave. Os emprezários de Londres, mergulhando no tesouro do passado, foram descobrir a comédia de Congrave *Love for Love*, escrita há mais de 200 anos. Encenada em nossos dias, essa peça constituiu uma das maiores atrações de West End.

São poucos, porém, os afortunados que, em meio da guerra, se acham em Londres ou podem visitar a Capital, habilitando-se assim a passar uma noite no teatro. Milhões de homens e mulheres da Grã-Bretanha estão servindo nas forças armadas ou trabalhando dia e noite nas fabricas de guerra. Para eles são raras as ocasiões de ir ao teatro. O teatro, pois, deveria ir até eles. Diante disso foi fundada logo no início da guerra a *Entertainments National Service Association* (E. N. S. A.)

Os melhores atores e atrizes do país entregaram-se de boa-vontade à tarefa dessa Associação, levando diversões aos soldados, marinheiros, aviadores e operários, por toda a parte onde estivessem. A E. N. S. A. tem o seu centro administrativo no histórico *Drury Lane Theatre*, em pleno coração do mundo teatral londrino. Seu primeiro espectáculo foi realizado poucos dias depois do rompimento das hostilidades. Conta agora com 150 diferentes companhias teatrais e de artistas de *Music-Hall* e concertos, tendo já realizado 1.650 espectáculos para as forças armadas concentradas nas Ilhas Britânicas. Além desses espectáculos para as tropas, a E. N. S. A. enviou grupos de atores e atrizes às fabricas de guerra da Grã-Bretanha. Os membros dessas companhias, nomes de sucesso nos cartazes londrinos, sacrificam tempo, dinheiro e conforto em favor dos soldados e trabalhadores.

E não é apenas na Inglaterra que a sua atividade se manifesta. Muitos famosos atores de Londres foram enviados pela E. N. S. A. aos campos de batalha de ultramar. *Astros e estrelas*, cujos nomes brilham intensamente nos cartazes luminosos da Capital, visitaram a África ocidental, a Persia, o Iraque e a Índia.

Gibraltar, onde milhares de soldados, marinheiros e aviadores britânicos guardam a entrada do Mediterrâneo, foi especialmente favorecida. Grupos de artistas famosos foram transportados de avião assim de divertir essas tropas. Representam a bordo de porta-aviões e vasos de guerra, em acampamentos e hospitais. O seu publico pagou apenas a quantia maxima de um shilling, quando os preços em Londres oscilam entre 5 e 15 shillings. Recentemente foi anunciado que uma caravana de artistas da E. N. S. A. tinha voluntariamente leito uma temporada de 4 meses para as escolas de vôo da Royal Air Force disseminadas no vasto territorio do Canadá.

O mais alto salario pago pela E. N. S. A. é de dez libras por semana.

Trata-se de um salario de guerra pago a atores acostumados a perceber 50, 100 ou mais libras por semana. O sacrificio é acceto de boa vontade. A maior dificuldade consiste em que o numero de atores disponíveis é insufficiente para as proprias finalidades da E. N. S. A., desde que muitos deles acham-se hoje integrando as proprias forças armadas. O racionamento de vestuario é outro pesadelo para os emprezários, especialmente no que diz respeito às *revistas* espetaculares. Durante o inverno, o *black-out* e as necessárias precauções que devem ser tomadas contra os raids aereos significam que o horario dos espectáculos tem de ser antecipado assim de permitir que o publico regresse aos seus lares o mais cedo possível.

No meio de todas essas dificuldades, porém, um fenómeno auspicioso teve lugar: a produção de melhores peças, comédias mais finas e dos mais memoraveis dramas que os palcos ingleses conheceram durante os ultimos anos. O banal, o grosseiro, o barato e o superficial que tantas vezes encontramos nas farças e *revistas* em tempo de paz, desapareceram quase completamente.

Busca-se, sobretudo, acentuar o aspecto cultural do teatro, e um grande passo nesse sentido foi dado pelo Conselho de Auxilio á Musica e às Artes. Esta instituição, que possui 20 companhias de drama, opera e ballet representando em Londres e em todo o territorio das Ilhas Britânicas, foi estimulada pelo donativo de 25.000 libras do *Pilgrim Trust* e está sendo agora financiada pelo *British Board of Education*. 30.000 libras são despendidas no envio das melhores orquestras e cantores às fabricas de produção bélica.

Talvez o mais significativo de todos os progressos teatrais verificados na Inglaterra, durante a guerra, seja o sucesso obtido pela comédia de Congrave *Love for Love*, a que aludimos acima. Quando essa comédia foi escrita, há cerca de 200 anos, a Grã-Bretanha atravessava um dos mais criticos e turbulentos periodos da sua história — um periodo no decorrer do qual ela surgiu como uma nação cujo poder e prestigio se ergueram bem alto. O espirito da aventura agitava todos os corações de um modo semelhante ao de hoje.

Esta rica e invulgar comédia que constituiu um verdadeiro apêlo ao povo britânico há dois séculos atrás, novamente desperta os mesmos sentimentos. Isto bem pode ser considerado como um sinal dos tempos.

E' realmente estupenda a colaboração, que com todos os sacrifícios, os artistas de todos os gêneros e de todas as categorias, prestam à causa das nações unidas.

Aqueles cuja vida passou a ser uma tragédia real, a mais cruel das tragédias, precisam mais que ninguém distrair seu espírito, rir, rir um pouco, encontrar um pequeno oasis de alegria nos intervalos deste "simoun" que varre o mundo.

E por falar em deserto, não podemos deixar de lado o caso doloroso de Joe E. Brown, o conhecido Bôca Larga, que tanto fez rir as platéias nos dias felizes em que a guerra existia apenas nos filmes, procurando impressionar uma humanidade sempre ansiosa por emoções fortes. Os artistas procuravam mostrar e sentir o que era a guerra, estranha ironia. Muitos deles estão agora vivendo aqueles mesmos horrores que se habituaram a representar. Agora a morte é real e o número dos que tombaram nos campos de batalha, cresce de dia para dia, deixando claros nas constelações de Hollywood. Voltamos porém a Joe. E. Brown e ao seu caso doloroso. Como todos sabem, Joe tinha um filho que tomou parte nas batalhas do deserto, quando os ingleses se defrontaram com von Rommel, a terrível hiena alemã, vencida e desmoralizada pelo leão britânico. Era ele o Caritão Don E. Brown, morto em combate nos desertos africanos. Vencendo todos os sofrimentos, escondendo ao público a sua dor, o Bôca Larga partiu para a Índia para levar um pouco de alegria aos soldados aliados. A alegria que ele mesmo não possuía. Paradoxo cruel, este de precisar dar a alguém aquilo de que mais necessitava. Agora, Joe voltou à sua pátria, de regresso da sua "tournee". Interrogado pelos jornalistas sobre as razões do seu regresso, teve o cômico esta explicação dolorosa: "voltei porque minha família precisava comer."

Frase cuja simplicidade encerra toda uma lição de estoicismo, de abnegação e de devotamento à pátria.

Bretanha e a Guerra

São também inúmeros os casos de mulheres que sacrificam tudo pelo amor à pátria e por um sentimento muito nobre e elevado de amor a humanidade, aos seus semelhantes. As beldades do cinema, deixando os requintos do "maquillage", vão testar sua cutis, nas areias ardentes da África.

Frances Langford, conta-nos um caso doloroso da sua carreira de artista. Aquele que mais a comoveu em toda sua vida. Cantava para um soldado mutilado, a pedido deste, uma canção do seu repertório, que terminava pelas palavras: "I want my arms around you". De repente, olhando para o soldado ferido, notou que ele não tinha os

ATORES E ATRIZES DA E. N. S. A. SÃO TRANSPORTADOS EM CARROS MILITARES, DE UM "FRONT" PARA OUTRO. NA GRAVURA, UM GRUPO DE ARTISTAS VIAJA EM UM "JEEP", EM PLENO DESERTO DA AFRICA.



A PLATEIA, CONSTITUIDA DE MEMBROS DO CORPO AUXILIAR FEMININO, DIVERTE-SE BASTANTE COM O "SHOW" REPRESENTADO POR GRACIE FIELDS. OS MAIS FAMOSOS "ASTROS" TEM REPRESENTADO PARA ESSA ASSISTENCIA.



dois braços. E' mais um caso doloroso, entre os muitos que se hão de repetir todos os dias em todas as frentes.

São assim os artistas. Tudo sacrificam pela pátria: conforto, dinheiro, e muitas vezes a própria família.

Não é preciso que um "fahcrei" lhes ordene o culto da pátria acima de tudo. Eles



MESBLA

SECÇÃO BICICLETAS

BICICLETAS "VICTORY"

para RAPAZES
MOÇAS
HOMENS e
SENHORAS

em 10 PRESTAÇÕES

PEÇAM CATÁLOGOS E CONDIÇÕES
ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

RIO —
NITERÓI —
RUA DO PASSEIO, 48-54
— R. VISC. RIO BRANCO, 521

O QUE SE DEVE EVITAR

Variações sobre o amor

Dra. Silvia Roger

IRIS — Rio.

"O primeiro amor nunca pôde ser esquecido. Ele é o mais pleno de emoções, porque lhe damos a melhor seiva da nossa vida. Eis porque me sinto desiludida..."

Desiludida aos 20 anos! Isso é apenas uma ilusão que se vai, como folha que se desprende de uma árvore nova, cheia de seiva, rica de ramagem e de flores. Não creia, minha amiguinha, nessas tiradas romanescas de novelas para moça, nesses versos líricos sonóros; a realidade é outra, é muito outra. Você não esquece o primeiro amor, unicamente por ter sido o primeiro. É o primeiro encontro com o sentimento, o despertar do coração para ver e sentir um mundo inteiramente novo, imprevisto, de mistérios e esperanças. Você lembraria sempre o primeiro amor, como lembra o primeiro baile, para o qual você se preparou durante semanas, com o qual você sonhou durante meses; como lembrará o primeiro vestido de baile e tantas outras coisas, que assinalam a passagem da meninice para a adolescência.

A medida que os anos passam, nossos sentimentos se tornam mais refletidos e portanto mais graves, mais sérios, mais profundos, mais conscientes; adquirem mais plenitude; é o arbusto florido e verdejante que se transforma em árvore, onde as aves nidificam, onde a beleza floral se transmuda em frutificação.

Agora mesmo acabo de ler uma carta que é uma resposta à sua. É de uma jovem de 26 anos e diz o seguinte: "Há já rio-me de tudo quanto me fez chorar outrora, mas não creia que é riso de despeito, não o é; apenas vejo que é a colheita madura de minhas experiências feitas através de todos os caminhos palmilhados, de todos os sentimentos conscientes."



Barbara Stanwick teve outros amôres, mas agora, casada com Robert Taylor parece ter encontrado a verdadeira felicidade.

Houve um tempo em que sofri uma amargura e um desencanto de amor que acreditei ser uma paixão sem remédio, quando era apenas um capricho do meu espírito rebelde. Mas a vida me devolveu com largueza a paga de tudo, dando-me um amor superior, um espírito sério, culto, nobre e que me cumula de ternura, além de me ter colocado numa posição de dignidade com a qual jamais sonhei."

Vê você, Iris, que a renovação é uma lei natural.

Tudo se transforma, nada se perde. O maior lucro que conseguimos nos embates da vida, com o decorrer dos dias, é a experiência, que nos vai iluminando todas as estradas; não com a luz poética do luar da juventude, mas com a luz crua do sol da realidade. Os franceses têm uma frase que gostam de empregar e que, dizem eles, define bem a verdade de tudo, quanto está sujeito à contingência humana: "Tout passe, tout casse et tout se remplace."

É isso mesmo, Iris, tudo passa, tudo se acaba, tudo se substitui. Essa é uma lei natural, sábia e piedosa. Pobres de nós se não houvesse o esquecimento do passado infeliz, e a esperança que nos acena sempre o dia de amanhã!

Não se feche em seu quarto para recordar, para viver a mercê de fantasmas e ilusões; pelo contrário, procure passear, esquecer; não se entregue a sentimentos morbosos, deixe entrar em seu coração jovem, o bom oxigênio da esperança. Dentro de algum tempo você dirá: Foi um sonho que ficou lá longe na curva breve de um passado vão...

O verdadeiro amor não está sujeito a nenhuma ordem numérica. O verdadeiro amor é aquele que nos dá segurança, tranquilidade, e nos ajuda, como o bom Cirineu, a subir a fúlgida montanha da vida, com a mesma fé e a mesma ternura nossa; com a serena compreensão de nossos defeitos e de nossas virtudes.

Copa e Cozinha

Mme. RISOLEIA

Quem pensar que a guerra, afastando a mulher do lar, tirou-lhe toda a sua orientação doméstica e consequentemente seu encanto e aspecto repousantes enganase. A mulher na América, emancipada e feliz, nunca se afastou do lar totalmente ou deixou sua responsabilidade; é nisto que está toda a força do seu domínio social e doméstico, todo o valor admirável de uma personalidade sã e par. O seu senso de responsabilidade é extraordinário. A sua vida é organizada com sereno prático, e tanto suas deveres como seus direitos, manejados com inteligência, capacidade e secretismo metódico e atividade. O tempo não é seu senhor, é antes seu servidor. Todos os seus divertimentos, distrações e obrigações sociais são cumpridos com alegria e sem fadiga, e completando-lhe a missão os problemas do lar.

A alimentação, segundo os métodos preconizados pela ciência, a educação dos filhos os cuidados com o marido, o carinho e a vigilância, e ainda lhe sobra tempo para as inovações que provam o seu bom gosto, o seu gênio inventivo, a sua inteligência.

Tudo no seu *home* é alegre, prático e confortável mas nem sempre isso é obra apenas do dinheiro, ela não é uma *snob*, e gosta de ter a cercá-la algo que lhe agrade particularmente.

A sua copa é linda como qualquer outro recanto mais íntimo, e sempre bem cuidada.

No terraço, agora, há qualquer coisa de novo e bonito: a mesa de chá em côr de marfim velho com pinturas iguais às do serviço. As mulheres americanas procuram fazer, elas mesmas, todo o trabalho que antes da guerra ocupavam um batalhão de artilheiros e decoradores. Isso também é cooperação de guerra.

MINUCIOSIDADES DA BOA ALIMENTAÇÃO

Prosseguimos em nosso desejo de orientar os leitores na maneira de alimentar-se bem. Hoje vamos transmitir-lhes alguns ensinamentos sobre o valor do *calcio*. Vamos repetir o que nos ensina um excelente mestre no assunto, dr. Thalino Botelho. O *calcio* está 99 % depositado nos dentes e ossos, sua ação no organismo é complexa e duas de suas funções principais são: ajudar a regular o *tono* do músculo car-



A mesa de chá pintada é uma inovação, que dá alegria ao ambiente, acrescentando-lhe um pouco de arte...

JOAN LESLIE — WARNEK

disco e favorecer a coagulação sanguínea. Para haver uma perfeita assimilação calcica é necessária a presença da vitamina D e duma quota de fósforo.

Eliminamos por dia 60 centigramas de *calcio*, portanto precisamos rehavê-los nos alimentos apropriados que os contêm e a razão seria:

250 grs. de leite, 200 de legumes, 50 de feijão, 100 de carne, 200 de frutas 100; de pão, 1 ovo.

Ha outros alimentos que contêm mais de 10 cent. por cento, são: agrião, couve-flôr, limão, nabo, queijo, repolho, lentilha, amendoas, figo seco, cacau, farinha de trigo.

Com estes dados qualquer dona de casa poderá organizar um menu para os seus filhos e para o seu marido, pois é ele elemento do qual precisam não só as crianças que estão crescendo e mudando os dentes como o adulto que precisa manter firme o coração, esse útil e ingrato relógio da vida. Damos a seguir algumas receitas como exemplo do que se pode organizar.

BOLINHO DE COUVE-FLOR

Cozinhe em água e sal a couve-flôr. Pique-a fino e junte 1 colher de manteiga, 1 ovo inteiro, 1 colher de queijo ralado e farinha de trigo para ligar. Frite as colheradas, ponha a escorrer. Passe na máquina 100 grs. de carne, tempere, refogue-a com cebolinha, tomate e agrião picado fino, ponha 1 xícara de água quente com limão, depois de bem refogada misture com farinha de rosca e ponha na travessa em roda dos bolinhos de couve-flôr.

Homenagem a Tia Lucia



Ilka Labarth, a prestigiosa TIA LUCIA dos programas infantis radiotônicos, em recente visita ao Instituto Nacional do Mate, teve a oportunidade de se expressar sobre o mate, essa excelente erva dos nossos Estados sulinos, como a bebida mais recomendável para as crianças, principalmente no período de crescimento.

Os flagrantes que ilustram esta página são os documentários da entrega dos prêmios as crianças



que melhores trabalhos apresentaram sobre o mate, no programa TAPETE MÁGICO, da Rádio Nacional, de tão grande aceitação no Brasil inteiro.

O ato da entrega dos prêmios teve a presença de Ilka Labarth, do poeta Francisco Leite, do dr. Alfredo Pessoa, do dr. Enas Machado de Assis, Chefe da Divisão de Rádio do D. I. P. e do Presidente do Instituto Nacional do Mate, dr. Carlos Gomes de Oliveira.



HOTEL QUITANDINHA



100 apartamentos confortáveis, restaurante, "grill-room", "boite", torreão para partidas de "bridge", xadrez etc, salões espaçosos, salões de diversões, integram a parte interna do hotel já à disposição dos hóspedes e visitantes e, na parte externa, também já em funcionamento, há ainda o restaurante e a churrascaria, pitorescamente situados à margem de um lago e, nesse lago, dezenas de embarcações para um passeio tranquilo sobre o espelho das águas e diante de um cenário magestoso emoldurado por serras altaneiras vestidas pelo multicolorido das primaveras...

Aqui estão, em belas fotografias, mais dois aspectos de Quitandinha. Milhões de pessoas já conhecem assim, por gravura, a amplitude e as belezas internas e externas do magnífico hotel parcialmente inaugurado e destinado a tornar-se, depois da guerra, um dos mais belos centros turísticos do mundo. Isso, não só devido à imponência arquitetônica de Quitandinha e o seu conjunto de alas monumentais, mas principalmente devido ao fato de se reunirem, em torno daquele palácio, várias centenas de recantos que desafiam a exigência dos que precisam distrair-se, repousar e gozar as vantagens de uma vilegiatura num retiro favorecido pelas delícias do clima e pelos encantos da Natureza.



Um crime no alojamento dos oficiais

CONCLUSÃO DA PAG. 17

tinha necessidade de limpar as botas, para não despertar suspeitas? O criminoso. Foi aí que ele errou. Umas botas sujas e molhadas seriam explicáveis, mas um par de botas umidas e limpas demonstra, concludentemente, a intenção deliberada de esconder que tinham estado na lama".

— "Não podiam estar umidas, desde a manhã, quando você limpou-as pela última vez?" perguntou Hawthorne.

Puckett começou a falar mais depressa:

"Podiam, mas quando limpo as botas raspo a sola. E você se esqueceu de fazê-lo. Hawthorne! Descobri na sola de suas botas lama úmida. Você calculou mal. O seu crime não foi perfeito, como você acredita. E não adiantou nada você sair correndo para o alojamento dos oficiais de outra companhia, porque isso aumentou a suspeita ainda mais. Só você precisava de um álibi; só você tentou arranjar um álibi. Os outros, inocentes, não se preocuparam com isso".

"Faço o que quero, Tenente", disse Caney, pouco antes de morrer, em conversa com o assassino. E o assassino era você. Você que implorava que deixasse Madame Barrier, você que, pela primeira vez na vida, encontrara uma mulher que encorajasse seu galanteio. Amor! Amor e ódio foram os móveis do seu crime e não dinheiro!"

Ninguém falou. Cort olhava Puckett com admiração; Madame Barrier arregalara os olhos, horrorizada; os outros oficiais tinham baixado a cabeça, atônitos, chocados: Puckett, de pé, no centro da sala, contemplava a figura de Hawthorne, que, com a cabeça entre as mãos, chorava. Corriam, pelo seu rosto, lágrimas amargas, ao ver desaparecer-se a sua primeira e última esperança de um amor correspondido. Chorava, também, a inutilidade do seu crime.

La' fora amanheceu, e o primeiro clarão da aurora veio iluminar a figura, curvada e sacudida pelos soluços, do assassino.

Um prazer diferente

CONTINUAÇÃO DA PAG. 33

— Estás certo, oh presunçoso, de que as mulheres não mudaram? O que essa criatura fez imediatamente depois de dizer essas palavras, não sei mesmo se consegui ver, perturbado como estava. Como se desfez dos anéis, fêz escorregarem quatro braceletes, deixou cair suas vestes, ao mesmo tempo que seus densos cabelos não o poderia dizer. Tudo isto foi tão rápido e tão perturbador que ficou em minha memória apenas uma agitação cheia de sombra. Até este momento não havia acreditado plenamente na realidade da aventura. As aparições tidas durante muito tempo como sobrenaturais são hoje em dia consideradas como obedecendo a leis de uma natureza profunda e mal conhecida, apresentam-se às vezes com os caracteres de uma materialidade que não é desmentida por nenhum dos nossos sentidos.

Depois de uma hora eu me perguntava se não estaria sendo mistificado por uma estrangeira pouco escrupulosa. Respondera, dentro do teor da conversa a que ela me levava, com a reserva de um interlocutor complacente que, por deferência ou por curiosidade, não deseja rasgar bruscamente a trama de uma comédia laboriosa e interessante.

Mas desde que se despio compreendi que vinha do fundo do passado.

A beleza do seu corpo era assombrosa. Não me saberia explicar como essa beleza poderia existir no nosso clima e em nosso tempo, pois essa evidência não provinha de nenhum detalhe, mas de uma perfeita harmonia do conjunto. Para afirmar uma diferença entre ela e as mulheres do meu tempo, era obrigado a acreditar, sem outra prova, no meu discernimento, como um colecionador distingue o falso do verdadeiro, sem que muitas vezes, o possa demonstrar, sem se basear num índice particular para estabelecer sua convicção.

Estendeu-se tranquilamente numa *chaise longue*.

— Poderíeis pelo menos aperfeiçoar as mulheres, replicou sorrindo. E, como vês, não o fizestes. Vossos médicos, que desprezam os nossos, porque deixam eles que as vossas companheiras sejam mais feias que minhas irmãs? A terra em que viví não desapareceu. O Oronte continua a descer do fundo das montanhas de cédros. Smirna sobrevive. Esparta está morta mas Atenas ressuscitou. Século vaidoso e debil, por que substituíste os Jônicos pela mistura de Levantinos? Por que não criastes seleções de mulheres como criastes famílias de rãs? Mas nada podes. Teu esforço é o de uma criança. O nosso foi um esforço de deuses.

Enquanto ela me falava (não tinha mais disposição para rebater seus argumentos), um terror como só se pode ter durante o sono agitava-me. Temia que ela me deixasse de repente como um ente fluido, um raio de luz, e me perguntava se não seriam apenas meus olhos que tinham a ilusão da sua presença carnal, se eu poderia tocar sua pele macia com a ponta dos meus dedos.

— Vem! disse ela rindo. Eu não sou uma sombra. Dá-me tua mão. E, soerguendo-se da cadeira, passou meu braço em torno do seu corpo que eu sentia voluptuoso, sob meus dedos.

Depois, recomeçou sua conferência.

— Muito tempo antes do meu nascimento, os homens se uniam às mulheres, mais ou menos como os animais. Lêste Homero?

O próprio beijo era desconhecido e Helena nunca freuiu com uma carícia. Ela fechou os olhos.

Depois, um dia, o antigo Oriente onde eu nasci graças aos deuses, como um fôgo eternamente jovem, o único traço que o distinguia do resto da humanidade, inventou a voluptuosidade. E durante os novecentos anos do meu sono no tumulo, que novo modo de amar descobriram? Pedia-te há pouco uma pérola nova. Peço-te agora um modo diferente de amar que eu desconheça.

Ela se mantinha na sua posição ironica e eu percebia que, durante seus longos passeios noturnos através da cidade, tentara em vão completar sua educação. Nada tentei neste sentido.

— Sê tolerante, disse-lhe simplesmente, tu vês, nós começamos por esquecer tudo. Depois tornamos a inventar. E' o que se chama a história da civilização moderna. Depois de tua morte, sobrevieram calamidades sem iguais e que poderiam ter sido irreparáveis. Dá-nos um pouco mais de tempo, Callisto.

Ela teve um sorriso de descrença e zombaria.

— Poderão vocês, acaso, encontrar nos museus as tradições de Rhodopis? Elas se referem aos segredos de amor. Há muita coisa que te poderia ensinar.

A noite passou e as primeiras luzes do dia apareceram, quando fui assaltado por uma grande inquietação.

— Mas, Callisto, não me havias dito que tua vida se limitava às horas noturnas? Como posso ter-te aqui?

CONTINUA NA PAGINA 49

PARA O SEU TRICOT

"CAMPEIRA"

Estas blusas de *tricot* estão muito na moda, inspiradas nos trajes da Noruega, são alegres e originais.

Esta é talhe 44 - 46.

Material — 5 novelos de lã Zefir de uma cor e 1 de outra cor. Agulha 1½. Pontos empregados: *jersey*, com o desenho de duas cores. 1 carreira direita, outra esquerda. *Santa Clara* tecido sempre pela direita. Sanfona, 2 direita, 2 avesso. Esta tecida verticalmente.

Frente — um lado — Começa com 120 pontos e com o desenho a cores. No fim da décima carreira, avesso do trabalho, se aumenta dois pontos, assim como mais 14 vezes da mesma forma e do mesmo lado, quer dizer que em direção ao ombro se aumenta um total de 28 pontos não só nas carreiras em que se faz o desenho, mas também nas de tecido *Santa Clara* uma vez terminado aquele. Terminada a beira continua o trabalho. Depois de 20 carreiras tecidas com os 148 pontos se fecham 2 pontos do lado dos ombros e 25 pontos do lado contrario, continuando com os demais por espaço de outras 20 carreiras. Torna a fechar 2 do lado do ombro e outras 2 vinte carreiras mais distante. Os 117 restantes se trabalham por 14 carreiras e se fecham no outro, de uma só vez 25, depois cada 4 carreiras se fecham 2 vezes 1 ponto 2 vezes 2, uma 3, uma 5 e se fazem 4 carreiras com os que se tem. Daí se fecham do lado contrario (da cintura para dentro) de 12 em 12 pontos carreira por meio até ficarem 18 que se fecham de uma só vez. Começa-se o outro lado da frente.

As costas são começadas debaixo do braço esquerdo, com 18 p. que se aumentam de 12 a 12 para o lado da cintura, carreira por meio, até ter 78 feitos. Chegando na cintura, desse lado segue o tecido em linha reta. Segue-se esta parte com aumento



de 2 p. do lado contrario à cintura, ao começar cada carreira até ter 12 mais, para em seguida aumentar de uma vez 27 p. Chega-se assim à parte mais baixa do ombro. Depois de 20 carreiras se aumenta 2 p. e por 2 vezes mais a igual distancia outros 2. Para terminar se fazem 20 carreiras mais sobre os 117 que existem. Fecha a carreira pelo meio, do mesmo lado por 3 vezes 2, e os 111 que se tem se tecem por 60 carreiras, aumentando logo por três vezes 2 pontos para tornar a tecer 117 e seguir (2.º ombro) 20 carreiras, 2 fechados 3 vezes, depois 20 carreiras, 27 fechados e carreira por meio fechar 2 até ter 12 menos; e carreira por meio fechar da cintura para dentro de 12 a 12 até ficarem 18 que se fecham duma vez.

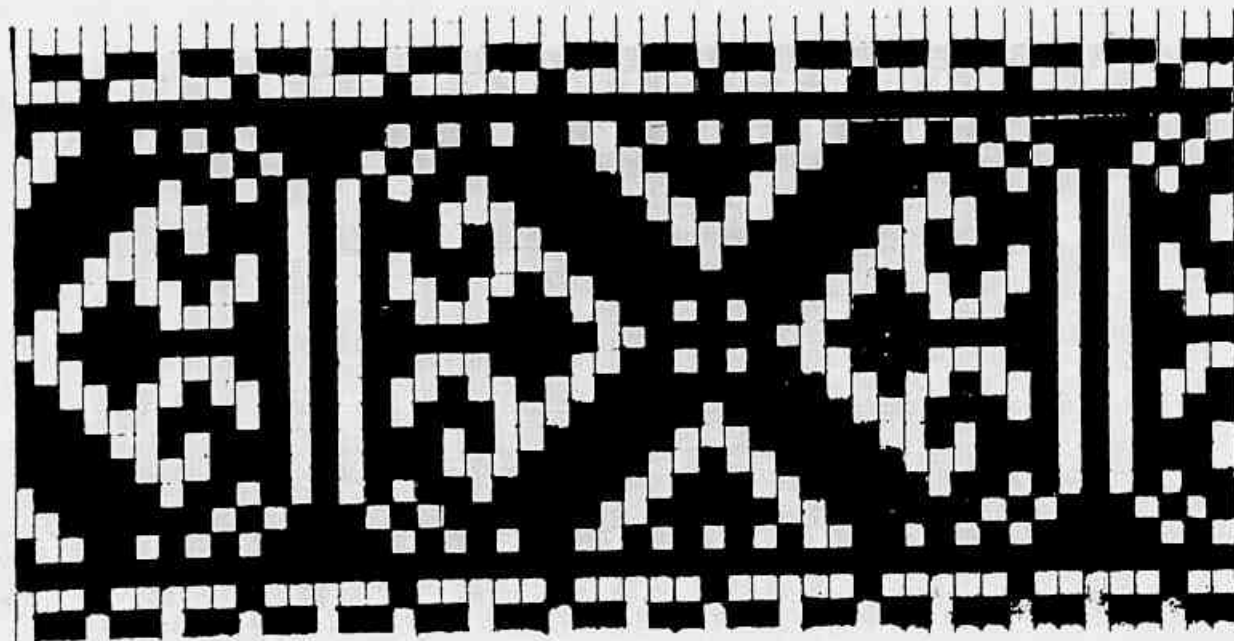
Manga — Começa com 15 p. que se vai aumentando de um lado de 15 carreiras por meio, até ter desse lado 150, enquanto do outro lado se aumentam de 3, até ter em toda a largura 222 p.; com eles se trabalha 60 carreiras em linha reta, então começa-se a diminuir pontos em igual proporção em que se aumentaram, até ficar 15, que se fecha. Se levantam pontos da parte do punho e se tece uma tira em cores, e uma vez terminada conclue com 4 carreiras *Santa Clara* fechando os pontos.

As ombreiras em tecido de cores são feitas à parte com 40 pontos cada uma, começando e terminando com 4 carreiras *Santa Clara*. Outras 2 tiras de 80 pontos iguais. Cosem-se as mangas, as costuras dos lados e os ombros aplicando as tiras em cores; finalmente pregam-se as mangas e termina a *Campeira* com o ponto de sanfona. Os pedaços de tecidos em cores de 80 pontos são costurados em baixo na altura da cintura, para fazer o laço.

Ao redor do decote, uma tira em *Santa Clara*.

Campeira de tricot, de fácil execução e muito elegante. Aproveite este modelo para suas horas de atividade neste métier e poderá vesti-lo dentro de poucas semanas. Observe os detalhes e procure reproduzi-los fielmente para melhor êxito da sua obra.

Aqui em baixo, uma amostra do ponto colorido para barras, de grande efeito. Deve ser em cores vivas, vermelho e preto, de preferência. O realce é vistoso porque o desenho tem, realmente, muito equilíbrio.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

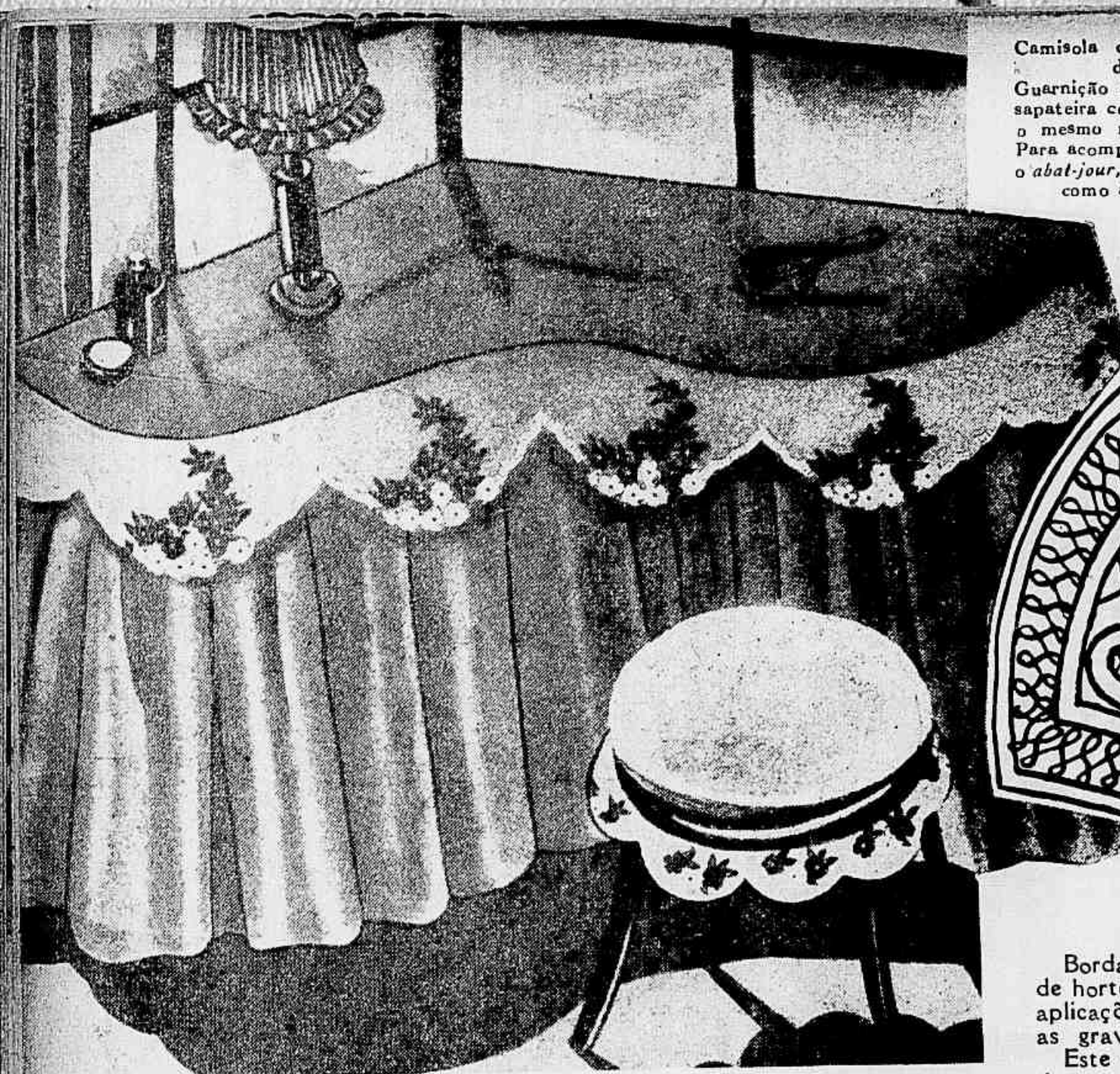
O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Camisola com o mesmo motivo de hortensias.
Guarnição para *toilette* ou mesmo sapateira com a banqueta seguindo o mesmo motivo de hortensias. Para acompanhar o jogo pode fazer o *abat-jour*, com desenho igual, bem como a barra da cortina.



Bordado com motivos de hortensia, para diversas aplicações conforme mostram as gravuras.

Este trabalho pôde ser executado em bordado a matiz em tons de azul até o branco-roseo, e pôde ser feito aplicando em fazenda e recortando as folhas e flores. O centro é feito em ponto *rococó* amarelo, as folhas em dois tons de verde.

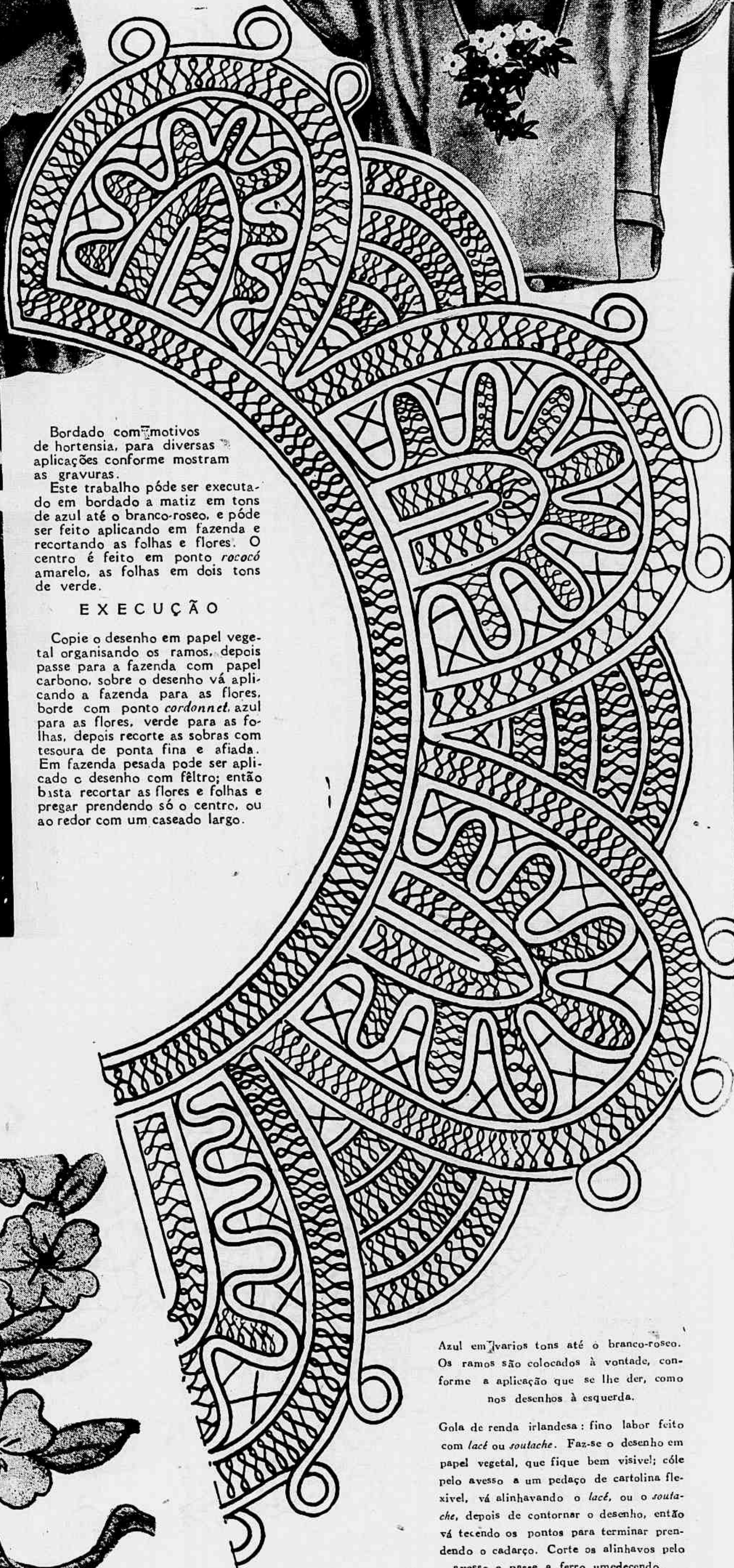
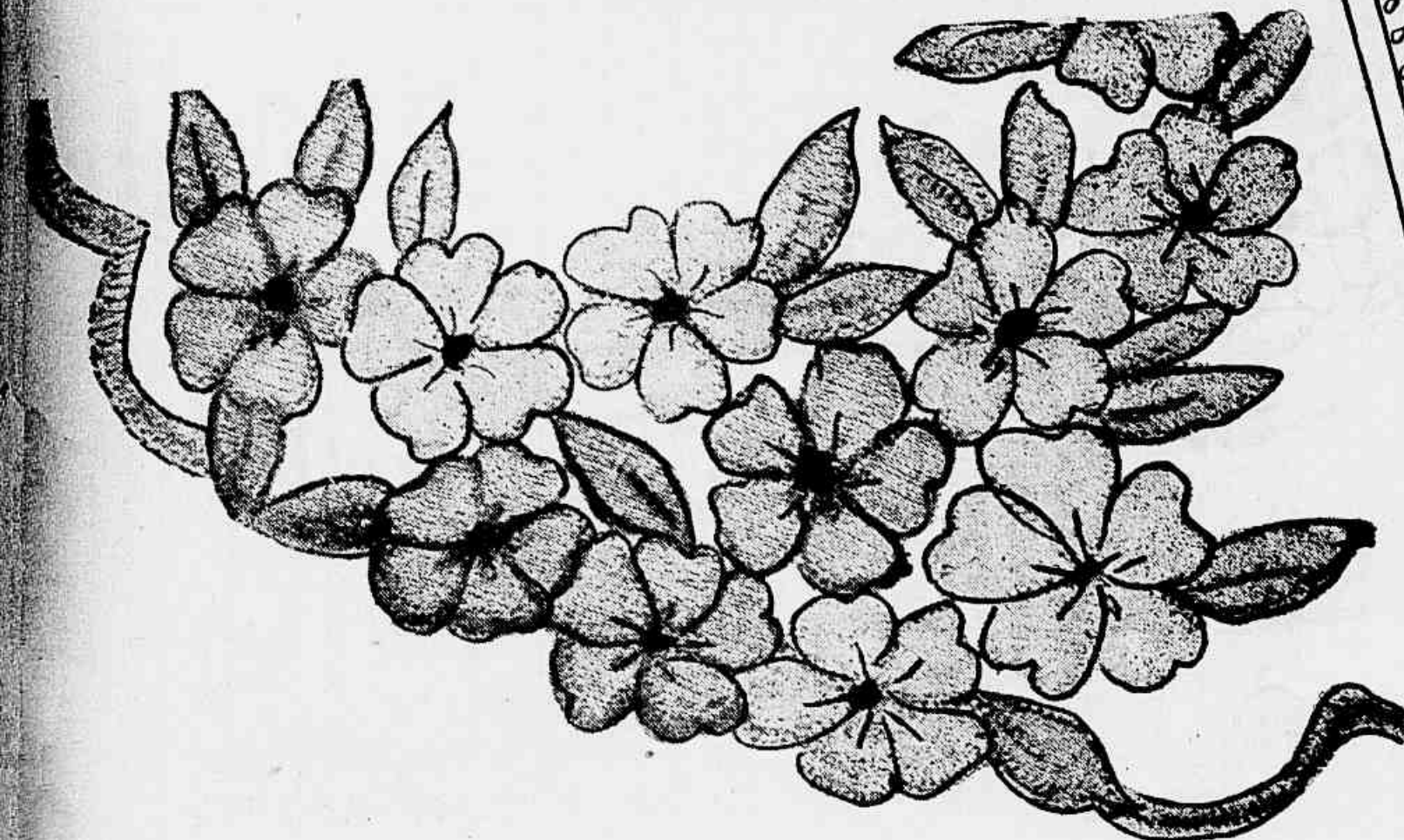
EXECUÇÃO

Copie o desenho em papel vegetal organizando os ramos, depois passe para a fazenda com papel carbono, sobre o desenho vá aplicando a fazenda para as flores, borde com ponto *cordonné*, azul para as flores, verde para as folhas, depois recorte as sobras com tesoura de ponta fina e afiada. Em fazenda pesada pode ser aplicado o desenho com feltro; então basta recortar as flores e folhas e pregar prendendo só o centro, ou ao redor com um caseado largo.



Paninhos para guarnição, com bordado *festonné* no redor.

TRABALHOS MANUAIS



Azul em vários tons até o branco-roseo. Os ramos são colocados à vontade, conforme a aplicação que se lhe der, como nos desenhos à esquerda.

Gola de renda irlandesa: fino labor feito com *lacé* ou *soutache*. Faz-se o desenho em papel vegetal, que fique bem visível; côle pelo avesso a um pedaço de cartolina flexível, vá alinhavando o *lacé*, ou o *soutache*, depois de contornar o desenho, então vá tecendo os pontos para terminar prendendo o cadaço. Corte os alinhavos pelo avesso e passe a ferro umedecendo.

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

de Odorans. Pelo seu alto poder antisséptico e germicida, o dentifício medicinal Odorans impede a fermentação — causa mais comum do mau hálito — e evita as infecções bucais, como piorréia, gengivites, etc.

LINTAS PA 25-0100

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE



**TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE**



DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

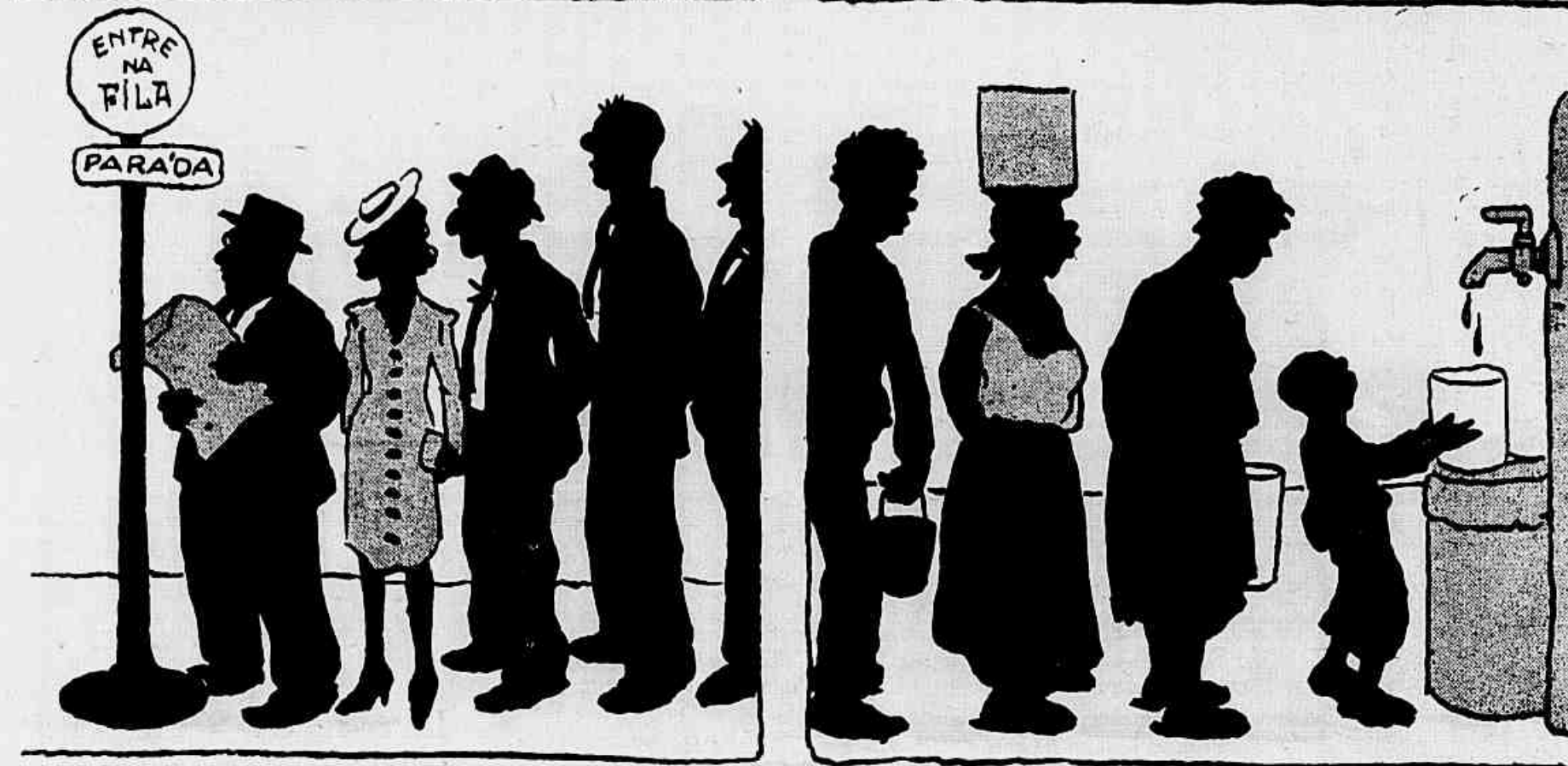
Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$3,00

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Timborosa
O SABONETE DO SÉCULO XX
COM AS PROPRIEDADES GERMICIDAS
DO TIMBÓ E O PERFUME DAS ROSAS
ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR
A CÚTIS E COMBATER A CASPA

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Tudo de pé!



Até o próximo pontapé no "eixo"... e definitivo!



Um escritorio moderno

Muitos julgam, pela finalidade a que se destina um escritorio, que o mesmo deve ter um aspecto simples e sobrio de um laboratório de química, ou de uma sala de espera de hospital.

As pessoas, porém, que pela sua educação artística apurada gostam de trabalhar em um ambiente de bom gosto e conforto poderão se basear no modelo acima para o arranjo de seu escritorio, ou de sua sala de estudos.

Esta peça é uma dependência de um "home" americano, um escritorio oval, mobiliado em estilo moderno, e apresentando nas paredes esta modalidade de arte tão em voga e que tornou celebre Diego de Rivera: a pintura mural.

Assim ornamentado, o escritorio muito melhor se presta aos vagares do estudo e ao trabalho dinâmico que uma peça de paredes nuas, mobiliada com escrivaninhas e cadeiras de aço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Epoca



Cia. de Cigarros Souza Cruz